

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

Bárbara Gonçalves da Silva

Gemini languentes:

estudo e tradução da *Declamação maior VIII* atribuída a Quintiliano

Juiz de Fora

2024

Bárbara Gonçalves da Silva

Gemini languentes:

estudo e tradução da *Declamação maior VIII* atribuída a Quintiliano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Orientadora: Charlene Martins Miotti

Juiz de Fora

2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Silva, Bárbara Gonçalves da.

Gemini languentes : estudo e tradução da Declamação maior VIII atribuída a Quintiliano / Bárbara Gonçalves da Silva. -- 2024.
138 f. : il.

Orientadora: Charlene Martins Miotti

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2024.

1. Declamations maiores. 2. Quintiliano. 3. retórica. 4. metodologias ativas. 5. ensino-aprendizagem. I. Miotti, Charlene Martins, orient. II. Título.

Bárbara Gonçalves da Silva

GEMINI LANGVENTES: ESTUDO E TRADUÇÃO
DA DECLAMAÇÃO MAIOR VIII ATRIBUÍDA A QUINTILIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 17 de setembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Charlene Martins Miotti - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Martin Tobias Dinter
King's College London

Prof. Dr. Biagio Santorelli
Universidade de Gênova

Juiz de Fora, 21/08/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Charlene Martins Miotti, Professor(a)**, em 17/09/2024, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dr Martin Tobias Dinter, Usuário Externo**, em 17/09/2024, às 15:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Biagio Santorelli, Usuário Externo**, em 17/09/2024, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.ufff.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1936680** e o código CRC **861AFA4A**.

Dedico esta dissertação ao meu Amor, por ter segurado as pontas enquanto eu escrevia esta dissertação, e aos meus pais e avós, por terem me concedido o privilégio de ser a primeira, em nossa família, a ter acesso à pós-graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, Charlene Martins Miotti, por todo o apoio, compreensão e dedicação durante todo o mestrado e, principalmente, no período de tradução do objeto de pesquisa e de escrita da dissertação. Agradeço ainda pelo suporte e incentivo para que eu fosse capaz de conciliar a pesquisa junto à atuação profissional na educação básica na rede pública, o que ajuda a fortalecer minha práxis como docente e como pesquisadora. Levarei todos os seus ensinamentos sempre comigo.

Ao professor Martin Dinter (King's College London) e ao Dr. Jefferson Pontes (UFJF), que compuseram a banca de qualificação deste projeto, trazendo críticas construtivas e apontamentos que contribuíram para o melhor desenvolvimento da dissertação. Agradeço também ao professor Dr. Fábio Fortes (UFJF) e à colega Dra. Jéssica Frutuoso Mello (UFJF) pela leitura e debate acerca de meu trabalho, ainda em fase de projeto inicial, no encontro do CirceA e pelas sugestões que auxiliaram na escrita desta versão.

A todo o programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela experiência enriquecedora e transformadora.

Aos professores de Estudos Clássicos que cooperaram com a minha a formação enquanto classicista, em especial ao Adir Fonseca, pelas disciplinas a distância durante a pandemia e pelo auxílio com materiais para que eu estudasse para a seleção do mestrado; à Carol Rocha, por sempre esperar – de forma exigente, mas coerente – o melhor de seus alunos; à Fernanda Cunha, por ter me aturado por tantos anos na Extensão de Estudos Clássicos, construindo o horizonte de expectativa para minha pesquisa na área, e ao Gustavo Frade, pela paciência, afinidade, proximidade e pelo amor às epopeias gregas suscitado em mim.

Aos amigos da área, Ana Clara Vizeu, Gabriel Soares, Isadora Belli, Letícia Miranda, Luiza Diniz e Lydsson Gonçalves, pelo apoio, por dividirem o fardo e por aceitarem participar de algumas empreitadas desse processo comigo. Às alunas da disciplina de Retórica, que participaram da aplicação da sequência didática relatada nesta dissertação. Mais especificamente à Laiene Silva, que de minha aluna no projeto de extensão Boa Vizinhança Línguas: Latim tornou-se colega de área, ao escolher cursar Letras com habilitação em Estudos Clássicos na UFJF, lembrando-me todos os dias o motivo da minha opção pelos Clássicos e por este viés de pesquisa. Aos colegas da extensão universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC), Adílio, Dani, Demartone, Isadora e Rodrigo, pelo suporte durante a seleção do mestrado e por me ajudarem na preparação para as etapas de entrevista e arguição.

Agradeço ao meu pai, Maurílio, à minha irmã, Amanda, e à minha madrastra, Márcia Helena, que, mesmo distantes geograficamente, sempre me apoiaram e incentivaram, muitas vezes acreditando mais em minha capacidade do que eu mesma e também proporcionando um refúgio no litoral para descansar nos períodos de exaustão. Agradeço ao Marcos, à Laís e à Laura por serem minha família do coração e sempre torcerem por minhas vitórias. Agradeço ao Ailton, pelo apoio de sempre e pelo financiamento da minha inscrição para o concurso público do município de Simão Pereira. Graças a isso, cheguei ao fim do mestrado já efetivada como professora de Língua Portuguesa.

Agradeço aos meus cunhados: ao Luan, por ter sido um dos meus primeiros “alunos de greguice”, no projeto de extensão Contos de Mitologia, e pelo interesse genuíno por Mitologia e Antiguidade Clássica; e à Natasha, pela leitura em voz alta de algumas citações que eu precisava digitar nesta dissertação.

Ao meu Amor, Nicolas, por me ouvir e acalmar nos dias difíceis, por me fazer rir quando eu precisava, por trocar ideias sobre a parte pedagógica da dissertação, por assumir as responsabilidades pela obra da nossa casinha enquanto eu escrevia; mas, acima de tudo, por ser a melhor pessoa que eu poderia ter conhecido no mundo todo.

À minha Mãe, a pessoa sem a qual nada seria possível. Agradeço por acreditar nos meus sonhos desde o início e por nunca desistir de mim. Seu apoio, incentivo e investimento em minha educação fizeram com que eu soubesse que nada é mais precioso do que isso e fizeram com que eu escolhesse, todos os dias – mesmo naqueles em que é quase impossível –, acreditar que, por meio da educação e do afeto, eu poderia transformar vidas. Obrigada também por todos os dias que você fez chá, bolo e almoço para que eu me alimentasse direito e não adoecesse enquanto escrevia este trabalho.

Ao *vô* Laerte, ao *vô* Manoel, à *vó* Cida e à tia Laércia por todo amor que recebi e por serem meus intercessores no plano espiritual, cuidando de mim junto dos anjos.

À Universidade Federal de Juiz de Fora, por ser um modelo excelente de educação pública e de qualidade, e à FAPEMIG, pelo incentivo financeiro que permitiu maior dedicação à pesquisa.

*Amo as ruínas
Não pelo passado
- De passado não me curo -
Amo as ruínas
Pelo que têm de futuro
(Brandão, Jacyntho Lins, 2020, p. 53)*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a tradução e a análise da *Declamação Maior VIII* atribuída a Quintiliano, *Gemini Languentes*. Esse discurso faz parte do corpus que compõe as *Declamações Maiores*, formado por 19 discursos jurídicos fictícios escritos entre os séculos II e IV EC. Esse texto retrata uma acusação, por parte de uma mãe de gêmeos, contra seu marido, indiciado por maus-tratos. De acordo com o declamador, os irmãos são acometidos por uma mesma doença, a qual todos os médicos, exceto um, afirmaram não serem capazes de curar. O médico que foi contrário à fala dos outros, garantiu ao pai que poderia salvar um dos filhos, se esse, por sua vez, autorizasse a dissecação e a análise dos órgãos do outro. Por fim, o único filho que chega a falecer é o que o próprio médico assassinou, tendo o outro sobrevivido, o que leva à acusação da esposa. Desse modo, para além da tradução, o estudo do presente texto apresenta o debate acerca dos temas abordados nesta declamação – como a relação familiar, em especial a paternidade e o matrimônio, na Roma imperial, além da questão ética no exercício da medicina – e também no compêndio como um todo e suas possíveis contribuições para o polissistema literário e acadêmico brasileiro. Então, propõe-se ainda formas de aplicações pedagógicas, por meio de uma sugestão de sequência didática e de um relato de experiência de aplicação de SD no estágio docente da autora da dissertação, com a finalidade de contribuir de maneira inovadora e diversificada para a educação das novas gerações, visando sua formação não só escolar como também cidadã.

Palavras-chave: *Declamationes maiores*; ensino-aprendizagem; metodologias ativas; Quintiliano; retórica.

ABSTRACT

The present research aims at translating and analyzing the 8th Major Declamation ascribed to Quintilian, entitled as *Gemini Languentes*. This speech is a part of the corpus of the Major Declamations, which consists of 19 fictional legal speeches written between the II and IV century CE. This text depicts an accusation made by a mother of twins against her husband, who was indicted for mistreating his sons. According to the declaimer, the twins both suffer from the same disease, which doctors, with the exception of one, claim being unable to cure. The doctor with the differing medical opinion assured the father that he would be able to save one of the sons, if the father, in turn, allowed the dissection and analysis of the other twin's organs. In the end, the only son that dies is the one killed by the doctor, leaving the other one to survive, which leads to the wife's accusation. Therefore, in addition to the translation, the study developed in this present text introduces the discussion about the themes addressed on the declamation in question - for instance, the family relations, especially those regarding paternity and marriage, in the Roman Empire, as well as the ethical issue of medical practices - and in the corpus as a whole and its potential contributions to the academic literary Brazilian polysystem. Furthermore, there is the proposal of methods of pedagogical practices, through the suggestion of a Teaching Sequence (TS) besides an experience report of the application of the TS during the teaching internship of the thesis' author, both for the purpose of contributing for the education of the new generations in an innovative and diversified way, aiming to promote not only their educational but also civic development.

Keywords: *Major Declamation*; teaching-learning; active methodologies; Quintilian; Rhetoric.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	- Produção/tradução de material didático para o ensino de latim no século XX no Brasil	15
Quadro 1	- Estrutura e conteúdo da <i>DM 8</i>	24
Quadro 2	- Habilidades e competências que devem ser desenvolvidas a partir do trabalho com oralidade em sala de aula	80
Figura 1	- Esquema da sequência didática	82
Quadro 3	- Componentes circulares de Itinerários Formativos do Novo Ensino Médio passíveis de aplicação da SD	84
Quadro 4	- Sugestões de componentes e/ou disciplinas para aplicação da SD com número de aulas e campos de atuação pertinentes à disciplina para desenvolvimento da atividade	88
Quadro 5	- Programa e bibliografia do curso de Tópicos de Literatura Latina: Retórica (LEC152 – Departamento de Letras) da Universidade Federal de Juiz de Fora	99
Quadro 6	- Argumento do caso utilizado para o júri simulado	101
Figura 2	- Disposição da sala para performance do júri simulado	103
Quadro 7	- Balanço geral acrescentado à avaliação acerca da performance dos grupos	110

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	O LUGAR DAS DECLAMAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE	14
3	GEMINI LANGVENTES: A DECLAMAÇÃO MAIOR VIII	23
3.1	A TEMÁTICA DA DOENÇA NA <i>DECLAMAÇÃO MAIOR VIII</i>	25
3.2	O PROCESSO TRADUTÓRIO	32
4	TRADUÇÃO DA <i>DECLAMAÇÃO MAIOR VIII</i>	35
5	APRENDENDO COM AS ESCOLAS DE RETÓRICA DA ANTIGUIDADE: PRÁTICAS DE ORALIDADE NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA	71
5.1	METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM E A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA	71
5.2	MULTILETRAMENTOS E ORALIDADE EM SALA DE AULA	75
5.3	SOBRE A FORMAÇÃO DO ORADOR E O GÊNERO DECLAMATÓRIO COMO PRÁTICA EDUCACIONAL	77
5.4	UM INOVADOR MÉTODO ANTIGO DE ENSINO: PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA	81
5.4.1	Apresentação da situação e produção inicial	92
5.4.2	Módulo I	93
5.4.3	Módulo II (opcional)	93
5.4.4	Módulo III (opcional)	94
5.4.5	Módulo IV	95
5.4.6	Módulo V	95
5.4.7	Módulo VI	96
5.4.8	Produção final	96
5.5	RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DOCENTE	97
5.5.1	A inserção da SD na disciplina de Tópicos de Literatura Latina: Retórica	98
5.5.2	<i>Inuentio et dispositio</i>: preparação para o júri simulado	100
5.5.3	<i>Elocutio</i>: elaboração dos discursos por parte dos grupos	101
5.5.4	<i>Actio</i>: a performance do júri simulado	102
5.5.4.1	<i>Advogadas de acusação (promotoras) acusam a ré</i>	103
5.5.4.2	<i>Advogadas de defesa defendem a ré</i>	104
5.5.4.3	<i>Réplica da acusação com intervenção das testemunhas</i>	105
5.5.4.4	<i>Tréplica da defesa com participação das testemunhas</i>	107

5.5.4.5	<i>Balanço geral da performance do júri</i>	109
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
	REFERÊNCIAS	114
	APÊNDICE A – Glossário	119
	APÊNDICE B – Slides utilizados na disciplina para aplicação da SD	124
	APÊNDICE C - Organização estrutural do júri simulado	130
	APÊNDICE D - Tabela de feedback do júri simulado	131
	APÊNDICE E - Textos de abertura, organização e finalização de sessão do júri simulado lidos pelo juiz presidente com rubricas	133
	ANEXO A - Cronograma da disciplina Tópicos de Literatura Latina: Retórica (LEC152 - Departamento de Letras) da Universidade Federal de Juiz de Fora em 2023.1	135

1 INTRODUÇÃO

O gênero retórico teve papel fundamental na educação romana, com o objetivo de formar os cidadãos tanto para sua atuação pública, tal como nas assembleias e no senado, como para a vida privada. Para a concretização desse propósito, em sua *Institutio Oratoria* (Pereira, 2000, p. 87), Quintiliano (30-96 da era comum) defende que, desde que já tivessem desenvolvido as capacidades de leitura e escrita, as crianças deveriam ser entregues aos cuidados de um *grammaticus* (mestre voltado para o ensino do “bom uso” da linguagem e da literatura) para, posteriormente, serem encaminhadas ao rétor (mestre de eloquência).

Para tornar possível esse intuito, havia, então, a elaboração de métodos que auxiliavam os rétores no processo educacional da sociedade, tendo como ponto central a produção e a performance de textos retóricos, tais obras são chamadas de declamações. Dentre elas, encontram-se as *Oratorum et Rhetorum Sententiae, Diuisiones, Colores (Controuersiae et Suasoriae)* de Sêneca, o Velho (54 AEC1-39 EC), os *Excerpta Declamationum* de Calpúrnio Flaco (séc. II EC), as *Declamationes Minores*, conjunto de 145 fragmentos de discursos, provenientes de uma coleção de 388, que chegaram à atualidade e as *Declamationes Maiores*, conjunto de dezenove discursos jurídicos fictícios, de acusação e defesa, – ambos *corpora* atribuídos a Quintiliano –, produzidos durante o período imperial romano e de grande importância para os estudos retóricos, uma vez que foram os únicos discursos pertencentes ao gênero declamatório que chegaram completos à contemporaneidade.

Durante o governo imperial em Roma, no entanto, houve uma alteração no papel social da oratória e, por consequência, do gênero declamatório. Ao contrário do período republicano, no qual a retórica desempenhava grande papel político e social, sendo capaz de interferir diretamente em decisões relacionadas à República, no contexto de regime imperial, foram os discursos retóricos epidícticos que vivenciaram um momento de ascensão.

Como se sabe, na República da época de Cícero, a boa oratória era primordial para o exercício de cidadania, porque os discursos eram feitos nos tribunais para defender posições políticas e influenciar nas questões de Estado, contando com a participação dos senadores nas votações. Com a transição da República para o Império e o poder concentrado nas mãos do imperador, houve uma mudança de paradigma na função político-social da oratória em Roma: constata-se certo esvaziamento das modalidades judicial e deliberativa (consequentemente, ascende a modalidade epidíctica), em virtude do enfraquecimento da figura da aristocracia romana na tomada de decisões (mesmo que essa elite não tenha perdido, efetivamente, o seu prestígio social) (Miotti; Furtado, 2024, p. 142).

Esse gênero é dividido em dois subgrupos, as *suasoriae*, que são discursos deliberativos, e as *controuersiae*, que, por sua vez, são textos elaborados para emular um discurso judicial, baseado ou não em leis existentes no período imperial romano, e às quais as *Declamações Maiores* pertencem. Tais discursos podem ser de acusação ou defesa, narrados em primeira ou terceira pessoa, a depender da descrição necessária ao caso (Furtado, 2016, p. 7) e apresentam uma estrutura específica dividida em: *exordium*; *narratio*; *argumentatio*, a qual é subdividida em *confirmatio* e *refutatio*; e *peroratio* (Furtado, 2016, p. 19).

Por fim, é relevante salientar que, embora atribuídas a Quintiliano, a questão da autoria perpassa os textos pertencentes às *Declamações Maiores*. Isso ocorre por não haver indícios suficientes para atestar essa autoria e também por ter sido possível concluir que foram compostos, provavelmente, entre os séculos II a IV EC¹, o que corrobora a hipótese de que tais textos, na verdade, tenham sido escritos por discípulos, mestres e alunos da escola de retórica de Quintiliano e, posteriormente, editados, organizados e reunidos, conforme Lewis Sussman (1987, p. 10) e Anthony Corbeill (2016, p. 13) sugerem.

¹ EC.: era comum.

2 O LUGAR DAS DECLAMAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

A literatura traduzida estabelece dois tipos de relações, segundo Itamar Even-Zohar,

(a) na maneira em que seus textos-fonte são selecionados pela literatura alvo, dentro de princípios da seleção que nunca deixam de ser relacionados com o co-sistema nativo da literatura-alvo (para se dizer da forma mais cuidadosa possível); e (b) na maneira em que adotam normas, comportamentos e políticas específicos – em suma, em seu uso do repertório literário – que resultam de suas relações com os outros co-sistemas nativos (Even-Zohar, 2012, p. 3).

Nesse aspecto, propomos, nesta seção, uma análise de ambas as relações com base nos textos das *Declamações Maiores* e sua ligação com o polissistema literário e acadêmico brasileiro no século XXI. Aqui, entendemos que polissistema é

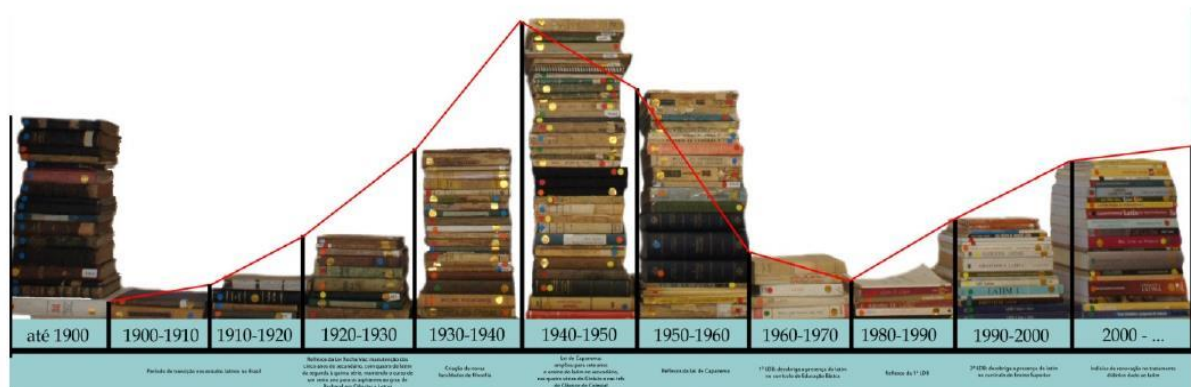
mais que uma convenção terminológica. Seu propósito é tornar explícita uma concepção do sistema como algo dinâmico e heterogêneo, oposta ao enfoque sincronístico. Desse modo, enfatiza a multiplicidade de interseções e, a partir disso, a maior complexidade na estruturação que isso implica. Salienta ainda que, para que um sistema funcione, não é necessário postular sua uniformidade. Uma vez reconhecida a natureza histórica de um sistema (um grande mérito na hora de construir modelos mais próximos ao “mundo real”), impede-se a transformação dos objetos históricos em seres de acontecimentos a-histórico sem coesão entre si (Even-Zohar, 2013, p. 3-4).

Durante o período colonial brasileiro, os estudos clássicos foram inseridos na educação jesuíta, de foco humanista, nas escolas que aqui existiam. Contudo, sabemos que essa educação era voltada para os filhos dos portugueses, principalmente pertencentes às camadas nobres da população que viviam no país, ou seja, de cunho elitizado e excludente, uma vez que o caráter universal da educação básica só vem a ser estabelecido na Constituição Cidadã (Brasil, 1988, art. 6º) e concretizado por meio da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 (Brasil, 1996, art. 2º).

No século seguinte ao processo de Independência do Brasil, o latim e os estudos clássicos se mantiveram na educação brasileira durante as primeiras décadas. Porém, a Lei de Capanema (1942) e, anos depois, a Lei de Diretrizes e Bases (1961), a partir da premissa de tornar o ensino acessível a todas as camadas da população brasileira, converteram o ensino de latim, assim como das literaturas de língua latina, em conteúdo opcional na educação básica brasileira, o que, na prática, resultou na retirada do latim de grande parte das escolas como também na restrição da parcela populacional que tinha acesso a essa língua e à cultura ligada a ela (Amarante, 2017, p. 91-92).

Com a retirada da obrigatoriedade do latim da educação básica, entre as décadas de 1960 e 1990, há, como consequência das alterações na legislação nacional, uma forte redução no desenvolvimento de obras e materiais didáticos voltados para o ensino dessa língua (Santos Sobrinho, 2013, p. 99). Em tese defendida por José Amarante Santos Sobrinho, encontra-se um gráfico desenvolvido com base em suas pesquisas sobre legislação e prefácios de obras didáticas de latim, o qual demonstra, de maneira mais evidente, o decréscimo nessa produção. Ele é reproduzido como Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1 – Produção/tradução de material didático para ensino de latim no século XX no Brasil



Fonte: Santos Sobrinho (2013, p. 99).

Em relação ao gráfico, o autor aponta ainda que

Certamente, não estão aqui todos os métodos para aprendizagem do latim em circulação no Brasil do último século, nem todas as edições de cada obra. Houve períodos de tanta produção didática para a língua latina no Brasil, que algumas obras registram um número surpreendente de edições, um sucesso editorial, portanto. Mas podemos dizer que o acervo representa quase a totalidade de materiais publicados, já que estão aí retratadas, conforme detalharemos mais à frente, as produções didáticas de grandes nomes do ensino de latim no Brasil e de outros de expressão menor, além de constarem no gráfico obras estrangeiras que por aqui circularam.

Não foi, pois, um acervo adquirido, a princípio, a partir de um levantamento exaustivo. Além das obras preexistentes que tínhamos, e das que iam ser descartadas, o acervo foi se formando a partir de doações de colegas e de alunos. Após a catalogação desses materiais, contudo, sentimos necessidade de incluir algumas obras complementares, representativas do ensino de latim no Brasil [...] (Santos Sobrinho, 2013, p. 99-100).

Apesar de não constarem no diagrama todas as produções voltadas para o ensino de latim produzidas e divulgadas durante todo o século XX no Brasil, a falta de disponibilidade e

o acesso restrito a elas demonstram, então, o contraste com a elaboração de materiais similares nas décadas anteriores e posteriores a essas. Essa diminuição de produção e distribuição de materiais de ensino de línguas clássicas corrobora um acesso cada vez mais restrito da população a essas línguas e culturas, o que pode auxiliar no enfraquecimento das pesquisas nessa área, já que restringe o número de pessoas que têm acesso a ela e, conseqüentemente, se interessam em desenvolver pesquisas relacionadas a esse conteúdo.

Isso, então, culmina, já na década de 1990, com a Lei de Diretrizes e Bases de 1996, a qual, em defesa da autonomia universitária, promulga que as instituições devem ter a liberdade para criar, modificar ou excluir cursos de sua própria grade:

Fica, então, a cargo das instituições universitárias o desenho de seus cursos e de seus programas. Assim, contrariando a Comissão, que indicava que no ensino superior o latim deveria “ser reabilitado em sua qualidade de matéria plena”, a disciplina vai também perdendo seu espaço nesse nível de ensino, ficando resguardado grosso modo às instituições públicas, que não raciocinam por objetivos mercadológicos, e a raríssimos casos de instituições privadas, que, por escolha, mantêm a disciplina no currículo (Amarante, 2017, p. 101).

Entretanto, após a instituição da LDB de 1996, talvez como forma de reação aos percalços enfrentados pelos estudos clássicos ou como reflexo do amadurecimento da área no Brasil, há um maior investimento na produção de materiais didáticos, de acordo com Amarante (2017), o que também é possível avaliar por meio do Gráfico 1. Isso acarreta, portanto, a ampliação dos estudos e pesquisas dedicados ao campo do classicismo e modifica o paradigma vivenciado pelas línguas e literaturas clássicas no Brasil até então. Com maior enfoque nas pesquisas voltadas não só à língua e à literatura como também ao seu ensino, passamos a ter maior projeção da área de estudos clássicos no âmbito acadêmico e também fora dele.

Temos, ainda, uma outra modificação no cenário que se institui a partir da produção literária e audiovisual da chamada cultura *pop* que, desde a virada do milênio, tem, a cada dia, inserido mais temáticas do universo clássico em suas produções, como a mitologia e até mesmo as línguas clássicas. Tais fatos podem ser observados na profusão de séries e filmes voltados, principalmente, ao público jovem-adulto que apresentam elementos relacionados à Antiguidade Clássica — tanto em relação a aspectos das línguas latina e grega quanto à cultura e à literatura —, como as sagas *Harry Potter* (2000) e *Percy Jackson e os Olimpianos* (2009), as séries televisivas *O mundo sombrio de Sabrina* (2020) e *Desventuras em Série* (2017), entre muitas outras. Com isso, faz-se importante termos em mente que o conceito de “cultura *pop*” se

diferencia do conceito de “cultura popular” para nós, falantes de língua portuguesa, neste contexto. Isso se dá, pois

Temos, então, no contexto da língua inglesa, o “pop” como o “popular midiático” em consonância com os ecos das premissas conceituais da “pop art”. Estas aproximações norteiam o uso do “pop” e também fazem pensar que a principal característica de todas as expressões é, deliberadamente, se voltar para a noção de retorno financeiro e imposições capitalistas em seus modos de produção e consumo. Estas acepções se diferenciam quando chegamos ao contexto da língua portuguesa, em que também se usa a expressão “pop”, aqui também se referindo à mesma ideia de “popular midiático” original, no entanto, ao nos referirmos ao conceito de “popular”, temos uma ampliação do espectro de atuação das noções semânticas: o “popular”, na língua portuguesa, pode se referir tanto ao “popular midiático” ao que nos referirmos anteriormente, mas também – e de maneira mais clara e detida – ao “popular” como aquele ligado à “cultura popular” (ou folclórica) e que na língua inglesa não se chama de “popular”, mas sim de *folk*. Então, ao mencionarmos a ideia de “cultura popular”, em língua portuguesa, estamos nos referindo a duas expressões: a da cultura folclórica, mas também, aquela que chamamos de “cultura pop” ou a “cultura popular midiática/massiva” (Soares, 2015, p. 18-19).

Deste modo, percebemos que a inserção da literatura produzida na Antiguidade Clássica no polissistema literário — tanto brasileiro quanto estrangeiro — se dá, atualmente, em grande medida, por meio de (e motivada por) adaptações e versões produzidas para a cultura *geek*, que está inserida no contexto da cultura *pop*. Assim, observamos, de maneira efetiva, uma modificação no polissistema literário, o que gera um maior público interessado nas línguas e literaturas antigas e, conseqüentemente, em temas relativos a elas, propiciando, por sua vez, um número ainda maior de pessoas interessadas nos estudos da área de classicismo e, em decorrência disso, amplia-se a quantidade de temáticas possíveis para o desenvolvimento de pesquisas dessa área sob perspectivas diferentes.

Por outro lado, é perceptível ainda o aumento considerável de instrumentos de divulgação da área de Estudos Clássicos, sendo vinculados ou não à academia, o que também demonstra uma multiplicidade de indivíduos dispostos a consumir e a produzir determinados artigos e conteúdos voltados para este tipo de divulgação. Bárbara Silva *et al.* (2021), em relação ao seu trabalho, durante o período pandêmico, de divulgação literária da Antiguidade Clássica no *Twitter*, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora, apontam que

A página do projeto (@contosmitologia), criada em maio deste ano, conta atualmente com 143 seguidores. Pelo perfil, percebemos que alguns são professores e alunos da área de Estudos Clássicos, não só da UFJF, mas de outras instituições, além de universitários de outras áreas. Mas há também muitas pessoas de fora do meio acadêmico, interessadas no tema, que marcam seus amigos nas publicações, compartilham e comentam as postagens com frequência e respondem aos testes propostos. Embora ainda seja uma experiência muito recente, entendemos que temos cumprido o objetivo proposto durante este período de distanciamento social (Silva *et al.*, 2021, p. 47).

Ainda, como outros exemplos, é possível citar as páginas, na rede social *Instagram*, dos projetos Espelunca Clássica², administrada por Felipe Marques, doutorando em Letras Clássicas pela UFRJ, e Myodora, designer e ilustradora; e Vitrola da Roma Antiga³, administrada por Danilo Julião, doutorando em Letras Clássicas pela UFRJ. Há ainda outros projetos em diferentes mídias sociais, como a radionovela *A Eneida é uma Fanfic*⁴, produzida por Isadora Ramalho, mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal do Ceará, e *Noites Gregas*⁵, narrado por Cláudio Moreno, doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e com produção de Filipe Speck, jornalista, estando ambos disponíveis no *Spotify*; e também os canais de Rafael Silva⁶ e Gelbart Silva⁷, no Youtube. Esses são apenas alguns poucos exemplos dos inúmeros projetos intermediários nacionais interessados na divulgação literária e acadêmica da área de Estudos Clássicos., todavia, somente com esta enumeração, já é possível notar a crescente evidência que este nicho tem experimentado no polissistema, por meio de novas ferramentas e formatos de mídias.

Além disso, é necessário enfatizar que o maior investimento público na Educação possibilita a distribuição de bolsas de estudo para pós-graduação, a contratação de professores com formação na área de estudos clássicos, a ampliação e a criação de universidades, o estabelecimento de novos *campi* em mais regiões do país e a efetivação de projetos voltados para a formação acadêmica e para a difusão de produções universitárias, o que contribui diretamente para o maior acesso da população ao meio acadêmico e para o fortalecimento da estabilidade daqueles que têm interesse em seguir nessa carreira.

² Disponível em: <https://www.instagram.com/espelunca.classica>. Acesso em: 06 mar. 2023.

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/vitroladaromantiga>. Acesso em: 06 mar. 2023.

⁴ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0SeK0XrIpoN1yCAfTDSjFk?si=a0b771e8c20e48d3>. Acesso em: 06 mar. 2023.

⁵ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/5Z3h3reDjsf7DxTVEitnu2?si=b4d0f96a9c6446df>. Acesso em: 06 mar. 2023.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/@RafaelSilvaLetras>. Acesso em: 06 mar. 2023.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/@prof.gelsilva>. Acesso em: 06 mar. 2023.

Isso faz com que tenhamos um ciclo que pode sustentar a si mesmo: enquanto as produções da cultura *pop* com temáticas clássicas aumentam em quantidade, amplia-se também o número de indivíduos interessados nessa área e em seu conteúdo, o que, por fim, acresce proporcionalmente o número de pesquisas e pesquisadores com objetos de produções e pesquisas influenciados pelas demandas internas e externas à academia. Ao produzir mais pesquisas e materiais voltados para um público contemporâneo, dentro do próprio universo acadêmico, motiva-se o aumento de estudantes e pesquisadores para essa área.

Nesse sentido, temos considerado esse período de retomada consciente dos estudos latinos entre nós, como um período heroico redivivo, uma tentativa, ora isolada, ora congregada, de estabelecer propostas para uma aprendizagem do latim numa perspectiva mais crítica em relação ao objeto do ensino (Santos Sobrinho, 2013, p. 157).

Com essa alteração no contexto literário no Brasil, as perspectivas acadêmicas em relação aos estudos da Roma Antiga são, concomitantemente, influenciadas. Isso, então, altera o cenário para as pesquisas relacionadas à prosa imperial, à retórica e à oratória e também às *Declamações Maiores*.

Tal fato faz-se plausível de avaliar em decorrência do diligente alargamento do número de traduções e estudos sobre o gênero declamatório nos últimos anos, orientados e coordenados por Charlene Miotti (Universidade Federal de Juiz de Fora), Pablo Schwartz Frydman (Universidade de São Paulo), Gilson Charles dos Santos (Universidade de Brasília), Artur Costrino (Universidade Federal de Ouro Preto), David Pessoa Lira (Universidade Federal de Pernambuco), dentre outros, relativos ao gênero declamatório produzidos em português brasileiro nos últimos anos, dentre os quais podemos citar, como já publicados: *Declamação Maior 12 de Pseudo-Quintiliano: os que se alimentaram de cadáveres* (2016) e *Declamações Maiores I e II de Pseudo-Quintiliano: Tradução e Estudo* (2019) de Fernando Miranda Fiorese Furtado, *Talis actor, qualis orator: encenando o discurso oratório* (2017) e *O exercício do horror: modelos de teatralidade trágica nos Excerpta Declamationum de Calpúrnio Flaco e nas Declamationes Minores de Pseudo-Quintiliano* (2021) de Jefferson da Silva Pontes, *Remedium amoris mulier inuenit: o papel da meretrix e a magia nas Declamationes Maiores atribuídas a Quintiliano* (2020) de Beatriz Rezende Lara Pinton, *Incesto, tortura e silêncio: um caso de família na Declamação maior 18, de Pseudo-Quintiliano* (2020) e *Justificando a tortura: o discurso de um pai que assassinou o próprio filho (Declamatio maior 19)* (2021) de Ana Clara Vizeu Lopes e Charlene Martins Miotti (2020) e *Castidade, poesia e declamação: comentários ao excerto 6,8 das controvérsias de Sêneca, o velho* de Artur Costrino e Leticia

Maria Quintella Viana (2020). Também temos as pesquisas de mestrado *SEPVLCRVM INCANTATVM: tradução da Declamação Maior 10 atribuída a Quintiliano* (2023) de Leticia Machado Miranda (Universidade Federal de Juiz de Fora), *METVO NE PATREM DVM MORIOR OCCIDAM: tradução e análise intertextual da Declamação Maior 4 atribuída a Quintiliano* (2023) de Isadora de Souza Belli (Universidade Federal de Juiz de Fora) – finalizadas e publicadas no Repositório Institucional da Universidade Federal de Juiz de Fora – e, ainda em andamento, *O Riso Ciceroniano no Teatro da Corte Renascentista: a recepção do Sobre o Orador de Cícero n’O Cortesão (1528) de Baldassare Castiglione* de Gabriela Soares de Moura (Universidade Federal de Ouro Preto). Por fim, podemos citar ainda alguns projetos de pesquisa e/ou extensão e grupos de pesquisa, como *Retórica e poética na Roma Imperial* (2020 - atualmente), *Retórica e Oratória na Roma Republicana (I): Estudo e Tradução de Cícero* (2017 - 2019) e *Retórica e argumentação no Ensino Fundamental* (2022 - atualmente), coordenados pelo professor Gilson Charles dos Santos na UnB, *Horresco referens: estudo e tradução de casos nefandos nas declamações latinas* (2020 - atualmente), coordenado pela professora Charlene Martins Miotti na UFJF.

Além disso, um outro ponto de modificação em relação ao contexto anterior é o fato de estarem em ascensão os estudos acerca de metodologias de ensino que sejam uma alternativa ao modelo tradicional de educação implementado até então na maioria das escolas do país. Esta situação também é um ponto que respalda os estudos do gênero retórico romano, através das *Declamações* atribuídas a Quintiliano, já que seu uso era, primordialmente, em escolas de retórica, ambiente no qual ensinava-se a argumentação aos alunos de maneira prática e ativa.

O questionamento acerca da educação tradicional e passiva, por parte dos alunos, já vinha sendo levantado. Entretanto, durante a pandemia de COVID-19, essas questões tornaram-se ainda mais urgentes, pois foi possível perceber que a maioria dos alunos da educação básica – e até mesmo da superior, em diversos casos – não tinha habilidades desenvolvidas para estudar de maneira autônoma e eficaz, dependendo, portanto, da presença e cobrança constantes por parte do professor e/ou gestor acadêmico.

Por sua vez, as *Declamações Maiores*, por serem discursos forenses fictícios aplicados em aula durante o período imperial romano, revertem-se em um conteúdo de extrema utilidade para o novo modelo de educação que se propõe a colocar o discente como um sujeito ativo em seu próprio processo de aprendizagem. Inclusive, a sua proximidade com a metodologia ativa do júri simulado, já aplicada em diversas instituições na contemporaneidade, é evidente – um exemplo de aplicação de tal método é visto no relato de experiência de Alessandra Rolle (2017). Isso aprimora ainda mais o diálogo e a necessidade de sua inserção nas pesquisas acadêmicas

voltadas tanto para a literatura como para o ensino, não só de latim e literaturas clássicas, mas também da tipologia argumentativa na educação básica e superior, visto que a remodelação do ambiente escolar da atualidade faz-se necessária para tornar o aluno um cidadão crítico e inserido na sociedade, a partir de sua função profissional e social, como afirmam Léa Anastasiou e Leonir Alves (2004).

Essas mudanças nos âmbitos literário e educacional brasileiros influenciam diretamente na transição do gênero declamatório de pouco focado pelo meio acadêmico para um objeto de interesse para as pesquisas em diversas vertentes, o que constata Even-Zohar ao afirmar que a opção por traduzir ou não um texto de uma língua fonte para uma língua meta perpassa o contexto da obra original e, ainda mais, o da língua para a qual o texto será traduzido.

É interessante refletir também acerca do impacto que a tradução deste gênero poderá ocasionar, pois, ao tornar-se acessível para o público que não domina a língua latina, novas possibilidades poderão ser criadas com base no gênero declamatório, como a possibilidade de aplicá-lo em aulas que visem à formação argumentativa e retórica dos alunos através, por exemplo, da aplicação do júri simulado com os casos narrados nas declamações traduzidas; outro potencial do gênero é auxiliar na reflexão, tanto em sala de aula como fora dela, das questões ali levantadas, principalmente, nas declamações que apresentam temáticas que perpassam o cotidiano da sociedade contemporânea, como relacionamento familiar – *Declamações Maiores VIII e X* –, disputas de classe – *Declamação Maior XIII* –, entre outras.

Para além disso, pode-se, do mesmo modo, refletir acerca do uso de temas fantasiosos e ficcionais nas DM, o que, em momentos distintos, foi questionado pelo próprio Quintiliano e por estudiosos modernos, segundo Sussman (1987, p. vi), pois, pelo fato de o gênero declamatório ter como objetivo a formação de oradores para situações da vida social romana, acreditou-se que os temas nele retratados deveriam ser retratos fiéis de situações cotidianas reais. Todavia, há, nas próprias DM e em outros textos do mesmo gênero, narrativas fantasiosas ou sobrenaturais, como o caso da mãe que tem contato com o espírito do filho morto, na *Declamação Maior X*, ou da meretriz que ministra uma poção de ódio em um cliente apaixonado, DM 14 e 15.

Assim, como afirma Pablo Frydman (2004, p. 10)

[...] pelo fato de não fazerem parte do campo tradicionalmente mais livre da poesia, nem de serem tampouco redutíveis à simples função ancilar do exercício escolar, colocava-as em um “não-lugar”. Essa orfandade, no entanto, resultou em um vazamento da retórica escolar sobre os outros gêneros discursivos. Nesse processo, é todo o campo da eloquência que se toma “declamatório”.

Desta forma, os textos pertencentes a esse arcabouço podem contribuir com diversos debates que integram a atualidade das mais variadas maneiras e de forma mais distanciada por se tratar de um gênero pertencente à antiguidade, o que faz com que o olhar da sociedade seja mais afastado e, conseqüentemente, mais sóbrio. Assim, a partir do afastamento histórico e cultural e também do uso da fantasia e da ficção enquanto recursos discursivos, a essa literatura pode auxiliar na resolução de conflitos e na contemplação social, desenvolvendo empatia e diferentes visões de mundo fundamentadas em outras perspectivas, o que reforça a abertura para novos diálogos e mudanças na comunidade em decorrência disso. Logo, tais pontos confirmam também o que Even-Zohar coloca sobre o que é gerado a partir da associação do texto traduzido com os outros co-sistemas nativos.

3 GEMINI LANGVENTES: A DECLAMAÇÃO MAIOR VIII

A *Declamação Maior VIII* é uma acusação de uma mulher contra seu marido, portanto, pertencente ao grupo das *controuersiae*. De acordo com o discurso, o casal teve filhos gêmeos, os quais, segundo médicos consultados, padeciam de uma mesma doença, que, de acordo com a maioria dos médicos, era irremediável. Contudo, um único médico garantiu aos pais que, se fosse autorizado a dissecar um dos irmãos e examinar seus órgãos e sistemas internos, descobriria a cura para a doença do outro. Por isso, o pai autorizou que o médico fizesse a dissecação. Então, um de seus filhos foi morto. O outro filho, contudo, sobreviveu, apesar de a doença nunca ter sido descoberta e ele nunca ter sido submetido a nenhum tipo de tratamento. Desse modo, a esposa vai a júri em acusação de maus-tratos por parte do marido.

O discurso em questão apresenta, então, diversos pontos que o tornam interessante para um público de leitores do século XXI. O primeiro aspecto e mais atraente para esses leitores é, possivelmente, o fato de um pai autorizar o assassinato do próprio filho. Esta temática é extremamente intrigante, principalmente se pensarmos no fato de que os textos das *Declamações Maiores* eram utilizados em escolas de retórica, ou seja, onde se encontrava um público muito jovem, que ainda residia sob supervisão de suas próprias famílias. Isso se mantém nos dias atuais. Ao refletirmos sobre a aplicação deste texto como prática de júri simulado numa escola da educação básica, encontraremos um público que, apesar de viver numa era completamente diversa da retratada no texto, enfrenta os mesmos anseios e questões no que diz respeito ao vínculo familiar. Sussman (1995) afirma que o uso recorrente da temática acerca da relação entre pai e filho nas declamações, provavelmente, acontece por ser um tema que instiga os alunos nesse sentido – o que difere-os da atualidade é que, no período imperial romano e na sociedade patriarcal que o embasava, os pais realmente tinham direito absoluto sobre os corpos de seus filhos, e isso incluía o fato de decidirem se eles viviam ou morriam, o que parece excêntrico na contemporaneidade, uma vez que tanto a Constituição Federal de 1988 (Constituição Cidadã) quanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948) postulam que isso não ocorra.

A *DM 8* mostra-se atrativa não só para o público da contemporaneidade, como é possível comprovar por meio da publicação póstuma de 15 *Declamações Maiores* junto a respostas redigidas por Lorenzo Patarol (1674-1727), em sua *Antologia*, de acordo com Neil Bernstein (2013, p. 150). Em tal *corpus*, uma das antologias foi composta especificamente para responder à *DM 8*, ou seja, é a defesa do marido em resposta à acusação, por parte da esposa, de maus-tratos. O objetivo de Patarol era elaborar as melhores respostas às declamações,

replicando o estilo, a expressividade e a estrutura dos originais, o que demonstra sua capacidade retórica e argumentativa, conforme Lucrezia Martella (2022).

Ademais, como já mencionado, os discursos do gênero declamatório seguem uma estrutura tradicional que, embora tenha nomenclaturas distintas para autores variados, tem um mesmo fundamento. O Quadro 1, a seguir, indica cada uma das partes do discurso que constitui a *DM 8*.

Quadro 1 – Estrutura e conteúdo da *DM 8*

Parte	Definição	Parágrafos (Winterbottom, 2021)	Conteúdo
<i>Exordium</i>	Etapa em que o orador introduz o discurso e tenta captar o ânimo do público.	§1 -§2	O advogado introduz o caso, apresentando a situação dos irmãos mortos e, assim, comparando as atitudes e as emoções do pai e da mãe em relação ao acontecido com seus filhos.
<i>Narratio</i>	Etapa em que se narra os fatos relativos à situação, de maneira que corrobore com o posicionamento do orador.	§3 - §8	O advogado relata de forma detalhada a situação da doença dos gêmeos e aponta que o pai autoriza o sacrifício de um dos filhos por parte do médico para a busca por uma cura desconhecida sem consultar a mãe, reforçando, durante todo o trecho, a imagem de vítima da mulher, para isso faz uso, inclusive, de discurso reportado.
<i>Argumentatio</i>	Etapa em que o orador apresenta um conjunto de provas (<i>confirmatio</i>) e uma refutação (<i>refutatio</i>).	§9 - §15	O advogado questiona, utilizando, em alguns momentos, discurso direto da fala paterna, como prova, a permissão do pai para o sacrifício e dissecação, e, em seguida a dedução de que, por serem gêmeos, os filhos padeceriam de uma mesma doença. Por fim, indaga ainda sobre a decisão por matar um dos jovens para curar o outro.

<i>Peroratio</i>	Etapa em que o orador encaminha seu discurso para a conclusão, ampliando seu ponto de vista e recapitulando os fatos narrados, com o objetivo de apelar à emoção de seu público.	§16 - §22	O advogado questiona a proposta de sacrifício e dissecação feita pelo médico, por meio da menção a discursos reportados, ampliando seu ponto de vista e, assim, contestando o papel da medicina perante a humanidade. Ele aponta, então, opções distintas da elegida pelo médico e pelo pai para o tratamento dos jovens e retoma os fatos narrados, utilizando novamente do discurso reportado de supostas falas maternas emocionantes para o filho morto, com o objetivo de concluir seu texto e causar comoção no público.
------------------	--	-----------	---

Fonte: elaborado pela autora (2024).

3.1 A TEMÁTICA DA DOENÇA NA *DECLAMAÇÃO MAIOR VIII*

No *corpus* das *Declamações Maiores* (doravante *DM*), vê-se um cenário já diverso do apresentado na epístola de Cícero, uma vez que a situação, inicialmente privada, assume papel social, a partir de sua inserção no debate público. Os textos que compõem esse conjunto são dezenove discursos forenses fictícios que registram exercícios voltados para a prática da arte retórica nas escolas de oradores durante o período imperial romano. A importância desses textos para os estudos da retórica dá-se em virtude de terem sido os únicos discursos do gênero declamatório que chegaram completos à atualidade. Tais discursos foram atribuídos a Quintiliano [30- ca. 96 EC], rétor e autor da *Institutio Oratoria*, devido à relação intrínseca dos textos jurídicos ficcionais com a estrutura e o posicionamento de Quintiliano em sua obra sobre a formação do orador, mas hoje já se sabe que a produção desses textos possivelmente remonte aos séculos II e IV EC, corroborando com a hipótese de que, na verdade, as obras sejam provenientes de uma autoria coletiva e tenham sido escritas por discípulos, mestres e seguidores da escola de retórica de Quintiliano, sendo, posteriormente, reunidas e organizadas por um editor, de acordo com Lewis Sussman (1987, p. 10) e Anthony Corbeill (2016, p. 13).

Em relação ao âmbito temático, a medicina, algumas noções médicas e a própria morte são abordadas em diversas *Declamações Maiores*, dentre as quais, podemos citar a 2, a 5 e a

10, que abordam a cegueira e um parricídio, o adoecimento e a morte de um filho escolhido pelo pai para ser salvo de um sequestro executado por piratas e a aparição do espírito de um filho morto à sua mãe, respectivamente. No entanto, apesar da recorrência de assuntos como o *indicia mortis* – os indicativos de morte – e a *qualitas corporis* – a condição do corpo, tanto em sentido físico como em sentido moral – nessas declamações e em outras, a *DM 8* é a única que se desdobra mais detalhadamente sobre tópicos médico-científicos (Longo, 2016, p. 167), por consequência de seu argumento ter como ponto central o assassinato de um jovem motivado pelo projeto de uma futura descoberta médica de cura para uma doença que, a princípio, aparentava ser irremediável.

Esse discurso, também conhecido como *Gemini Languentes* (Os gêmeos doentes), traz a acusação de uma mulher, mãe de gêmeos, pelo crime de maus-tratos (*mala tractatio*) por parte de seu marido, pai das crianças. Segundo a declamação, proferida em terceira pessoa pelo advogado da mulher e com alguns trechos de discurso reportado atribuído à denunciante, os gêmeos teriam sido acometidos por uma mesma doença que, conforme os médicos consultados, não teria cura e levaria ambos à morte. Contudo, um médico, a despeito das opiniões contrárias, afirmou poder tratar de um dos gêmeos, caso o pai autorizasse a dissecação e o exame dos órgãos vitais do outro, ao que o pai assentiu. Como resultado, o único gêmeo que veio a perecer foi aquele que o próprio médico sacrificou. O outro sobreviveu, mesmo sem a comprovação da descoberta de uma cura específica para sua doença. A mãe, então, acusa o pai pela tortura e pelo assassinato de seu filho.

Embora o debate acerca da ética médica e dos direitos do jovem aparente ser primordial para um leitor contemporâneo, é necessário ter-se esclarecido o fato de que, no período histórico em questão, a autoridade paterna em relação ao filho estava diretamente associada aos conceitos de domínio, propriedade e posse. Era pertencente ao *paterfamilias* tudo aquilo que constituía sua *domus*, até mesmo as pessoas que faziam parte daquela conformação, ou seja, a esposa, os filhos e os servos. Por esse motivo, temas como a relação de adultério, maus-tratos domésticos e disputas familiares são recorrentes nos discursos das *DM*, sendo considerados *communes loci* ou lugares comuns retóricos (Gunderson, 2003, p. 3), em razão de serem temáticas que pertenciam ao arcabouço cultural e cotidiano dos jovens alunos das escolas de retórica e, conseqüentemente, poderem suscitar o interesse e gerar maior engajamento nas atividades.

Ademais, embora o texto não seja, necessariamente, baseado em ocorrências concretas do período em que foi escrito, sua narrativa é verossímil e fundamentada em aspectos da realidade que a circunda. Ele exterioriza questionamentos e dilemas próprios da constituição familiar do período imperial romano, que podiam perpassar as mentes e o cotidiano dos jovens

que frequentavam as escolas de retórica e que, portanto, participavam das etapas de elaboração do discurso a partir dos temas apresentados por seus mentores.

Isso posto, apesar da distância temporal e cultural que nos separa do período imperial romano, torna-se evidente a proximidade temática dessa declamação com a realidade do século XXI e a pandemia de COVID-19, que assolou o todo o mundo. Desta forma, mais uma vez, mostra-se imprescindível buscarmos no passado e naquilo que já foi debatido ou vivido maneiras de lidarmos com acontecimentos e assuntos que impactam a sociedade ainda hoje.

Ao examinar, então, a *Declamatio 8*, nota-se que as relações parentais e conjugais são cenário para o ponto central desse discurso, com efeito, a polêmica concernente à cura e à ética no tratamento da enfermidade supostamente irremediável que os jovens manifestavam. Dessa forma, o uso assíduo de vocábulos relacionados ao distúrbio dos gêmeos e a ênfase com a qual o advogado posiciona-se em relação a isso são uma escolha discursiva pelo apelo, com vistas a gerar uma comoção persuasiva o bastante para, ao fim, fazer com que os jurados decretem o pai como culpado pelos maus-tratos de que é acusado. A reflexão, ainda, sobre a quantidade de variações possíveis para retomar um mesmo acontecimento, nesse caso, a doença, atesta como o contexto em que o indivíduo, a sociedade e a linguagem estão inseridos influencia direta e indiretamente em suas diversas formas de manifestações, sejam elas artísticas, políticas, discursivas e linguísticas de forma mais abrangente.

Desse modo, ao analisar o vocabulário das *DM*, como bem aponta Giovanna Longo (2016, p. 168), vê-se uma variedade de seis substantivos que remontam ao sentido da palavra “doença”: *vitium, morbus, valetudo*⁸, *infirmitas, debilitas, languor*. Na *DM 8*, dentre esses lexemas, há a ocorrência, em casos distintos de acordo com a função morfossintática exercida pelo termo no trecho relativo, de *valetudo, morbus* e *languor*, sendo que as duas primeiras aparecem, respectivamente 5 e 9 vezes, já a última, 37. Além disso, como essa é a única *DM* que enfatiza questões médico-científicas, temos ainda o aparecimento, no décimo sexto parágrafo da declamação (citado a seguir), do vocábulo *pestis*, o qual não consta na lista anteriormente citada⁹.

A *DM 8*, por sua vez, é um discurso constituído por 22 parágrafos, e, ao analisar o número de ocorrências de termos que remetem à ideia de “doença”, percebe-se que a reincidência dessas expressões tem o papel de reiterar o transtorno que a enfermidade traz à

⁸ Optamos por manter o uso do “v”, para seguir a mesma forma que a autora utilizou em seu texto e também por ser a maneira adotada na edição latina que serviu como texto fonte para nossa tradução.

⁹ Para a tradução da declamação, utilizamos a edição de Antonio Stramaglia, que acompanha a tradução de Winterbottom (2021, p. 116-171), todavia também consultamos, em determinados pontos, as traduções de Sussman (1987, p. 95-109) e Pagliaro (2008).

mãe, ao seu advogado e aos membros do júri composto para o julgamento do caso¹⁰. Nota-se ainda que o uso do termo *pestis* ocorre uma única vez, e sua presença dá-se apenas no parágrafo 16, próximo, então, do fim da declamação. Isso traz um destaque ainda maior à enfermidade, principalmente, quando se considera o conteúdo do respectivo parágrafo. É nele que o advogado não só questiona a permissão dada pelo pai para que o médico assassinasse e dissecasse seu próprio filho, como também reflete sobre o posicionamento de um profissional que, em tese, deveria curar indivíduos e salvar vidas ao invés de fazer experimentos mortais com as pessoas que lhes são confiadas. Neste parágrafo, a indagação do defensor torna-se tão grandiloquente que seu enfoque não se dá apenas em torno da situação da mãe que perdeu seu filho. Ele abrange quais poderiam ser os efeitos catastróficos para a sociedade se as ciências da saúde, responsáveis pelos diagnósticos e métodos terapêuticos alusivos à atenuação das doenças humanas, dedicassem-se a ceifar inúmeras vidas, utilizando a busca por resoluções e tratamentos desconhecidos como justificativa (a semelhança com cloroquinas, ivermectinas e ozonioterapias que também agravaram a nossa recente epidemia não deve parecer casual).

Differo paulisper quod de fratribus, quod de geminis, quod pater hoc facit non consentiente matre; publico potius mortalitatis contendo nomine non debere genus istud curationis admitti. Peractum est velut de genere humano, si nobis pro salute aegri opus est morte hominis alterius, et paene ratio sanitatis intercidit, si consumit medicina tantundem. Ego quemquam dicentem feram: "Ut inveniam valetudinis causas, date mihi corpus aliud, alia vitalia; occidam, deinde salutaria quaeram, profutura meditabor"? Ita non facilius est nosse languorem? Quae haec est impudentia crudelissimae vilitatis? Aegrum placuit occidere, ut inveniretur cur non debuisset occidi! Nullum, sanctissimi iudices, natura morborum genus solis visceribus abscondit, et quicquid causas valetudinis de vitalibus trahit, in corpus emanat. Inde pallor, inde macies, quod ad interiorem dolorem superposita consentiunt. Non invenio cur hominem vulneribus exquiras, cum remedia quoque vitalibus per corpus immittas, et in latentes meatus <per> haec, quibus tegimur, medicina descendat. Cur ergo non eadem ratione languor admittit intellectum qua sanitatem? Prodit abditos profundosque morbos aut citatior clausi sanguinis cursus aut crebrior anhelitus laborantis animae. Crede de his ante omnia sensibus, oculis tuis, et ipsos, de quibus agitur, modo singulos, modo pariter interroga, cui potissimum parti grave tacitae pestis pondus insederit, unde prorumpat in gemitus conscius dolor. Medicus, qui per haec non potest invenire languorem, non invenit nec remedium.

Postergo, por um instante, o fato de que um pai faz isso em relação a irmãos, em relação a gêmeos, sem o consentimento da mãe; antes, postulo

¹⁰ Para captar a essência e o conteúdo do texto, e tentar, de certa maneira, transmitir a mesma gravidade por meio da variação de termos referentes à doença abordada no discurso, na tradução para o português brasileiro, optou-se por traduzir tais lexemas da seguinte forma (salvo algumas exceções em que adaptações fizeram-se necessárias): *languor* – doença; *morbus* – enfermidade; *valetudo* – convalescência; *pestis* – peste.

publicamente, em nome de toda a humanidade, que este tipo de tratamento não deve ser admitido. Quanto à raça humana, é como se estivesse acabada, se, nossa tarefa em prol da saúde de um doente equivale à morte de outro homem; e a razão do bem-estar fenece, se a medicina dizimar o mesmo percentual de pessoas que cura. Serei eu a tolerar alguém que diz: “Para que eu encontre as causas da convalescência, dai-me outro corpo, outros órgãos vitais; matarei, depois buscarei práticas terapêuticas, refletirei sobre suas consequências posteriores”? Assim, não há meio mais fácil de conhecer uma doença? Que impudência é essa feita de crudelíssima vilania? Agradou-lhe matar o doente, só para que fosse encontrado o porquê não deveria tê-lo matado! Nenhum tipo de enfermidade, excelentíssimos membros do júri, a natureza esconde somente nos órgãos vitais, e o que quer que engendre as causas da convalescência a partir dos órgãos vitais emana para o corpo. Daí a palidez, daí a magreza que, aparentes externamente, estão em consonância com a dor interior. Não encontro porquê examinas um homem por meio de lacerações, quando os remédios também são transmitidos aos órgãos vitais pelo corpo e o medicamento desce por esses meandros ocultos, pelos quais somos recobertos. Logo, por que a doença não admite diagnóstico através do mesmo procedimento pelo qual admite a recuperação? Revelam-se as doenças escondidas e profundas ou por um fluxo de sangue mais rápido [dentro das veias] ou pelo anélito mais ofegante de uma sofrida respiração. Confia em relação a esses assuntos, antes de tudo, em teus sentidos e em teus olhos e, ora individualmente, ora simultaneamente, interroga esses mesmos indivíduos, dos quais se trata aqui, sobre: para qual parte de seus corpos o grave peso da tácita peste majoritariamente incidiu e de onde irrompe, em gemidos, a dor que eles experimentam. O médico que, através dessas informações, não consegue encontrar a doença, tampouco encontra o remédio (*DM* 8.16).

Deste modo, o parágrafo 16 já compõe, efetivamente, a parte que encaminha para o final do discurso, denominada *peroratio*. Olivier Reboul (2004, p. 59-60) afirma que a peroração pode ser longa e ainda subdividir-se em outros componentes, os quais ele denomina de “amplificação”, “paixão” e “recapitulação”. Observa-se, portanto, que o parágrafo 16 da *DM* 8 pode ser classificado como parte dos dois primeiros componentes, uma vez que o estudioso descreve-os da seguinte forma: “se o acusador, por exemplo, tiver mostrado a realidade do delito, insistirá então em sua gravidade, mostrará que é vital para a cidade castigar o culpado de maneira exemplar, ao passo que absolvê-lo seria incitar outros a imitá-lo” e “trecho que visa a despertar piedade ou indignação no auditório” (Reboul, 2004, p. 59-60). Ambos os exemplos são executados de maneira minuciosa nesse excerto da declamação.

Logo, ao trazer essa nova perspectiva para seu discurso, o orador retira a situação delicada de um contexto privado e a amplifica para um panorama público, isto é, ele afasta o problema de apenas um único núcleo familiar específico e abarca toda a sociedade como possível agente ou vítima de um ato similar ao descrito. Ele modifica, pois, a visão do cenário narrado e sugere que cada um dos indivíduos poderia assumir o papel de um dos envolvidos em outra situação parecida, caso a medicina se propusesse a fazer intervenções congêneres

frequentemente, representando, assim, um enorme risco para a humanidade. O caráter apelativo do parágrafo aumenta a viabilidade de comoção de seus ouvintes, tendo potencial para corroborar o argumento de seu discurso pelo estímulo do πάθος (*páthos*) no júri responsável pela sentença, o que contribui para a identificação dos interlocutores com a circunstância descrita. Demonstra-se, dessa maneira, que, para além de a temática ser centrada na situação do adoecimento, o uso linguístico dos termos relacionados a isso ocorre para construir e enfatizar uma narrativa apelativa e estratégica para o gerenciamento das emoções e do julgamento daqueles que estão presentes na simulação do fórum.

Já no parágrafo 17, o advogado, ainda utilizando da própria enfermidade como recurso argumentativo, aponta possibilidades de tratamentos e medicações por meio de orações condicionais introduzidas por *quodsi* e por *si*, perscrutando a opção sugerida pelo médico e acatada pelo pai do adoentado:

Quodsi aliquid laniatus medicinae potest praestare rationis, sufficit quod, aliquando iam facta exanimis hominis inspectione, ad totius intellectum naturae medicina profecit. [...] **Si** viscerum nimius ardor stricta circa se membra duravit, adhibe remedia laxantia. **Si** fluitat nimis aeger humoribus, praesto sint per quae pressis clusisque venis in novas vires corpus arescat. **Si** parum prodest abstinentia, rursus ciborum qualitate foveatur. **Si** spiritus receptis premitur alimentis, ad puriores meatus ieiunio fameque tenuetur.

Mas se a carnagem pode prestar algum serviço de diagnóstico para a medicina, é suficiente o fato de que, toda vez que a autópsia de um indivíduo já sem vida for realizada, a medicina progrida para a compreensão de toda a natureza. [...] **Se** o ardor excessivo das vísceras endureceu os órgãos comprimidos em seu próprio entorno, administra remédios relaxantes. **Se** o doente se liquefaz em excessivos humores, devem estar à disposição aparatos por meio dos quais, pressionadas e fechadas as veias, o corpo estanque-os com renovadas forças. **Se** a abstinência for pouco útil, que ele, pelo contrário, seja acalentado através da qualidade das comidas. **Se**, recebidos os alimentos, a respiração estiver pesada, que ele emagreça através de jejum e fome para (alcançar) vias aéreas mais limpas.

(DM 8.17, grifos nossos)

Ao inquirir sobre a decisão tomada, trazendo outras possibilidades de tratamento e, ocasionalmente, de uma cura, pelo fato de ser uma doença desconhecida, de recuperação ignota, o orador não se propõe apenas a questionar soluções práticas e decisões simples em relação a um único paciente. Ele avança na ampliação do tema para nível público, pois, à vista disso, o advogado estabelece um debate acerca da ética na aplicação das ciências médicas, ao expor que as autópsias de indivíduos mortos de forma natural já contribuem para o avanço da própria medicina, sem a necessidade de ferir a existência de outros seres humanos.

Neste trecho, a declamação posiciona-se em defesa da existência de muitas outras formas de salvação para o jovem sem cogitar o filicídio ou a dissecação. O discurso aponta ainda o fato de que os organismos de cada indivíduo têm suas peculiaridades, ou seja, um tratamento pode funcionar satisfatoriamente para um, e não ser tão eficaz para o outro, fazendo com que essa morte fosse infrutífera, o que de fato ocorreu, dado que não se obteve certeza de que a dissecação de um dos filhos tenha resultado na cura do irmão.

Na contemporaneidade, no entanto, uma pesquisa nesse sentido demanda estudos pré-clínicos, que, na maior parte das vezes, têm animais como cobaias, para só então ocorrerem os ensaios clínicos, divididos em diversas etapas, as quais aumentam gradativamente o número de sujeitos participantes de acordo com as avaliações das etapas anteriores, segundo informações disponíveis no sítio eletrônico da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Brasil, 2020). Logo, para cidadãos modernos, justificar o sacrifício de um único doente como maneira de encontrar a cura para uma doença desconhecida pareceria hediondo — o que não é impedimento para que, de fato, aconteça, como testemunhamos ao longo de 2020 e 2021.

Desse modo, ao analisar as etapas de desenvolvimento de vacinas no Brasil, em documento disponível no site do Governo Federal, averigua-se que o processo para a constituição de um novo tratamento ou medicamento é esquematizado de forma detalhada e minuciosa para que se garanta a qualidade do produto, sua eficácia e a segurança da população (Brasil, 2020). Então, para um leitor contemporâneo pouco habituado às obras e às temáticas da Antiguidade, argumentos a favor do homicídio e da dissecação de um indivíduo (como no caso do pai e do médico da *Declamação Maior VIII*), mesmo com a proposição de, a partir disso, fabricar um remédio ou cura para uma doença, podem soar absurdos, haja vista o rigor em relação ao processo de elaboração de novos produtos médicos e também a legislação que garante o direito à vida a todo e qualquer cidadão (Brasil, 1988, Art. 5º).

Sem embargo, na atualidade, conforme reportagem publicada no jornal *O povo*, ainda há pessoas, como a cantora e apresentadora Xuxa Meneghel, seja por desconhecimento, seja por discordância das leis vigentes, que, por vezes, defendem a submissão de indivíduos privados de liberdade a experimentos de métodos clínicos ainda não estudados de maneira ampla, nem mesmo verificados e registrados pela agência competente. Todavia, a Constituição Federal Brasileira de 1988 garante não só os direitos básicos da mesma forma aos cidadãos privados de liberdade, como também a integridade física e a dignidade humana, qualquer que seja a natureza do delito (Brasil, 1988, Art. 5º, XLIX).

3.2 O PROCESSO TRADUTÓRIO

Como proposta de projeto de tradução para a *Declamação Maior VIII*, utilizamos como suporte teórico os estudos reunidos em *A tradução literária* de Paulo Henriques Britto (2017), tendo em mente que a tradução almeja encontrar a melhor solução cabível para passar uma obra de uma língua fonte para uma língua meta, o que faz com que o tradutor tenha em mente que seu trabalho sempre será “incompleto” ou “imperfeito”.

Com relação à forma com que a tradução é produzida, Britto (2017) acredita que há o modo de tradução estrangeirizante, que tem como objetivo aproximar mais seu leitor do texto no original, mantendo algumas referências e características e, quando necessário, fazendo o uso de notas de rodapé explicativas; e a domesticadora, ou seja, que, por sua vez, privilegia as adaptações que tornem a linguagem mais próxima do cotidiano do leitor.

Para realizar qualquer tradução, é preciso lidar com as diferenças culturais entre leitores de núcleos culturais diferentes. Quando um tradutor depara-se com seu texto original para que seja traduzido para qualquer outra língua, ele experimenta a necessidade de desvendar aquilo que se esconde por trás do aspecto linguístico de decodificar um texto que está em uma língua para outra. Esse tradutor deve procurar saber, dentro de suas reais possibilidades, para quem ele traduziu, quem vai ler suas palavras, quando e em que ocasião elas serão lidas, e por qual motivo. Assim sendo, o tradutor – assim como aquele que demanda a tradução – pode traçar os objetivos que se intenciona atingir (Pfau, 2012, p. 26).

Posto isso, por se tratar de uma tradução com finalidade acadêmica, voltada, principalmente, à pesquisa e ao público pertencente a este meio, ou pelo menos, já introduzido aos gêneros acadêmicos e aos clássicos, nosso intuito é propor uma tradução estrangeirizante, mantendo, dentro do praticável, o estilo e as figuras de linguagem utilizadas no texto de partida, para possibilitar a aproximação do leitor com a prosa imperial romana e os discursos retóricos do referido período. É importante frisar, no entanto, que a tentativa de aproximação do estilo do texto latino não deve fazer com que o texto em língua-alvo se torne de maior complexidade do que a versão de partida. Pelo contrário, a finalidade é tentar manter o nível de estranheza e/ou naturalidade causada pela versão em latim, sem alterar a forma de percepção que o texto fonte causaria em seu público.

Em língua portuguesa, não há ainda a tradução de todas as declamações, atualmente, tem-se, publicadas, as traduções das *DM* 1, 2, 4, 10, 12, 14, 15, 18 e 19. Deste modo, para a elaboração de nossa tradução da *Declamação Maior VIII*, consultados as traduções disponíveis em línguas estrangeiras modernas, no caso, o inglês e o italiano, de Lewis Sussman (1987),

Antonio Stramaglia (1999), Raffaella Pagliaro (2008) e Michael Winterbottom (2021), as quais serviram de suporte para as decisões tradutórias tomadas. Todavia, há pequenas diferenças entre as traduções consultadas, uma vez que as edições utilizadas por seus tradutores são distintas, tendo sido organizadas com base na edição latina de Lennart Håkanson (1982) ou de Antonio Stramaglia (2021). A tradução objeto de pesquisa desta dissertação teve como texto de partida para sua produção a edição de Stramaglia (2021) publicada pela Loeb Classical Library (Quintilian, 2021). Utilizamos, também como apoio, o dicionário de latim de Oxford (1968) e as plataformas *Latin Dictionary Headword*, do site *Perseus*, que disponibiliza o acesso ao *A Latin Dictionary*, de Charlton T. Lewis e Charles Short, e *William Whitaker's Words*¹¹, vinculado ao website da Universidade de Notre Dame.

Com a finalidade de criar uma seleção vocabular que mantivesse a coerência em todo o texto, optamos por criar um glossário e, para isso, utilizamos como instrumento uma plataforma digital que auxiliou no processo de contagem de palavras, apresentando o número de repetições de cada uma delas¹². Para isso, disponibilizamos, no site, o texto já traduzido, pois, por tratar-se de uma inteligência artificial, a ferramenta contabilizava o mesmo vocábulo, em casos distintos, como palavras distintas. Depois, optamos por revisar todo o glossário que já tínhamos produzido de forma manual para verificar quais termos, apesar de não se repetirem tantas vezes, poderiam vir a ser essenciais para o contexto e a compreensão da *DM 8*. Então, fizemos a inserção manualmente.

O processo de tradução seguiu um cronograma semanal estipulado previamente e, a partir do qual, foi possível submeter cada um dos parágrafos do texto traduzido à revisão imediata da orientadora, o que auxiliou no processo de escolha dos vocábulos utilizados e também nas inserções de notas que poderiam vir a ser necessárias no decorrer do texto para explicar algumas das decisões e referenciar as traduções em outras línguas modernas e materiais consultados como apoio.

Além disso, por meio dessas notas, também optamos por indicar ao leitor, quando consideramos indispensável, evidenciar algumas alterações de sentido de uma mesma palavra já traduzida de outra maneira, como, no 13º parágrafo, que há a tradução do substantivo *supremum*, -i de maneira distinta da que já havia ocorrido para tentar recriar, mesmo que de maneira limitada, a marcação de aliteração e assonâncias do texto em latim: “*data suprema mandata sunt*”, em português, esforçamo-nos para trazer tais marcações para a tradução, o que

¹¹ Disponível em: <https://latin-words.com/>. Acesso em: 09 ago. 2023.

¹² Countwordsfree. Disponível em: <https://countwordsfree.com/>. Acesso em: 09 ago. 2023.

conseguimos fazer com o uso da aliteração em /d/ e /s/ e a assonância em /e/, /o/ e /a/, resultando em “devoções do derradeiro adeus”. Outro exemplo da tentativa de recriar algumas figuras de linguagem presentes no texto em latim ocorre no parágrafo 12, no qual tem-se, em latim, o trecho “pressit paupertate perpetua”, que, em português, traduzimos por “aperta este com a pobreza perpétua”, em que marcamos a aliteração com o uso de /p/, /r/, /t/, /b/ e, a assonância com /a/ e /e/, da forma mais próxima, dentro do possível, do texto de partida.

Vimos também a necessidade de fazer uso de vocábulos distintos para sentidos similares, uma vez que era o que ocorria no texto em latim. Isso ocorreu, como já citamos, com o caso da variedade de palavras para designar o sentido de doença, as quais também optamos por diferir e ainda com expressões relativas a crianças/filhos, que apareceram como *filium*, que decidimos manter pelo seu cognato em português, isto é, “filho”; *liber*, que foi traduzido como criança; e *pignus*, a qual, por ter também um sentido mais direcionado à ideia de bens materiais e objetos valiosos, elegemos traduzir por “prole” ou “descendência”.

Por fim, o substantivo *parricidium*, *-i* é frequentemente retomado na DM8, o qual decidimos manter com seu cognato em português, pois, apesar de, na atualidade, “parricídio” ter seu sentido voltado para o homicídio do pai, da mãe ou de algum antecedente com vínculo familiar, no latim, o assassinato de qualquer cidadão livre poderia ser cunhado desse modo.

4 TRADUÇÃO DA *DECLAMAÇÃO MAIOR VIII*

<p>Gemini, quibus erat mater et pater, aegrotare coeperunt.</p> <p>Consulti medici dixerunt eundem esse languorem. Desperantibus reliquis promisit unus se alterum sanaturum, si alterius vitalia inspexisset. Permittente patre executi infantem et vitalia inspexit. Sanato uno accusatur pater ab uxore malae tractationis.</p>	<p>Irmãos gêmeos, cujos pais estavam vivos, começaram a adoecer.</p> <p>Os médicos consultados disseram que ambos foram acometidos pela mesma doença. Apesar da falta de esperança dos demais, um médico prometeu curar um dos gêmeos se lhe fosse permitido examinar os órgãos vitais do outro. Com a autorização do pai, ele dissecou a criança e examinou seus órgãos. Tendo um dos irmãos se curado, o pai é acusado, pela esposa, de maus-tratos.</p>
<p>[1] Quamvis, iudices, plurimum infelicissimae matris adversis miserationis abstulerit, quod ex duobus liberis pari desperatione languentibus alter evasit, et plerisque maximum dolorem prima fronte tractantibus videatur aviditas gaudiorum, ut modo ad totius orbitatis redacta patientiam iam non sit unius salute contenta, non possumus tamen affectibus vestris non hanc primam tristissimae calamitatis allegare mensuram, quae ex ipsa quoque solacii sui condicione descendit: minus misera quereretur de marito, si sanari nec ille potuisset, pro quo est frater occisus; nunc infelix par non est dolori, nunc non invenit</p>	<p>[1] Caros membros do júri, embora, por causa das adversidades desta infelicíssima mãe, muito de sua comiseração tenha sido suprimida, uma vez que uma das crianças doentes, as quais sofriam da mesma condição desanimadora, sobreviveu, e, à primeira vista, para muitos que examinarem a dor lancinante da mãe, ela pareça ávida por alegria, pois até recentemente estava reduzida a resignar-se pela perda dos dois filhos, já agora a saúde de apenas um deles não é suficiente; não podemos, no entanto, deixar de apelar à vossa sensibilidade, da qual igualmente também deriva um consolo para sua condição, para que optem por não mensurar essa tristíssima primeira calamidade: a miserável queixar-se-ia menos do marido se aquele pelo qual o irmão foi morto não tivesse podido se curar. Agora a infeliz mãe não é capaz de conviver com sua</p>

<p>ulla solacia, ex quo sibi videtur filium perdidisse victurum. Super impatientiam tristissimae orbitatis increscit quod intellegit illum non sine sanitate fuisse languorem, nec persuaderi miserae potest perituro laborasse fato, in quo inventum est quod sanaret alium. Captet licet crudelissimus senex parricidii immanitatem metu maiore protegere, non invenio unde colligi possit utrumque fuisse moriturum: ex duobus aegris non periit nisi qui occisus est.</p>	<p>dor, já não encontra consolo algum, pois parece-lhe que o filho que ela perdeu poderia estar vivo. Seu desespero pela tristíssima perda de seu filho é agravado, pois compreende que a doença não era incurável, e a miserável não consegue convencer-se de que aquele, no qual foi encontrado o que curaria o outro, estivesse em sofrimento, destinado à morte. Apesar de esse velho cruelíssimo tentar encobrir, através de seu suposto maior medo, a brutalidade de seu parricídio¹³, não encontro o fundamento que permite concluir que ambos viriam a morrer, sendo que nenhum dos pacientes pereceu por causa da doença: a não ser aquele que foi assassinado.</p>
<p>[2] Ante omnia igitur illud a vobis infelicissima mater petit, ne maximi sceleris ideo decrescat invidia, quia pati videtur et reus ex orbitate tantundem. Non perdidit filium, quisquis occidit. Explicat a dolore patrem, quod sibi videtur fecisse rem maximam, et in locum iuvenis amissi substituit de vanitate solacium. Alia est, alia condicio matris, quae medico non credit,</p>	<p>[2] Antes de tudo, a infelicíssima mãe, então, vos pede isso: que a hostilidade para com este grandíssimo crime, por esta razão, não desagrave, visto que o réu aparenta sofrer pela perda do filho tanto quanto ela. Quem quer que tenha matado o próprio filho não o perdeu¹⁴. O que explica o pai afastar-se da dor é o fato de aparentar para si mesmo ter realizado um grandíssimo ato, colocando no lugar do jovem perdido o consolo que vem de sua própria vaidade. Outra, bem outra é a condição da mãe, que não confiou no médico: para ela, a brutalidade da atrocíssima condição não foi</p>

¹³ Optamos por traduzir por parricídio, pois, em latim, o assassinato de qualquer cidadão livre poderia ser chamado dessa forma. Então, decidimos manter a tradução de acordo com o contexto de produção da declamação.

¹⁴ Deixa-se aqui um agradecimento especial a Jefferson da Silva Pontes, membro da banca de qualificação da presente dissertação, pela solução sugerida para essa frase, que gerou tanta dificuldade no processo tradutório.

<p>apud quam saevissimae condicionis immanitas fidem non potuit impetrare temptandi. Pro utroque timuit, pro utroque speravit. Facinus est eum maioris pietatis videri, qui de morte filii potuit alterius vel certa salute transigere. Sic debetis odisse patrem, tamquam duos occiderit, cuius non interfuit, uter occideretur.</p> <p>Est tamen, sanctissimi iudices, quod de crudelissimo parricida queri possit non sola mater: adiecit humanis calamitatibus ipsam sanitatem, et morborum languorisque violentiam medicinae concessit. Filium occidit, si ipsi creditis, fortasse moriturum, et hominem, cuius caritas debuerat ipsa desperatione crevisse, in hoc solum impendit, ut tantundem superesset incerti. non exonerat, iudices, immanitatem saevissimi patris, quod hanc rationem credit: de languente filio rem inauditam, rem facere crudelem unam rationem habet, si ipse sanetur.</p>	<p>capaz de obter sua confiança na tentativa. Ela temeu pelos dois, e teve esperança pelos dois. O atentado deste homem é aparentar ter maior afeição do que a mãe, tendo sido ele quem foi capaz de transigir sobre a morte de um filho, ou melhor, pela salvação “certa” do outro. Assim, deveis odiar o pai, como se matasse a ambos, já que, para ele, não importou qual dos dois viria a ser morto.</p> <p>Há, no entanto, excelentíssimos membros do júri, motivos para que não somente a mãe seja capaz de queixar-se do crudelíssimo parricida: ele adicionou às calamidades humanas a própria saúde e concedeu à medicina a violência das enfermidades e das doenças. Matou o filho, se vós confiais nele, pois esse provavelmente viria a morrer, e desperdiçou a vida de um homem, por quem a ternura deveria ter aumentado em virtude do próprio desespero, somente por isso: para que a ele sobrevivesse o mesmo tanto de incerteza! Não alivieis, membros do júri, a brutalidade do atrocíssimo pai, uma vez que confiou neste raciocínio: um ato desconhecido e cruel só pode ser realizado em um filho doente se vier a salvá-lo.</p>
<p>[3] O tristior indigniorque semper mensura calamitatum, magna felicitas! Huncine fecit</p>	<p>[3] Ó grande felicidade, sempre mais triste e mais indigna como medida das calamidades! Foi este o destino que teve aquela mãe, há</p>

exitum illa modo civitate tota conspicua mater, ille indiscretus ab utroque latere comitatus, ille gaudentium dulcis error oculorum? Quid mihi mortem nuntiatis unius? Perdidit misera geminos.

Passi sunt enim languorem miserrimi iuvenes sine dubio pariter unaque non fraternitate, non animae corporumque consortio, sed condicione fragilitatis humanae, qua sic extranei quoque duo languere potuissent; non negaverim terribilem, gravem, et parentibus utique metuendum, de cuius tamen adhuc – ut parcissime dixerim – remedio quaereretur. Quid refert an medici consenserint utrumque periturum, cum eundem dixerint esse languorem? Manifestum est de duobus non dixisse verum, quos de altero constat esse mentitos. Iam tamen, iudices, de tam perdita pronuntiatione non querimur, quod aegros, quos sibi videbantur explicare non posse, parentibus crediderunt; innocentior est simplicitas desperare, si remedia non noveris, et hanc ignorantiae malo

pouco conhecida na cidade toda, aquele companheiro, ao outro idêntico, um de cada lado, aquele doce erro dos olhos que se alegravam? Por que vós anunciais a mim a morte de um único filho? A miserável perdeu gêmeos.

Os dois mais miseráveis jovens, de fato, suportaram a mesma doença ao mesmo tempo, sem qualquer dúvida. Não por serem irmãos, nem por compartilharem a mesma alma em seus corpos, mas por causa da condição da fragilidade humana, pela qual mesmo dois estranhos também teriam podido adoecer. Eu não negaria o horror, a gravidade da doença e sua capacidade de causar medo aos pais, cujo remédio, no entanto, – dizendo do jeito mais parcimonioso – até então se buscava. O que importa se os médicos consentiram que cada um dos dois viria a morrer, quando disseram ser a mesma doença? Fica claro, então, que não foi dita a verdade sobre os dois, pois é claro que mentiram sobre um deles. Ainda assim, membros do júri, não prestamos queixa por esse diagnóstico tão devastador, nem porque eles confiaram os doentes aos próprios pais, os quais não pareciam poder explicar a si mesmos o que acometia os filhos. Mais inocente é a franqueza, diante do desespero, se não conheces os remédios; e eu prefiro esta probidade da ignorância, de modo que, à

<p>probitatem, ut languorem, quem nescias tantum neges posse sanari. Maximi tamen virorum et quibus arti suae solvendo non sit humanitas, si sciebant hoc genus curationis et illud non indicare voluerunt.</p>	<p>doença que ignoras, negues, da mesma forma, poder curá-la. Eles são, no entanto, os maiores dos homens, com os quais a humanidade não teria como saldar a dívida por suas artes, se sabiam sobre esse tipo de tratamento e não quiseram indicá-lo.</p>
<p>[4] Vultis ut illos mentitos breviter probem? Desperaverunt de languore, cuius remedium, si patri creditis, alius invenit.</p> <p>Sive enim, iudices, vanissimus nescientium vidit hanc patris in periculo liberorum rigidam nimiamque patientiam et hominem in filiorum languore sollicitum de remedio generis humani, sive captavit ex hoc velut quandam artis imaginem imitari, quod sanare non poterat, et ignorantiae pudorem tegere magno temptavit incerto, sive, ut aliud videretur dixisse quam reliqui, verba desperationis incredibili vanitate variavit magnaque miseros parentes ambage suspendens tutissimum putavit promittere, quod deberet nemo experiri: causas quidem se dixit ignorare morborum, sed salutem spondit unius, si licuisset alterum occidere, lacerare, perspicere. En, cui pietas</p>	<p>[4] Quereis que eu prove, rapidamente, que eles são mentirosos? Eles desesperaram-se por causa de uma doença, cujo remédio, se vós acreditais no pai, outro (médico) encontrou.</p> <p>Ou talvez, na realidade, membros do júri, o mais vaidoso dos ignorantes viu essa rígida e excessiva resignação do pai quanto ao perigo que as crianças corriam, e um homem ansioso, quanto à doença dos próprios filhos, por um remédio para a raça humana. Ou procurou obter, a partir disso, certa imagem que imitasse a de um profissional sério, uma vez que não podia curar o jovem, e tentou encobrir a vergonha de sua ignorância através de uma grande incerteza. Ou ainda, para que aparentasse ter dito algo diferente dos demais (médicos), com inacreditável vaidade variou as narrativas do desengano, e criando expectativa nos miseráveis pais através de seu grande circunlóquio, pensou que o mais prudente fosse prometer algo que ninguém deveria experimentar: disse ignorar efetivamente as causas da doença, mas prometeu curar um dos gêmeos, se lhe fosse permitido matar, dissecar e examinar o outro. Eis, então, um médico em</p>

<p>patris, cui credere sollicitudo debuerit: dixit se scire remedium, et nesciebat!</p> <p>Vultis intellegere, iudices, nihil impatientia caritatis fecisse patrem? Non retulit ad matrem. adacta est a morte filii vel sanitate discedere. Non propinquos consuluit, non amicos, sed sua tantum persuasione medicique contentus, quod nocentius est quam si ipse occidisset, alterutrum potuit eligere. Dicat nunc parricida, quid fecerit illud, quod [etiam] de < tam > similibus, tam paribus aegris in alterum desperatio illa praevaluit. Si medici non interfuit utrum occideret, constabit vivere utrumque potuisse; si interfuit, constabit non eundem fuisse languorem.</p> <p>Qualis fuerit illa curatio, quid passus sit iuvenis in morte, qua medicus parabatur, omnium adfectibus, omnium cogitationibus liquere crediderim, ideoque parcimus auribus matris.</p>	<p>quem um pai dedicado e preocupado deveria confiar: aquele que disse conhecer um remédio, que, na verdade, ignorava!</p> <p>Desejais compreender, membros do júri, por que o pai nada fez motivado por afeto impaciente? Ele não consultou a mãe. Ela foi impelida a afastar-se da morte, bem como da saúde do filho. Ele não consultou os familiares nem os amigos. Mas, satisfeito com a sua própria convicção e a do médico, foi capaz de escolher entre os dois filhos, o que é mais criminoso do que se ele próprio tivesse matado um deles. Que o parricida agora diga o que fez com que, no caso de dois doentes tão semelhantes, tão parecidos, aquele desengano prevalecesse em um. Se, para o médico, não havia diferença sobre qual dos dois morresse, ficará claro que ambos poderiam viver; se havia diferença, ficará claro que não seria a mesma doença.</p> <p>De que tipo terá sido essa cura? A qual sofrimento o jovem terá sido submetido na morte, para a qual um médico estava sendo arranjado? Eu acredito estar evidente aos sentimentos de todos e aos pensamentos de todos e, por esse motivo, poupamos os ouvidos da mãe.</p>
<p>[5] Breviter tamen longae crudelitatis</p>	<p>[5] A selvageria dessa longa crueldade deve ser explicada rapidamente: de tudo aquilo que</p>

<p>explicanda saevitia est: ex omnibus quae pertulit, levissimum fuit quod occisus est.</p> <p>Non est quod veniam tristissimae curationis paret, quod videtur in alio fratre explicata promissio: an alterum medicus sanaverit, fortuna viderit; quod negari non potest, alterum medicus occidit.</p> <p>Erumpit hoc loco mulier infelix et tota libertate proclamatur: “Redde mihi,” inquit, “marite, filium, quem tibi pariter medicoque commisi, recipe quem mihi credidisti. Hic est ille vester insanabilis, ille moriturus, hic quem permiseras medico, si maluisset, occidere. Vides quid profecerint anxia vota pietatis, sollicitae preces. Dum iam frigidi pectoris calorem superpositis revocamus uberibus, dum rigentia membra continuis osculis et spiritu trepidae matris animamus, dum labentes oculi ad nostras exclamations nostrosque planctus admissa paulatim luce laxantur, dum multa mentior, multa promitto et fratrem dico sanatum,</p>	<p>suportou, o mais suave foi ter sido morto.</p> <p>Não há por que esforçar-se para obter remissão pela tristíssima cura, porque a promessa ao outro irmão aparenta ter sido efetivada¹⁵. Se o médico terá curado um, só o destino saberá; mas o que não se pode negar é que o médico matou o outro.</p> <p>Neste momento, a mulher infeliz irrompe e proclama com total liberdade: “devolve para mim, ó marido, o filho que entreguei a ti e ao médico (e recebe o que confiaste a mim)”, disse, “aqui está aquele vosso menino incurável, aquele que estava para morrer, aqui, o que terias permitido que o médico matasse, se assim ele preferisse. Vês como os votos ansiosos de piedade e as preces cuidadosas são capazes de fazer progresso. Enquanto tentávamos restabelecer o calor de seu corpo, sobrepondo os seios sobre seu peito já frio; enquanto (tentávamos) reanimar seus rígidos membros com beijos contínuos e com a trêmula respiração de mãe; enquanto os olhos já caídos, por causa de nossas exclamações e lamentações, abriram-se, admitindo, paulatinamente, a entrada de luz; enquanto eu mentia sobre muitas coisas, prometia muitas</p>
--	--

¹⁵ Embora o verbo “explicare” apareça também logo acima, aqui, no entanto, o sentido é outro, de acordo com a nona acepção do Oxford Latin Dictionary (Glare, 1968, p. 651): “to carry out completely; finish off; accomplish”. Winterbottom (2021) opta por traduzir o mesmo trecho como “There is no reason why the horrific cure should be forgiven just because the promise has (it seems) been made good in the other brother”, o que ratifica nossa solução.

<p>respexit ad vitam, convaluit, evasit. Non tamen iacto pietatem, non arrogo mihi prosperae curationis eventum. Quid hunc sanaverit, vis scire breviter? Quod potuit utrumque sanare.”</p>	<p>coisas e dizia que o irmão estava curado,olveu os olhos à vida, convalesceu-se e, então, sobreviveu. No entanto, não desejo vangloriar-me da minha afeição, não atribuo a mim a ocorrência da próspera cura. O que terá curado este? Desejas saber rapidamente? Aquilo que poderia curar a ambos.”</p>
<p>[6] Pudeat vos, o iura legesque, quod miserrimi sexus dolorem his clusistis angustiis. Ita maritum, quod occisus est filius, malae tractationis uxor accusat? Perdiderunt legis huius auctoritatem quae ad illam uxorias querelas, matrimoniorum solent deferre delicias; ego illam datam miseris tantum matribus puto. Potest autem ab iniquo coniuge explicare divortium, et contra maritales tuetur iniurias, ut nolis praestare patientiam. Illa his succurrit, quas nefas est abire, discedere, quas in pessimi coniugii durum perpetuumque complexum communium pignorum nexus artavit, quae malos maritos pariter et patres nec relinquere nec ferre sufficiunt. Facinus est</p>	<p>[6] É uma vergonha, ó leis e jurisdições, que vós tendes enclausurado a dor deste miserabilíssimo gênero nessas restrições. Assim, uma vez que o filho foi morto, a esposa acusa o marido de maus-tratos? As mulheres que costumam trazer a esta lei suas querelas conjugais, os caprichos do matrimônio, arruinaram a autoridade dela¹⁶. Eu mesmo acredito que ela deveria ser aplicada apenas para as mães miseráveis. O divórcio pode, no entanto, livrar¹⁷ a mulher de um cônjuge injusto e protegê-la contra as injúrias do marido, caso prefira não as tolerar. A lei socorre aquelas para as quais é ímpio ausentar-se, separar-se; aquelas a quem o laço de descendência compartilhada atou ao duro e perpétuo vínculo de um péssimo casamento, aquelas que não têm condições nem para abandonar nem para tolerar os maus maridos, que são, ao mesmo tempo, maus pais. É um</p>

¹⁶ Winterbottom (2021, p. 129) aponta que a lei aqui referida seria a de *mala tractatio*, uma vez que as mães não podem simplesmente divorciar-se e verem-se livres de seus ex-maridos, por esses serem os pais de seus filhos.

¹⁷ Embora já tenhamos traduzido este vocábulo de outras duas formas, aqui fizemos a opção pela quarta acepção do sentido de “explico”, conforme a 2ª acepção do Oxford Latin Dictionary (Glare, 1968, p. 651). Tal escolha deu-se com base na tradução de Winterbottom (2021, p. 129).

<p>ideo evadere maritum, quia damnaretur, si illa de minore dolore quereretur. Itaque impudenter facit, quod pro detracto matronae cultu negatoque comitatu, fastiditis noctibus pulsataque facie, filium complorat occisum?</p> <p>Sileo adhuc illa, per quae parricidii crevit immanitas; occisum filium obicio. Puta luxuriosum, perditum, nocentem; fingite hoc patrem ira, indignatione fecisse. Quantum facinus sit filium occidere, nemo magis fatetur, quam qui vult videri se illud fecisse pro filio. Ecquid, iudices, vel ex hoc totus animus mariti, tota tristissimae coniugis calamitas perspici potest, quod se negat matri communium liberorum debere rationem? Placet ergo, mortales, ut de hominibus, in quos plus ex harum sanguine, ex harum transit anima, non habeant partem nisi tantum doloris? Solos ergo communicabit misera planctus, et ab omnibus consiliis, quibus ordinatur iuventa, vita disponitur, extranea vilitate seposita circa maerore tantum lacrimarumque</p>	<p>escândalo, por esta razão, que este marido escape, porque teria sido condenado se a esposa se queixasse dele por uma dor menor¹⁸. Então, age ela de maneira impudente, pois a matrona lastima não pelos ornamentos que lhe foram tirados e pelo cortejo que lhe foi negado, pelos prazeres noturnos desprezados, e pelo tapa recebido na cara, mas pelo filho morto?</p> <p>Silencio-me, até aqui, sobre aquilo que fez aumentar a brutalidade do parricídio. Eu o culpo de ter matado o filho. Supõe tratar-se de um lascivo, depravado, perverso. Fingi que o pai tenha feito isso por ira e indignação. Quão atroz é matar o próprio filho! Ninguém confessa algo desta magnitude, a não ser aquele que deseja aparentar ter feito isso em favor do filho. Talvez, membros do júri, não tenha ficado completamente claro todo o pensamento do marido sobre isso. Toda a calamidade da tristíssima esposa pode ser perscrutada, uma vez que ele nega à mãe ter responsabilidades pelas crianças em comum. Acaso agrada-vos, ó mortais, que as mulheres não tenham parte – a não ser na dor – sobre os indivíduos, gerados de seu próprio sangue e de sua própria alma? Acaso a miserável expressará só os lamentos fúnebres, exilada na insignificância de uma estranha e afastada de todas as deliberações, através das quais a juventude e a vida de seu filho serão organizadas e disciplinadas? Ela só</p>
--	--

¹⁸ Ainda de acordo com Winterbottom (2021, p. 129), a lei de *mala tractatio* garantiria a condenação do pai, caso ele tivesse cometido algum crime menor previsto por ela. Contudo, como o crime cometido, embora grandioso, não está sob atenção desta lei, o homem segue impune.

<p>consortium orbitate iungetur?</p>	<p>será agregada ao núcleo familiar¹⁹ como parceira pela perda de um filho, pelo compartilhamento do luto e das lágrimas?</p>
<p>[7] Si mehercules fas est aestimare, utri plus parenti debeat ex liberis, non improbe totam potestatem sibi vindicabit adfectus, qui decem mensibus ante vestram incipit diligere notitiam, et, cum vos patres gaudium primum faciat oculorum, ante sunt conscientia matres. Facinus est ideo tantum illis minus licere, quia minus facere sufficiunt.</p> <p>Vos estis, qui crescentes adhuc in peregrinationes, qui iam adultos in castra magnorum parentum vanitate dimittitis. Erubescitis desideriiis tamquam infirmitate, et, unde velocissimus transitus est in rigorem, liberos vultis amare patientia. Quam multa ideo tantum de filiis facitis, quia licet! Et frequentius potestatis vestrae iactatione tamquam aliquo gravitatis genere delinquitis. Non habet orbitas vestra</p>	<p>[7] Se, por Hércules, é ímpio estimar a qual dos pais são devidas mais obrigações por parte dos filhos, a afeição reivindicará todo o domínio, não de forma ímproba, para aquela que, dez meses antes de vossa aparição, já começa a estimá-los e, enquanto a primeira alegria dos olhos da criança vos faz pais, antes disso, em sua consciência, elas já são mães. É um escândalo, por esse motivo, que a elas seja permitido menos, porque elas têm menos condições para agir.</p> <p>Vós sois aqueles que, enquanto os filhos estão crescendo, enviái-os para peregrinações; aqueles que, quando eles já são adultos, enviái-os para os acampamentos militares de homens eminentes só por vaidade paterna. Enrubescéis pela saudade como se fosse uma fraqueza e desejais amar vossas crianças através da tolerância, a partir da qual é velocíssima a mudança para a indiferença. Por esse motivo, quantas coisas fazeis aos vossos filhos, só porque lhes é permitido! E, com mais frequência, errais para exhibir vosso poder, como se isso se tratasse de algum tipo de</p>

¹⁹ *Circa* tem o sentido de “na vizinhança/próximo”. Desta forma, optamos por adaptar seu sentido ao contexto da declamação.

lacrimas: super ardentem rogos tenetis inconcussam rigidamque faciem, itis obviam consolationibus, et, quod omnem modum feritatis excedit, captatis in magna calamitate laudari. Quicumque ergo erit quod de communibus pignoribus non pari mente, pari patientia, vel, si necessitas postulet, pari rigore faciatis?

Mali tantum patris interest ut matri minus liceat.

Sane cedat vobis circa regendas communium pignorum mentes sexus infirmior: vos mores, vos vitae genus, vos matrimonia ceterosque actus vestra persuasione firmetis; numquid arrogans consortium, numquid impotens societas est liberos communes esse languentes? Si quis immo pudor est, cede nunc tota potestate matri, illius sit in aegri toro proximus locus, haec adhibeat fomenta, porrigat cibos. Si quid impatientia, si quid flagrantium viscerum poscit infirmitas, mater neget, mater indulgeat. Illas quas immodicus ardor

severidade. A vossa perda de um filho não tem lágrimas; sobre as piras ardentes, tendes a face rígida e inabalável; ides contra as consolações; e, excedendo toda a medida de ferocidade, tentais serdes elogiados em momento de grande calamidade. Logo, haverá alguma coisa a respeito da descendência em comum que façais com o mesmo pensamento, com a mesma resignação, ou, caso a necessidade exija, com a mesma indiferença? É somente do interesse de um mau pai que à mãe menos se permita.

Certamente, o gênero mais frágil ceda a vós, no núcleo familiar, a orientação das mentes da descendência em comum. De acordo com a vossa convicção, vós firmais os costumes, vós, os modos de vida, vós, os matrimônios e todas as outras ações. Porventura é desdenhosa a união, porventura é impotente a parceria quando as crianças dela advindas estão doentes? Ah, se, por outro lado, tens alguma vergonha, cede agora todo o poder à mãe, que dela seja o lugar mais próximo à cama do enfermo, que ela aplique a compressa, que ela ofereça a comida. Se o desespero e se a falência dos órgãos febris fazem exigências, deixa que a mãe negue, deixa que a mãe conceda. Aquelas roupas, que o ardor desmesurado afasta, que ela devolva aos membros exaustos;

<p>discutit vestes haec super fatigatos reponat artus, illas iactatas toto lectulo manus <haec> sedulo contineat affectu.</p>	<p>aquelas mãos jogadas por todo o leito, que ela as contenha com delicada afeição.</p>
<p>[8] Frustra captas videri ultionem²⁰ magna²¹ caritatis ab omni curae ratione seposuisse: cum circa curationes liberorum non consentiunt parentes, curationis est culpa, non matris.</p> <p>Quid, quod filium occidit innocentem, cui nihil obicere, nihil poterat irasci? Filium – si ipsi creditis – pro fratre mori paratum, cuius suprema ferre non poterat? Novum, iudices, et incognitum rebus humanis audite facinus: iam parricidium pietas, caritas et impatientia orbitatis admittit! Malo odium, querelas, execrationes, quam ut quis liberos affectu, quo servantur, occidat. Quid refert an per hoc alterius filii anima redimatur? Si parricidium fas est ullas accipere causas, filius propter se tantum debet occidi.</p> <p>Adicite, iudices, immanitati, quod occidit</p>	<p>[8] Em vão tentas aparentar como se tivesses afastado sua esposa de toda a responsabilidade do tratamento por temor de uma grande ternura: quando os pais não concordam, em seu núcleo familiar, sobre os tratamentos dos filhos, a culpa é do tratamento, não da mãe.</p> <p>E aquele que matou um filho inocente, contra o qual nada podia objetar, nada suscitar a ira? E o filho, se acreditais nele próprio, estava disposto a morrer pelo irmão, cujos momentos finais não podia suportar? Ouvi, membros do júri, um crime novo e incógnito para a realidade humana: agora a piedade, a ternura e o desespero da perda de um filho admitem o parricídio! Prefiro o ódio, as querelas, as execrações do que aquele que, pela afeição com a qual deveria proteger os filhos, os mata.</p> <p>O que importa se, através disso, o sopro vital do outro filho é resgatado? Se é pio justificar o parricídio com base em determinadas razões, um filho só deve ser morto por suas próprias questões.</p>

²⁰ Na edição de Håkanson (1982), aparece *velut timore*.

²¹ Ainda em Håkanson (1982), tem-se *maternae*.

<p>aeग्रum. Omnibus equidem mortalibus maiorem crediderim de languore venire reverentiam, et illorum quoque, quos inter supplicia pereuntis avido spectamus assensu, iuxta valetudines tamen morborumque violentiam quodam innocentiae favore miseremur. In carceribus et in illa profunda nocte poenarum religiosius ille anhelis pectoris pallor inspicitur; non sic confundunt obvios gravibus catenis colla stridentia et diutino squalore concreta facies ut ille, quem ad singulos conatus gressusque labentem vix trahit impellitque longus ordo vincitorum, et inter tot destinatos totque perituros omnium tamen in se retorquet oculos unus aeger.</p>	<p>Adicionai à brutalidade, membros do júri, o fato de que ele matou um doente. Quanto a mim, verdadeiramente creio que o maior respeito, por parte de todos os mortais, originasse na doença; e até daqueles que assistimos morrer em meio aos suplícios com ávida aprovação, no entanto nos apiedamos devido a tal reconhecimento da fatalidade por seu estado de saúde e pela violência das enfermidades. Nas prisões e na profunda noite das penas impingidas, aquela palidez do peito ofegante é observada com toda a deferência. Desta forma, os pescoços que estalam com as pesadas correntes e a face endurecida pela persistente imundície não desnorream os observadores como aquele que, resvalando com dificuldade a cada passo que tenta dar, uma longa fila de acorrentados arrasta e empurra. E dentre eles tantos já estão condenados, e tantos prestes a morrer, no entanto um único doente atrai os olhares para si.</p>
<p>[9] Quid ais? Tu illum, quem nunc nefas est castigare, reprehendere, cuius auribus parcere debuerunt saeviora verba, quem, si quid negares, videreris occidere, ferro, vulneribus aggredieris? Non potest hinc tibi</p>	<p>[9] O que dizes? Tu o atacas com cortes de bisturi, a quem agora é ímpio castigar e repreender, cujos ouvidos deveriam ser poupados de palavras mais duras, a quem, se algo negasses, aparentarias matar? Não é</p>

venire defensio, ut hoc sis pro alterius salute commentus. Inter duos liberos pari desperatione languentes da bonum patrem: non praeponderabit alterutrum, non eliget, sed, ut incertum orbitatis evadat, ipse morietur.

Temptat hoc loco, iudices, crudelissimus senex excusationem temeritatis suae de medicorum trahere consensu: “Desperaverant” inquit “de duobus.” Sepono paulisper immanitatem patris, qui credit: [et] de arrogantissimae persuasionis hominibus queri [de] totius generis humani nomine volo. Quam multas artes, misera mortalium sollicitudo, fecisti! Fato vivimus, languemus, convalescimus, morimur. Medicina, quid praestas, nisi ut iuxta te nemo desperet? Dicturum me putas: “Non credo renuntiantibus, non accedo, cum deserunt relinquuntque languentes”? Ego vero medicis non credo sperantibus. Aspiciate maiorem partem generis humani

possível, neste ponto, vir em tua defesa, imaginando tudo isso ter sido feito em prol da saúde do outro filho. Entre dois filhos doentes, com o mesmo nível de desespero, mostra-me um bom pai: ele não se inclinará para um mais do que para o outro, ele não elegerá, mas, para escapar da incerteza da perda de um filho, morreria ele próprio.

O cruelíssimo velho, neste momento, tenta obter uma excusa para sua temeridade a partir do consenso dos médicos: “Desenganaram os dois”, disse. Afasto-me, por um instante, da brutalidade do pai, que confiou neles. E, em nome de toda a raça humana, desejo queixar-me desses homens de arrogantíssima convicção. Quantos artifícios fizeste, ó miserável inquietação dos mortais! Por obra do destino, vivemos, adoecemos, convalescemos e morremos. Medicina, para que serves, senão para que ninguém próximo de ti se desengane? Pensas que devo dizer: “Não confio em seus diagnósticos fatalistas, não concordo quando desertam e abandonam os doentes”? Eu, na verdade, não acredito nem nos médicos que se

<p>et, si me interrogas, illam robustiorem, illam adhuc in prima rerum naturae veritate viventem: nullos artis huius novit antistites, nec minus tamen bellorum vulneribus morborumque medetur incursibus; non disputationum vanitate sollerti, sed experimentis et, invicem per similes dissimilesque casus observatione ducente, tradita ratione succurrit. Non medicina sanat, sed quicquid videtur sanasse medicina est.</p>	<p>dizem esperançosos. Observai a maior parte da raça humana e, se me perguntares, aquela que é mais robusta, aquela ainda vivendo na verdadeira primitividade das condições da natureza: ela não conhece mestres dessa arte e nem por isso trata menos feridas de guerra ou surtos de doenças; não presta socorro pela habilidosa vaidade das disputas, mas guiada, por sua vez, pela experiência e pela observação, ensinada pela razão, de casos semelhantes e dessemelhantes. A medicina não cura, mas o que quer que aparente ter sido curado é medicina.</p>
<p>[10] Quo vultis animo feram quod ars, quantum dicitis, inventa pro vita, <sic,> si dis placet, auctoritatem famamque captat ut longe ventura suprema prospiciat, ut adesse fata denuntiet quae nec timentur, et maxima scientiae pars esse coepit sanare non posse? Quisquamne ab homine qui adhuc loquitur, spirat, intellegit, sic recedit quemadmodum relinquitur exanime corpus, et ibi finem vitae putabit, ubicumque scientiae</p>	<p>[10] Com que ânimo desejais que eu tolere que uma arte, como dizeis, encontrada em prol da vida, se <assim> aos deuses agrada, procura obter autoridade e fama para prever de longe a chegada dos momentos finais, para anunciar a aproximação de destinos que ainda nem são temidos, e, inclusive, a maior parte dessa ciência começa a ser não poder curar? Há alguém que se esquive de um homem que ainda está falando, respirando e compreendendo tudo, do mesmo modo que um corpo sem vida é abandonado, e, nesta ocasião, pensará que o</p>

<p>substiterit infirmitas? Si fragilitatem mortalitatis incertosque velimus aestimare casus, tantundem periculi habet omnis aeger. Iniquissimum est desperationes vocari, quotiens remedium medicina non invenit, et angustias sive artis seu mentis humanae ad invidiam referre factorum. Nihil magis interesse omnium puto, quam ut spes pro homine tam longa quam vita sit. Unde putatis inventos tardos funerum apparatus, unde quod exequias planctibus, plangore magnoque semper inquietamus ululatu, quam quod facinus videretur credere tam facile vel morti? Vidimus igitur frequenter ad vitam post conclamata suprema redeuntis. Plerique convaluerunt neglegentiae bono, quosdam explicuit quicquid alios fortassis occideret; hos indulgentiae temeritas, illos adiuvit desperationis audacia.</p>	<p>fim da vida está onde quer que cesse a fraqueza dessa ciência? Se desejarmos estimar a fragilidade e os acasos incertos de nossa mortalidade, todo doente corre o mesmo percentual de risco. Injustíssimo é serem chamadas de desengano todas as vezes em que a medicina não encontra um remédio e imputar novamente à hostilidade do destino as angústias relativas às habilidades ou à mente humana. Penso que nada é de mais interesse de todos que a esperança em prol de um homem seja tão longa quanto a própria vida. Qual pensais ser o fundamento para os lentos preparativos dos funerais? Qual o fundamento para perturbarmos as exéquias com lamentações, gemidos e grandiosos gritos? Talvez porque pareceria um escândalo acreditar tão facilmente na morte? Vimos, então, frequentemente, pessoas voltarem à vida após conclamados seus momentos finais. Muitos se recuperaram graças ao benefício da negligência, alguns livraram-se do que quer que provavelmente mataria os outros; a temeridade da indulgência ajudou esses; já a audácia vinda do desengano, aqueles²².</p>
---	---

²² Pagliaro (2008) e Winterbottom (2021) optam por traduzir “hos” e “illos” como pronomes indefinidos. Em nossa tradução, optamos por manter o sentido anafórico do uso dos demonstrativos.

[11] Detur fortassis huic arti perspicere morbos, profutura meditari: sed unde sciret quantum intra viscera latentesque pectoris sinus unicuique animae natura concesserit, quam proprietatem spiritus, quam corpus acceperit? Non tam variae mortalibus formae, nec in vultibus nostris sedet tanta diversitas, quanta latet in ipsis dissimilitudo vitalibus. Inenarrabile, indeprehensibile est quicquid nos elementorum varia compago formavit, et, prout in nos plura seu rariora de terrenis seminibus caelestibusque coierunt, ita vel duramur tacita ratione vel solvimur. An desperantibus credi debuerit, vos aestimabitis; qui negarunt aegros posse sanari, nec in hoc probaverunt qui evasit, nec in illo quem non languor occidit.

Iustas mehercule haberet mulier causas querelarum, si nova incognitaque ratione vel utrumque servasses. Numquam ex magno venit affectu incredibilia vel profutura temptasse, et, in re quae plus de incerto habet, temeritas experimenti solam

[11] Provavelmente seja dada a esta arte a capacidade de examinar as enfermidades e refletir sobre aquilo que lhes viria a ser útil. Mas como seria possível saber, pelo interior dos órgãos latentes e das sinuosidades do tórax, quanto tempo a natureza da vida terá concedido a cada um, que propriedade o espírito terá recebido e que corpo? A aparência dos mortais não é tão variada, nem a diversidade se fixa tanto em nossos rostos quanto a dissimilitude fica latente nos próprios órgãos vitais. É inenarrável e inapreensível o que quer que, pela junção de vários elementos, tenha nos formado e, conforme muitas ou raras sementes terrenas e celestiais se (re)uniram, assim, pela tácita razão, somos feitos para (per)durar ou para nos desfazer. Se devesse acreditar nos médicos desenganados, vós julgaríeis; aqueles que negaram poder curar os doentes não provaram seu posicionamento neste que sobreviveu nem naquele a quem não foi a doença que matou.

A mulher, por Hércules, teria justas causas de querelas, mesmo se tu salvasses a ambos os filhos por uma nova e desconhecida razão. A tentativa de fazer coisas inacreditáveis que, talvez, viriam a ser úteis nunca surge de um grande afeto e, em um ato que tem ainda mais incerteza, a temeridade do experimento só

<p>probat desperationis audaciam. Quid refert cuius sit condicionis aeger, quantum adhuc spei, quantum videatur habere de vita? Sacrosancti sint parentum metus. Dii non sinant ut ex liberis vilior incipiat esse periturus. Medici desperaverunt: quid istud ad patrem? Spera tu, iube sperare matrem, tuis potius affectibus, tuis crede votis. Et hoc de parricidii facilitate est: circa filiorum languorem ad desperantes potius accedere. Fidem habes hominibus, quos mentiri alius affirmat, contra quos iterum credis uni? Pessime mehercule de tua feritate sentirem, si in quacumque filii curatione non adhiberes propinquos, non interrogares amicos, non respiceres ad matris animum. Non hanc primam impatientiam, non hunc consulis timorem? De nullo filio minus debet soli sibi permittere pater, quam qui videtur utique moriturus.</p>	<p>prova a audácia do desengano. O que importa em que condição o doente está; quanta esperança há, até então, e quanta vida aparenta ter? Sacrossantos sejam os medos dos pais. Que os deuses não permitam que, entre as crianças, aquele que está para morrer comece a ser considerado inferior. Os médicos desenganaram: o que isso significa para o pai? Espera tu, ordena que a mãe espere, confia, antes, em teus sentimentos, em tuas orações. E isso é facilitador para o parricídio: no núcleo familiar, aproximar, antes, os desenganados da doença dos filhos. Tens confiança nos indivíduos que, segundo os outros afirmam, mentem e a despeito dos quais, novamente, confias neste único? Eu deveria, por Hércules, considerar detestável a tua ferocidade se, qualquer que fosse a cura para teu filho, não recorresse a familiares, não interrogasses os amigos, não volvestes os olhos ao ânimo da mãe. Não consultaste, primeiro, seu desespero nem seu temor? A nenhum filho um pai deve abandonar à própria sorte menos do que àquele que aparenta estar para morrer de qualquer maneira.</p>
<p>[12] “Fratres” inquit “et gemini erant, ideoque credibile est illis eundem fuisse</p>	<p>[12] “Eram irmãos e gêmeos”, disse, “por esta razão, é crível que tivessem a mesma doença”. Eu pergunto: quem toleraria, em algum mortal,</p>

<p>languorem.” Rogo, quis in ullo mortalium ferat ignorantiam pariter et adfirmationem? Quisquis nescit quod genus languoris sit, non potest scire an idem sit. Nihil, iudices, in rebus humanis voluit esse rerum natura tam simile, quod non aliqua proprietate secerneret. Quid refert an ex isdem prima illa duorum corporum animorumque compago seminibus oriatur? Sibi quisque</p>	<p>ignorância e, ao mesmo tempo, assertividade? Quem quer que desconheça de que tipo é a doença, não pode saber se é a mesma em ambos. A natureza das coisas, membros do júri, quis que nada, na realidade humana, fosse tão semelhante, que não se distinguisse por alguma propriedade particular. O que importa se aquela primeira conformação de dois corpos e espíritos origine-se das mesmas sementes? Cada um se estabelece por si mesmo, cada um se constitui por si mesmo; e dois ou mais irmãos nascem com destinos singulares²³. Essa</p>
--	--

²³ Em “Cidade de Deus”, de Agostinho, há uma passagem em que o autor aborda, especificamente, sobre a saúde de gêmeos, “ora parecida, ora diferente”. Para isso, ele cita duas visões distintas acerca do assunto, apresentando o posicionamento do discurso médico de Hipócrates e o do estoico Posidônio, adepto à astrologia. “Conta Cícero que Hipócrates, médico notabilíssimo, deixou escrito que suspeitava de que certos irmãos eram gêmeos porque começavam a adoecer ao mesmo tempo e porque ao mesmo tempo se lhes agravava a doença e ao mesmo tempo melhoravam. Mas o estóico Posidônio, muito dado à astrologia, costumava afirmar que eles tinham nascido sob a mesma constelação e que sob a mesma constelação tinham sido concebidos. Assim o que o médico julgava que se ligava à grande semelhança de temperamentos, atribuía-o o filósofo-astrólogo à força e à disposição dos astros que se verificava no momento em que foram concebidos e no momento em que nasceram. Neste caso é, à primeira vista, muito mais aceitável e crível a hipótese do médico, porque o estado de saúde do corpo dos pais quando se unem pode afectar os primeiros tempos dos concebidos, de maneira que, tendo os seus primeiros desenvolvimentos no corpo da mesma mãe, nascem com igual compleição. Depois, sustentados com os mesmos alimentos e na mesma casa onde, segundo o testemunho da medicina, o ar, a disposição dos lugares e as propriedades das águas exerceram uma grande influência, boa ou má, nos seus corpos, e acostumados, enfim, aos mesmos exercícios, puderam desenvolver corpos tão semelhantes que as mesmas causas provocaram neles, no mesmo momento, a mesma doença. Mas querer ligar a posição do céu e dos astros, que se verificou quando foram concebidos ou nasceram, a essa doença idêntica e simultânea, quando tantos seres diferentes na origem, no comportamento e no destino, puderam ser concebidos e nascer no mesmo instante, no mesmo país e sob o mesmo céu,— constitui isso qualquer coisa de insólito que eu não sei qualificar. O que é certo, porém, é que nós conhecemos gêmeos que não só exerceram diferentes actividades e fizeram diferentes viagens mas também padeceram de doenças diferentes. A meu ver, Hipócrates poderá dar deste caso uma explicação fácilima: uma diferença de alimentação e de exercícios, que resulta não da constituição do corpo mas do poder da vontade, pode provocar diferenças de saúde. Todavia seria maravilhoso se Posidônio ou qualquer outro defensor da fatalidade astral pudesse achar para este caso uma explicação, se é que não quer trocar dos que destas questões nada sabem. Tentam pôr em relevo o exíguo intervalo de tempo entre o nascimento de um e outro gêmeo e, portanto, a partícula do céu onde está marcada a hora do nascimento e a que chamam horóscopo. Mas então, ou esse intervalo não tem tanta influência para explicar nos gêmeos a sua diferença de vontades, de actos, de comportamentos e de sucessos; ou então tem-na demais para a identidade, quer da humildade quer da nobreza da sua origem, já que pretendem que tão grande diferença de condição depende apenas da

firmatur, sibi quisque componitur, et duo pluresve fratres nascuntur fato singulorum. Hanc ipsam indifferentiam, quam mirantur occursum, stupent civitatis oculi, parentum tamen agnitio dinoscit, separat notitia nutricum, et, fallentibus notis, est rursus quod faciat ipsa similitudo dissimile. In plerisque, quamvis sit indiscreta facies, invenitur tamen alius oris sonus, habitus, incessus, seu, ut ipsa consentiant, diversa mens, contrarii mores et vitae generantia. Quid, quod non eandem esse naturam geminorum probat etiam fortuna dissimilis? Hunc pressit paupertate perpetua, illum insperatis opibus excoluit; huius per titulos, honores, illius per ignobiles obscurasque sordes totam duxit aetatem. Simile est quicquid accipiunt ex homine gemini, dissimile quicquid ex fato. Nec enim tam pariter in lucem de maternis exilure visceribus, ut illos eadem origo signaverit.

mesma indistinção, que aqueles que os encontram admiram, entorpece os olhos da comunidade; no entanto, o conhecimento dos pais distingue-os, a notoriedade das mães separa-os e, mesmo nas enganosas características comuns, há, pelo contrário, o que a própria semelhança faça dissemelhante. Em muitos casos, embora a aparência seja indistinguível, encontra-se, no entanto, um outro tom de voz, atitude, maneira de andar ou, ainda que estejam em completa conformidade, há uma mente diversa, costumes conflitantes e uma rixa entre seus estilos de vida. E quando o destino dissemelhante prova que a natureza dos gêmeos não é a mesma? Ele aperta este com a pobreza perpétua e honra aquele com recursos inesperados. Esse, ele conduz, por toda a vida, com títulos e honras, enquanto o outro, com a desconhecida e obscura sordidez. Semelhante é o que quer que os gêmeos recebem dos homens, dissemelhante é o que quer que recebam do destino. De fato, eles não vieram à luz, exilados do útero materno, ao mesmo tempo, de modo que a mesma origem os teria marcado.

hora em que cada um nasce. Se nascem um depois do outro em tão curto intervalo que o seu horóscopo tem que ser o mesmo, então reclamo para eles igualdade plena, o que em nenhuns gémeos poderão jamais encontrar; se, porém, a demora do segundo a nascer muda o horóscopo, então reclamo pais diferentes, o que não podem ter os gémeos” (Agostinho, 1996, p. 467-68).

[13] Quantum putas interfuisse temporis, dum primum uteri pondus egeritur, dum parumper exonerata vitalia altero rursus homine laxantur? Breve fortassis exiguumque videatur immortalibus oculis, sed, si terrena mente perspicere velis orbis huius vastitatem, scies multum esse, quod inter duas transcurrat animas. Volvitur super nos haec caeli siderumque compago et, praecipiti per proclive decursu totius diei noctisque brevitatem emensus, orientis occidentisque cursus diversis siderum <intervallis> in primo statim ortu rotato se rursus axe consequitur. Hoc tu parvum credis esse spatium, quod diversis pariter rebus impletur? Quantum inter illa transcurrentis horae momenta nascitur, perit! Igitur quando umquam peregrinati sunt una, militavere pariter? Quid non diducti separatique fecerunt? Quando illos languor, quando suprema iunxerunt? Et quandoque sit necesse est <aeger> alter ex geminis: quod pariter languerunt non sic accidit quomodo fratribus, sed quomodo duobus. Non eodem fato languere geminos quemadmodum vultis brevius probem, quam quod nec uterque occisus est nec

[13] Quanto tempo pensas ter passado desde o primeiro fardo lançar-se para fora do útero até que os órgãos vitais, aliviados por pouco tempo, dilatam-se novamente para o segundo indivíduo? Talvez aparente ser um período breve e exíguo aos olhos imortais, mas, se desejas examinar, com uma mente terrena, a vastidão desta órbita, entenderás que há muitas coisas que transcorrem entre duas almas. Revolve, acima de nós, a junção do céu e das estrelas, e o percurso [do sol] do oriente ao ocidente mediu, através de sua íngreme inclinação ao baixar, a brevidade de um dia inteiro e de uma noite. No primeiro nascer do sol, mudadas as distâncias das estrelas, ele [o percurso] imediatamente se reinicia com a rotação do eixo celeste. Tu acreditas que esse espaço que se preenche com diversos fatos ao mesmo tempo é pequeno? Tantos nascem e perecem entre aqueles momentos da hora que passa! Então, quando é que eles peregrinaram juntos uma só vez, lutaram ao mesmo tempo? O que não fizeram divididos e separados? Quando a doença e quando os últimos suspiros os uniram? Uma hora, um dos gêmeos ficaria doente: o fato de que adoeceram ao mesmo tempo não se deu por serem irmãos, mas por serem dois indivíduos. De que modo desejas que eu prove mais rapidamente que os gêmeos não adoeceram por causa de um mesmo destino do que dizendo que ambos não foram mortos e ambos não foram curados?

Mas façamos de conta que é verdadeiro o fato

<p>uterque sanatus?</p> <p>Sed fingamus hoc esse verum, quod desperaverunt medici; relinque nobis, pater, innocentiam calamitatis. Salva solacia sint de liberis, quos tibi videris non perdidisse nisi fato. Quis ex parentibus nescit in hanc se mortalitatis procreare legem? Sed indigni exitus supra orbitatem sunt. Ideo magis flemus illos quos bella rapuerunt, hausit incendium, naufragia merseerunt. Fortius feras inter adsidentium manus, inter suorum officia labentes, cum se invicem oscula, cum se satiavere sermones, cum data suprema mandata sunt, et se scit pietas omnia fecisse pro vita. Igitur verum dixerim: illos mori credimus, hos perire.</p>	<p>de que os médicos se desenganaram. Permita-nos, pai, vivenciar a inocência nesta calamidade. Sejam salvaguardadas as consolações em relação às crianças, as quais, da maneira que te parece, não terias perdido, a não ser por obra do destino. Quem, dentre os pais, desconhece esta lei da mortalidade pela qual procria? Mas falecimentos injustos superam a perda de um ente querido. Por esta razão, derramamos mais lágrimas por aqueles que as guerras arrebataram, os incêndios consumiram, os naufrágios submergiram. Suportas mais corajosamente quando morrem pousados entre os braços dos familiares ou trabalhando entre suas obrigações, quando, por sua vez, beijaram-se, quando saciaram-se com as conversas, quando as devoções do derradeiro adeus²⁴ foram designadas e sabe-se que a afeição fez de tudo em prol de suas vidas. Portanto, terei dito a verdade: acreditamos que aqueles morrem, esses perecem.</p>
<p>[14] Non invenio quemadmodum excusationem pater de consensu possit accipere medicorum. Hoc est quod omnem comparationem feritatis excedit: filium pater propter hominem occidit, quem non putavit posse sanari. Quod tu monstri portentique genus es? Habes parricidii</p>	<p>[14] Não imagino de que modo um pai possa justificar a escusa sobre o consenso dos médicos. Isto é o que excede toda comparação em termos de ferocidade: o pai matou o filho por causa de um indivíduo, que pensou não poder curar. Que tipo de monstro assombroso tu és? Tens resignação pelo parricídio, mas não tens pela perda do filho. Só assim podes suportar a morte de um filho, se a ela tiveres</p>

²⁴ Embora já tendo traduzido o vocábulo *supremum*, -i de outra forma, aqui optamos por “derradeiro adeus” para tentar reproduzir a marcação de aliterações e assonâncias do texto de partida (“*data suprema mandata sunt*” / “*devoções do derradeiro adeus*”).

patientiam, non habes orbitatis; ita demum potes ferre filii mortem, si facinus adieceris. Tu occidis quia desperavere medici? Quererer mehercules si reliquisses, si quid de continuatione curae sollicitudo laxasset. Nihil ergo plus facies quam illi, qui nunc plures circumeunt fortassis aegros, quos distrahit, quos avocat alia curatio? Filios saltem committe vel matri; de fortuna queratur, diis faciat invidiam. Mulieri, quae ferre non potest quod videris desperasse, numquam ex hoc rationem reddas, quod occideris.

Quis hanc, iudices, impudentiam ferat? Temptat pater ut et huic rei credatis, quod desperaverunt omnes et quod speravit unus. Nostrae quidem querelae sufficit non convenisse medicis, et, cum inventus sit qui contra sensum desperantium genus aliquod sanitatis adferret, fas erat, iudices, ut adhuc inveniretur alius qui laetiora, utiliora promitteret. Hoc nunc me queri putatis, quod in re, de qua credere nec omnibus debuisset, accessit uni? Non interest an supersit remedium quod temptare non debeas, et ubi tantundem periculi spes quantum desperatio habet, melior exitus est

adicionado um escândalo. Tu matas porque os médicos o desenganaram? Por Hércules, eu prestaria queixa, se o tivesses abandonado ou se tivesses abrandado a preocupação em relação à continuidade do tratamento. Logo, nada farás a mais do que eles, que agora, provavelmente, circundam muitos doentes, eles, a quem outro cuidado distrai, a quem outro cuidado os interrompe? Ao menos, entrega os filhos à mãe, que ela se queixe do destino, que seja hostil aos deuses. Para a mulher que não pode suportar o fato de que aparentas estar desenganado, nunca exponhas o raciocínio pelo qual mataste.

Quem, membros do júri, toleraria essa impudência? O pai tenta fazer que vós acrediteis nestas coisas: que todos foram desenganados e que apenas um teve esperança. É suficiente, para nossa queixa, o fato de que os médicos não concordaram e, já que foi encontrado um que, contra o senso dos desenganados, trouxesse algum tipo de bem-estar, o justo era, membros do júri, que fosse encontrado outro que promettesse soluções mais propícias e mais úteis. Pensais que agora presto queixa, pois em uma coisa sobre a qual nem em todos deveria ter acreditado, acedeu a um único? Não interessa se há ainda um remédio, pois não deverias tentar (usá-lo) quando a esperança tem o mesmo percentual de perigo quanto o desengano. A melhor saída é aquela que os faz inocentes miseráveis. Por que alimentamos a hostilidade em relação aos

<p>qui facit miseros innocentes. Quid invidiam prioribus medicis paramus? Nemo magis desperat quam qui se negat nosse languorem.</p>	<p>primeiros médicos? Ninguém desengana mais quanto aquele que nega conhecer a doença.</p>
<p>[15] Quid ais, pater? Ita tecum quisquam sic audet agere de duobus filiis tamquam de duobus aegris? Tu ex geminis alterum occidendum dabis? Non ferrem si separare expositurus auderes, si contentus esses educaturus alterutrum; non ferrem a piratis captum filium alterius vicaria servitute redimentem. Tu de orbitate facies vices, et casum singulorum per utrumque diffundes? Parricidium vocarem si, promittente medico quod sanaret unum, posses eligere periturum. Paene crudelius est geminos dividere quam perdere.</p> <p>En scientia cui debeat credi! Negat se scire causas languoris, deinde promittit quicquid licere non deberet nec intelligentibus. “Occidam,” inquit, “deinde sanabo.” Memineris, pater, in hac condicione prius esse, ut occidas. Non est tanta pietas servare filium, quantum facinus occidere. Tu nunc hoc putas profundae artis esse secretum?</p>	<p>[15] O que dizes, pai? Então contigo alguém ousa agir assim sobre teus dois filhos, como se fossem dois doentes quaisquer? Tu darás um dos gêmeos para ser morto? Eu não toleraria se ousasses separá-los para expor um deles [ao abandono], se ficasses satisfeito em ser aquele que virá a educar o outro; eu não toleraria que resgatasses um filho capturado por piratas, colocando o outro em vicária servidão²⁵. Serás tu a decidir aleatoriamente sobre a perda de um filho, estendendo a qualquer um dos dois a suscetibilidade dos filhos únicos? Eu chamaria de parricídio, se o médico promettesse que poderia curar um dos filhos e tu pudesses eleger aquele que viria a morrer. É quase mais cruel dividir os gêmeos do que os destruir.</p> <p>Eis a ciência em que se deve confiar! Ele nega conhecer as causas da doença, depois promete o que não deveria ser permitido nem para aqueles que as compreendem. “Matarei”, disse, “depois, curarei”. Terás lembrado, pai, que a primeira providência, neste acordo, é que mates. Proteger um filho não é tanto um sinal de afeição, quanto matá-lo é um crime. Tu agora pensas ser este o segredo dessa profunda</p>

²⁵ É possível que esse trecho retome a situação descrita na *DM 5*. Dessa forma, podemos supor que, cronologicamente, a *DM 8* tenha sido produzida depois dela.

<p>Verba tantum desperationis involvit, et homo cautissimae vanitatis captat illam novissimam circumire veritatem. Vides quanta promissum suum experimentumque caligine medicus involverit: numquam constabit an fuerit languore moriturus aeger, qui aliter occiditur. “Non novi” inquit “languoris genus.” Post hanc vocem mehercule non deberes committere aegros, etiamsi vellet experiri potionis haustus, ciborum fomentorumque novitates. “Nescio,” inquit, “sed si permiseris alterius aperire vitalia, pectus effringere, remedium fortassis inveniam.” Iam excusatus es, medice, matri: sperastine tibi crederetur.</p>	<p>arte? Ele só encobriu suas palavras de desengano e, como homem de cautelosíssima vaidade, tenta desviar-se daquela verdade absoluta. Vês em quanta escuridão o médico terá encoberto sua promessa e seu experimento: nunca ficará claro se o doente, que morreu de outra maneira, viria a ser morto pela doença. “Não conheço o tipo da doença”, disse. Depois desse pronunciamento, por Hércules, não devias ter-lhe entregado os doentes, ainda que ele só quisesse testar a ingestão de uma bebida, novidades de comidas e de compressas. “Desconheço”, disse, “mas, se permitires que eu abra os órgãos vitais do outro e rompa seu tórax, provavelmente, encontrarei um remédio.” Já estás excusado pela mãe, médico: esperavas que não acreditassem em ti.</p>
<p>[16] Differo paulisper quod de fratribus, quod de geminis, quod pater hoc facit non consentiente matre; publico potius mortalitatis contendo nomine non debere genus istud curationis admitti. Peractum est velut de genere humano, si nobis pro salute aegri opus est morte hominis alterius, et paene ratio sanitatis intercidit, si consumit medicina tantundem. Ego quemquam dicentem feram: “Ut inveniam valetudinis causas, date mihi corpus aliud, alia vitalia;</p>	<p>[16] Postergo, por um instante, o fato de que um pai faz isso em relação a irmãos, em relação a gêmeos, sem o consentimento da mãe; antes, postulo publicamente, em nome de toda a humanidade, que este tipo de tratamento não deve ser admitido. Quanto à raça humana, é como se estivesse acabada, se nossa tarefa em prol da saúde de um doente equivale à morte de outro homem; e a razão do bem-estar fenece, se a medicina dizimar o mesmo percentual de pessoas que cura. Serei eu a tolerar alguém que diz: “Para que eu encontre as causas da convalescência, dai-me outro corpo, outros</p>

occidam, deinde salutaria quaeram, profutura meditabor”? Ita non facilius est nosse languorem? Quae haec est impudentia crudelissimae vilitatis? Aegrum placuit occidere, ut inveniretur cur non debuisset occidi!

Nullum, sanctissimi iudices, natura morborum genus solis visceribus abscondit, et quicquid causas valetudinis de vitalibus trahit, in corpus emanat. Inde pallor, inde macies, quod ad interiorem dolorem superposita consentiunt. Non invenio cur hominem vulneribus exquiras, cum remedia quoque vitalibus per corpus immittas, et in latentes meatus <per> haec, quibus tegimur, medicina descendat. Cur ergo non eadem ratione languor admittit intellectum qua sanitatem? Prodit abditos profundosque morbos aut citatior clausi sanguinis cursus aut crebrior anhelitus laborantis animae. Crede de his ante omnia sensibus, oculis tuis, et ipsos, de quibus agitur, modo singulos, modo pariter interroga, cui potissimum parti grave tacitae pestis

órgãos vitais; matarei, depois buscarei práticas terapêuticas, refletirei sobre suas consequências posteriores”? Assim, não há meio mais fácil de conhecer uma doença? Que impudência é essa feita de crudelíssima vilania? Agradou-lhe matar o doente, só para que fosse encontrado o porquê não deveria tê-lo matado!

Nenhum tipo de enfermidade, excelentíssimos membros do júri, a natureza esconde somente nos órgãos vitais, e o que quer que engendre as causas da convalescência a partir dos órgãos vitais emana para o corpo. Daí a palidez, daí a magreza que, aparentes externamente, estão em consonância com a dor interior. Não encontro porquê examinas um homem por meio de lacerações, quando os remédios também são transmitidos aos órgãos vitais pelo corpo e o medicamento desce por esses meandros ocultos, pelos quais somos recobertos. Logo, por que a doença não admite diagnóstico através do mesmo procedimento pelo qual admite a recuperação? Revelam-se as doenças escondidas e profundas ou por um fluxo de sangue mais rápido [dentro das veias] ou pelo anélito mais ofegante de uma sofrida respiração. Confia em relação a esses assuntos, antes de tudo, em teus sentidos e em teus olhos e, ora individualmente, ora simultaneamente, interroga esses mesmos indivíduos, dos quais se trata aqui, sobre: para qual parte de seus

<p>pondus insederit, unde prorumpat in gemitus conscius dolor. Medicus, qui per haec non potest invenire languorem, non invenit nec remedium.</p>	<p>corpos o grave peso da tácita peste majoritariamente incidiu e de onde irrompe, em gemidos, a dor que eles experimentam. O médico que, através dessas informações, não consegue encontrar a doença, tampouco encontra o remédio.</p>
<p>[17] Quodsi aliquid laniatus medicinae potest praestare rationis, sufficit quod, aliquando iam facta exanimis hominis inspectione, ad totius intellectum naturae medicina profecit.²⁶ Quid adlaturus huic aegroto es quod non tot saeculorum, tot languentium experimenta deprehenderint? Vis tu potius hac audacia, qua secreta languoris exquiris, remedia temptare? Brevior via sanitatis humanae, propior nostrae salutis utilitas est. Si viscerum nimius ardor stricta circa se membra duravit, adhibe remedia laxantia. Si fluitat nimis aeger humoribus, praesto sint per quae pressis clusisque venis in novas vires corpus arescat. Si parum prodest abstinentia, rursus ciborum qualitate</p>	<p>[17] Mas se a carnagem pode prestar algum serviço de diagnóstico para a medicina, é suficiente o fato de que, toda vez que a autópsia de um indivíduo já sem vida for realizada, a medicina progrida para a compreensão de toda a natureza. O que virás a trazer a este doente que os experimentos de tantos séculos e de tantos adoentados não apreenderam? Tu não desejas, antes, testar remédios com esta ousadia com que examinas os segredos de uma doença? Há uma via mais curta para o bem-estar humano, um expediente mais próximo para nossa saúde. Se o ardor excessivo das vísceras endureceu os órgãos comprimidos em seu próprio entorno, administra remédios relaxantes. Se o doente se liquefaz em excessivos humores, devem estar à disposição aparatos por meio dos quais, pressionadas e fechadas as veias, o corpo estanque-os com renovadas forças. Se a abstinência for pouco útil, que ele, pelo contrário, seja acalentado através da qualidade das comidas. Se,</p>

²⁶ As edições do texto latino utilizadas para as traduções em línguas estrangeiras modernas que foram consultadas apresentam manuscritos divergentes neste trecho. Desse modo, seguiu-se a edição de Winterbottom (2021).

<p>foveatur. Si spiritus receptis premitur alimentis, ad puriores meatus ieiunio fameque tenuetur. Contigit tibi magna experimentorum materia, medice: aegri duo et languor idem. Non est opus ut expectes quando se per unius hominis patientiam explicet profuturorum magna diversitas; potes experiri pariter eadem, consentanea, diversa, pugnancia. Nulla ratio est vulnerum, sanguinis, supremorum. Quemadmodum sanari debeat alius aeger, scire non possis nisi ex homine sanato. Quid, quod, etiam ut idem sit valetudinis genus, necesse est tamen duorum corporum diversitate varietur? Numquam in alienis visceribus invenias totum quod de altero quaeras, et alius languor est <si> alius aeger. Cur maximum nefas alterius filii salute defendis? Homo, in quo sola quaeritur causa languoris, propter medicum occiditur.</p> <p>Adice quod nec deprehendi ex laniato potest ullius causa languoris.</p>	<p>recebidos os alimentos, a respiração estiver pesada, que ele emagreça através de jejum e fome para (alcançar) vias aéreas mais limpas. Calhou-te, médico, uma grande oportunidade de experimentos: dois pacientes com a mesma doença. Não há necessidade de que esperes o momento em que uma grande diversidade de remédios posteriores desenvolva-se por meio da resistência de um único indivíduo. Podes testar simultaneamente os mesmos remédios, os concordantes, os diversos e os conflitantes. Não há razão para lacerações, sangue e óbitos. Não podes saber de que modo um outro paciente deveria ser curado senão pelo exame de um indivíduo curado. E sobre o fato de, mesmo que a convalescência seja do mesmo tipo, fazer-se inevitável, no entanto, que seja diferente, dada a diversidade dos dois corpos? Nunca encontrarias nas vísceras de uma pessoa tudo o que procuras em uma segunda, e a doença é outra <se> o paciente é outro. Por que defendes, com a saúde do outro filho, um crime hediondo? O homem, no qual é apenas procurada a causa de uma doença, é morto por causa do médico.</p> <p>Adiciona a isso ainda que nem se pode apreender alguma causa da doença por meio daquele que foi carneado.</p>
<p>[18] Quicquid nos in vitia morborum a</p>	<p>[18] O que quer que nos converta do bem-estar</p>

naturali sanitate commutat, facit aut nimii sanguinis pondus exaestuans aut superfluens calor aut ultra naturalem modum humor exundans aut spiritus per tacitos meatus non solita laxitate discurrens.

Quid horum, si vitalia ferro vulneribusque resecentur, salvum potest esse languentibus, cum compressi spiritus laborem protinus ille reserati pectoris meatus emittat, sanguis isdem pariter deprehendatur egrediaturque vulneribus?

An fas putatis ut suam servent viscera nudata faciem, ut nihil perdat ex priore natura illud pectoris vitaeque secretum, cum admisit oculos? Plurimum in nobis etiam timore mutatur. Quantum aufert sollicitudo, gaudium, dolor et aliquis subitus adfectus! Quotiens, dum ad curationem praeparatur aeger, dum componitur ad sua remedia corpus, medentium manus anima destituit! Iam vero ad singulos ictus et longissimas vulnerum moras quantum ex toto homine

natural aos distúrbios das enfermidades provem ou do peso de um excesso de sangue que fervilha ou do calor que superabunda ou dos humores que transbordam para além da medida natural ou ainda da respiração que não transcorre pelas tácitas vias aéreas com a dilatação normal. Se os órgãos vitais forem dissecados com cortes de bisturi, qual desses (fatores acima) pode ser reparado nos adoentados, depois que aquela via aberta no tórax libere instantaneamente o estresse da respiração oprimida, e o sangue, por meio dos próprios cortes, ao mesmo tempo seja interceptado e extravasado? Ou julgais plausível que as vísceras desnudadas conservem seu estado, que aquele mistério do tórax e da vida nada perca de sua natureza precedente quando admite olhares (sobre si)? Muito é mudado em nós até mesmo pelo temor. Quanto arrebatada a preocupação, a alegria, a dor e algum súbito sentimento! Com frequência, enquanto um paciente é preparado para um tratamento, enquanto o corpo é aprestado para seus remédios, a vida abandona as mãos daqueles que o medicam! E ainda, na verdade, a cada incisão e com as longuíssimas demoras dos cortes, quanto de um homem todo é modificado pelo clamor e pelo gemido! Necessariamente perecem todos os princípios pelos quais a vida é conservada toda vez que a

<p>convertitur clamore, gemitu! Necesse est omnis perire, quibus continetur vita, causas, quotiens ipsa vita consumitur, et, cum homine qui propter intellectum languoris occiditur, ipse quoque paulatim languor emoritur. Differ saltem, pater, hanc crudelitatem; quicquid ex filio facis, facies ex cadavere. Si potest deprehendi languor, dum occidit, facilius, cum occiderit.</p> <p>Interrogare mehercules hoc loco libet, utrumne periturum pater an medicus elegerit. Negavit sua interesse quem occideret. Hoc, si et alter perisset, probaverat utrumque fuisse periturum; cum convaluerit, probat utrumque victurum. Ad saevissimam curationem potuit aegrum facilius mehercules explicare, si esset unici pater. Sufficit ergo comparare, decernere? Non iterum ille tibi pretiosior, ille melior incipiet esse victuro?</p>	<p>própria vida sucumbe. E, junto ao indivíduo que é morto em vista da compreensão sobre a doença, a própria doença, paulatinamente, também desaparece. Adia, ao menos, ó pai, essa crueldade. O que quer que fazes de teu filho, o farás (somente) de seu cadáver. Se é possível deprender uma doença enquanto se mata uma pessoa, seria mais fácil quando ela já estivesse morta. A essa altura, gostaria de interrogar, por Hércules, se foi o pai ou o médico quem teria escolhido aquele que deveria vir a perecer. Ele²⁷ negou ser de seu interesse quem mataria. Se o outro percesse, este homem teria provado que ambos estavam destinados a perecer. Visto que um convaleceu, prova-se que ambos estavam destinados a viver.</p> <p>Por Hércules, ele poderia explicar mais facilmente o ato de submeter um doente a um tratamento atrocíssimo se fosse pai de um único filho. Ele tem, pois, condições para comparar, para distinguir? Aquele (que escolheste para morrer) não começará a ser, por sua vez, mais precioso para ti, aquele (que escolheste para morrer) não começará a ser melhor do que o filho que está destinado a viver?</p>
---	--

²⁷ Winterbottom (2021, p. 160) pontua que esta afirmação é referente ao pai, uma vez que o orador, em momento posterior, insinua que o pai, na verdade, seria capaz de escolher entre os filhos, em virtude de demonstrar menor afeição em relação ao que foi morto pelo médico.

[19] Ubi est impatientia, qua vix dimittitur cadaver in rogos, qua corpus exanime detinetur amplexu? Dii immortales, quam saeva, quam crudelis est ipsa cunctatio! Dum deliberas, dum unumquemque detrectas, parricidium in utroque consummas. Duorum vilitate fit ut ex fratribus possit alteruter occidi. Numquam, iudices, res tam horribilis inauditaque feritatis admissa est: filium pater propter eum occidit, quem etiam ipsum poterat occidere! Transfert, iudices, reus in medicum electionis invidiam: “Ille” inquit “aestimavit, ille decrevit.” Ergo manifestum est non parem fuisse languorem: ex duobus aegris plus habuit spei, propter quem debuit alter occidi.

Recede paulisper, mulier infelix: filii tui nobis referenda curatio est. Felices aegri qui languore moriuntur, qui supremos anhelitus inter suorum amplexus, inter suorum adloquia posuerunt! Ut erat iuvenis primo ipso comparationis incerto, mox electione cruciatus, abacta est a perituro prima mater, et modo sedula ministeria servorum repente mutata sunt in mortis officia. Detrahuntur trementibus velamenta membris et, ut

[19] Onde está o desespero, pelo qual o cadáver só é enviado para as piras com muito custo, pelo qual o corpo sem vida é detido com um abraço? Deuses imortais, quão atroz, quão cruel é a própria hesitação! Enquanto deliberas, enquanto renuncias a qualquer um dos filhos, consumas o parricídio em ambos. A insignificância dos dois para ti faz com que qualquer um dos irmãos possa ser morto. Nunca, membros do júri, uma atitude de ferocidade tão horrível e desconhecida aceitou-se: um pai mata o filho por causa do outro que ele mesmo também poderia matar! O réu, membros do júri, transfere a hostilidade da escolha para o médico: “Ele julgou, ele decidiu”, disse. Logo, fica evidente que não era a mesma doença: entre os dois doentes, houve mais esperança em relação àquele por causa de quem o outro teve que ser morto.

Retira-te, por um instante, mulher infeliz: o tratamento do teu filho será recapitulado por nós. Felizes dos doentes que morrem pela doença, que podem dar seus derradeiros suspiros entre os abraços e as conversas dos seus. Como era jovem o torturado primeiramente pela própria incerteza da comparação, e em seguida pela escolha (em si), a princípio a mãe foi afastada dele, que estava destinado a perecer, e, pouco depois, as dedicadas atribuições dos servos de repente foram transformadas em preparativos para a morte. As vestes são removidas dos membros trêmulos e, de modo que o corpo todo aceitasse

<p>grassaturas manus totum corpus admitteret, nudatur miserabilis ac deflenda macies. Toto deinde tenditur toro, et ad immobilem rigidamque patientiam per omnia lectuli spatia duraturus exponitur. Accipit carnifex ille telum, non quo dextera statim totum vulnus imprimeret, sed quo leviter paulatimque discindens animam in confinio mortis ac vitae librato dolore suspenderet. Haec exhortatio, hoc fuit perituri iuvenis adloquium: “Fortiter dura, patienter admitte; sanabitur frater. Non est quod exanimeris metu, dolore deficias. Cave viscera exclamatione ne lasses, anhelitu gemituque concutias, ne remedium pereat alienum.” Passus est miser discurrentem per omnia reserati pectoris improbum vagae artis errorem.</p>	<p>as mãos que se espreitavam, a magreza, miserável e deplorável, é desnudada. Depois, ele é estendido por toda a cama e exposto, com imóvel e rígida resignação, por toda a extensão do leito. Aquele carrasco pega sua arma, não para que desferisse um corte completo com a mão direita imediatamente, mas para que, delicada e paulatinamente, ao cindi-lo, sustentasse sua alma no limite da vida e da morte, mensurando a dor. Esta foi a exortação, este foi o discurso dirigido ao jovem destinado a perecer: “Aguenta firme, aceita pacientemente que eu o perfure; teu irmão será curado. Não desmaies pelo medo, não colapses pela dor. Cuida para não cansar teus órgãos vitais com exclamações, não os agitar com tua ofegação e com teus gemidos, senão o remédio do outro perecerá.” O miserável suportou, percorrendo por todo seu peito aberto, o erro ímprobo de uma arte amadora.</p>
<p>[20] Contentum fuisse medicum toto homine discentem primo putatis aspectu? Egesta saepe vitalia, pertractata, diducta sunt; fecerunt manus plura quam ferrum. Stat iuxta medicum pater apertis visceribus inhians; stillantem animae sedem cruentis manibus agitantem ne festinet hortatur, iubet altius diligentiusque scrutari,</p>	<p>[20] Pensais que o médico teria se contentado em instruir-se a respeito do indivíduo todo com uma primeira olhada? Os órgãos vitais foram extraídos um após o outro, inteiramente manipulados e separados. Suas mãos fizeram muito mais do que o bisturi. O pai fica imóvel, próximo ao médico, boquiaberto diante das vísceras expostas. Exorta o médico – o qual esmiúça a sede de vida do jovem com as mãos ensanguentadas – para que não se apresse. Ordena, ao contrário, que ele investigue mais</p>

<p>interrogat, dubitat, contendit, adfirmat et accipit de filii morte rationem.</p> <p>At mulier infelix, cluis advoluta foribus cruentumque secretum toto corpore effringens, velut super busta tumulosque clamabat: “Audi, miserrime iuvenis, si quis adhuc tibi superest sensus, exaudi: non permisit hoc mater, crede orbitati meae, crede lacrimis; nec frater hac vellet ratione sanari.” Inter haec reficiebatur miser haustibus, detinebatur adloquiis, comprimebatur residuus cruor, cludebantur aperta vitalia. Nemo umquam tam nova pertulit commenta saevitiae: tamquam sanaretur occisus est. Ite nunc et quaerite an potuerit medico sanante vivere, qui tamdiu vixit dum occiditur.</p>	<p>profunda e diligentemente, interroga, duvida, afirma, assevera e justifica a razão da morte do filho.</p> <p>Mas a infeliz mulher, prostrada junto às portas fechadas, ao tentar arrombar com todo seu corpo o cruento cômodo secreto, clamava como se estivesse sobre a tumba e o túmulo: “Ouve, jovem miserabilíssimo, se ainda sobrevive em ti, até aqui, alguma sensibilidade, ouve bem: tua mãe não permitiu isso, acredita no meu luto pela tua perda, acredita nas minhas lágrimas; nem teu irmão desejaria ser curado por este diagnóstico.” Enquanto isso, o miserável era reanimado com a infusão de líquidos, era entretido com palavras de consolo, o sangue residual era estancado, os órgãos vitais abertos eram costurados. Ninguém jamais suportou tão inovadores projetos de perversidade: foi morto como se tivesse sido curado. Ide agora e perguntai ao médico que o estava curando se ele poderia sobreviver, ele que por tanto tempo sobreviveu enquanto era morto.</p>
<p>[21] Vos tunc putatis illius tantum languoris medicum quaesisse causas? Quaesivit quicquid nesciebat, et usus occasione rarissima in omnem voluit proficere novitatem. Dii immortales, quantum infelix iuvenis animae, quantum sanguinis, quantum habuit ex vita, qui pertulit ordinem longissimae curationis! Vix, aegre misero</p>	<p>[21] Vós pensais, então, que o médico procurou apenas as causas daquela doença? Procurou o que quer que ignorasse, e aproveitando uma raríssima oportunidade, quis avançar em tudo quanto era novidade. Deuses imortais, quanta alma, quanto sangue e quanta vida tinha o jovem infeliz, que suportou todas as etapas do longuíssimo tratamento! A custo foi permitido ao miserável doente morrer; a</p>

licuit mori, vix a cruciatibus suis anima dimissa est. Inventum putatis esse languorem? Inventum est illum potuisse sanari. Agedum commento tuo, senex, superbus exulta; habes quod liberis, quod parentibus, quod imputare saeculo possis: fecisti medicum parricida meliorem.

Libet mehercules intueri par illud: <illinc> aegrum videtis hominem, qualem non salutare medentium manus, non ars inventa pro vita, sed diri ferarum rabidique morsus et animalium fames satiata destituit; hinc alium, in novas vires recensque robur reddito vigore surgentem. Vultis scire, iudices, unde venerit tanta diversitas? Illum pater curavit, hunc mater. “Quantum” inquit “misera pertuli laborem, dum tam magnam foveo tristitiam! Non fuit mihi rixa cum morbis nec cum repugnantis valetudinis rigore contentio. Totus in lacrimas maeroremque resolutus oderat lucem; respuebat cibos, fastidiebat haustus, et vitam parricidii pudore fugiebat. In omni proclamatione gemituque frater, ille diebus ac noctibus cogitationes, ille torquebat oculos.” De quibus tu aegris, impotentissima medicina, mentita es! Non

custo sua alma afastou-se da tortura. Pensais que a doença foi descoberta? Na verdade, descobriu-se que ele poderia ter sido curado. Vamos lá, velho, exulta, soberbo, o teu projeto! Tens algo pelo que podes reivindicar crédito com as crianças e com os pais por séculos: sendo um parricida, fizeste um médico melhor! É recompensador, por Hércules, admirar aquele par: <de um lado>, vedes um doente, tal e qual um indivíduo a quem não foram as mãos benfazejas do curandeiro, nem a arte descoberta em prol da vida que o defraudou, mas as mordidas funestas e raivosas das feras e a fome saciada dos animais; e daquele, o outro, surgindo com novas forças e recente energia, tendo seu vigor sido devolvido. Desejais saber, membros do júri, de onde teria vindo tanta diversidade? O pai cuidou daquele, a mãe, desse. “Quanto sofrimento, ai de mim, eu suportei, enquanto acolhia tão grande tristeza! Não tive rixa com as enfermidades nem embate com o rigor da renitente convalescência. Todo desfeito em lágrimas e luto, odiava a luz; rejeitava a comida, a ingestão de bebidas enfadava-o e fugia da vida por vergonha do parricídio. Em todo apelo e gemido, estava o irmão, nos dias e nas noites, ele estava em seus pensamentos, ele atormentava seus olhos”, disse ela. Sobre quais doentes tu, ó impotentíssima medicina, mentiste? Não foi, não foi somente pela doença que ele viria a

<p>fuit, non fuit solo languore periturus, quem non potuit nec mors fratris occidere.</p> <p>“Quid igitur,” inquit miserrima feminarum, “saevissime senex, ex hac recordatione tristissimae orbitatis ad hos vultus faciemque converteris?” Sine dubio filius est et post gravissimas denuntiationes redditus vitae,</p>	<p>perecer, ele a quem nem mesmo a morte do irmão pôde matar.</p> <p>“Como é que, então, ó velho mais atroz, a partir da recordação da tristíssima perda de um filho, apareces com esta cara e com esta aparência?”, disse a mais miserável das mulheres. Sem dúvidas, um filho retornou à vida, mesmo após as gravíssimas declarações (dos médicos).</p>
<p>[22] sed ignoscat natura, pietas: non est solacium matri unus ex geminis. Felicior ille dolor est, quo transigi saltem cum oculis potest; <hic> renovatur, accenditur, et in his vultibus illum cotidie putat videre pereuntem. Sed et ipse gaudio redditae vitae laetitiaque non fruitur, nec se credere potest caritate praelatum, quem medicus elegit. Sentit infelix cuius orbitatis unicus sit, quibus lacrimis perfundantur oscula, quam magnis profundisque suspiriis concutiatur amplexus. Misera verecundia sanitatis ingratae: pretium sibi videtur fratris occisi. Convertitur hoc loco, iudices, mulier infelix et velut ad quandam praesentiam amissi iuvenis “Sive” inquit “tandem securitate mortis explicitus in aliquo sedis aeternae nemore requiescis, sive exclusus ac vagus</p>	<p>[22] Mas, ó Piedade, que a natureza a perdoe: não é consolo para uma mãe ter apenas um de seus filhos gêmeos. Mais feliz é aquela dor que pode, ao menos, consumir-se com os olhos; <esta> dor é renovada, é reacendida e, neste rosto, cotidianamente, pensa ver aquele outro morrendo. Mas até mesmo este jovem não usufrui da alegria e da felicidade da vida devolvida a ele, nem pode acreditar ter sido preferido por ternura, uma vez que foi o médico quem o escolheu. O infeliz sente a perda de quem o fez filho único, para quem as lágrimas molham os beijos, por quem grandes e profundos suspiros estremecem os abraços. Ó miserável vergonha de ingrata recuperação: parece-lhe ser o preço da morte do irmão. Neste momento, membros do júri, a mulher infeliz se volta e, como se estivesse na presença do jovem perdido, diz “Se, finalmente, livre, na tranquilidade da morte, repousas em algum bosque da eterna sede ou se, excluído e errante,</p>

[et] inter fabulosa supplicia, metuendus adhuc laceratione, per stupentes horrentesque manes umbra discurrens, audi miserrimae matris iniquissimam complorationem. Non quidem licuit mihi in illud cubiculum, conditorium tuae mortis, inrumpere, nec supra carissima membra prostratae meis vulnera tua tegere visceribus; quod solum tamen potui, corpus quod medicus, quod reliquerat pater, hoc sinu misera collegi ac vacuum pectus frigidis abiectisque visceribus rursus implevi, sparsos artus amplexibus iunxi, membra diducta composui et de tristi terribilique facie tandem aegri cadaver imitata sum. Hoc est tamen, quod de tristissima orbitate praecipue ferre non possum: propter fratrem videris occisus, nec tamen umquam constare poterit an tu sanaveris fratrem.”

entre lendários suplícios, ainda de aspecto temível devido à dissecação, vagas como sombra por entre fantasmas, que se entorpecem e se horrorizam contigo, ouve a infelicíssima lamúria de tua miserabilíssima mãe: de fato, não me foi permitido irromper naquele quarto, sepulcro de tua morte, nem, prostrada sobre teus caríssimos membros, cobrir tuas feridas com minhas vísceras. Pude, no entanto, fazer apenas uma coisa: coligi, nesta bolsa, o corpo que o médico e que o pai abandonaram e, miserável, enchi novamente o peito vazio com as vísceras frias e abatidas, juntei com os meus braços, as articulações dispersas, reuni os membros afastados e, finalmente, imitei, a partir daquela aparência triste e terrível, o cadáver de um doente. No entanto, isso é o que não posso, especialmente, suportar sobre a minha tristíssima perda: aparentas ter sido morto por causa de teu irmão, no entanto, nunca será provado se foste tu a ter curado o teu irmão.”

5 APRENDENDO COM AS ESCOLAS DE RETÓRICA DA ANTIGUIDADE: PRÁTICAS DE ORALIDADE NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Como bem reflete a epígrafe desta dissertação, de Jacyntho Lins Brandão, ao optarmos pela tradução e pelo estudo de textos constituintes da chamada Antiguidade Clássica, em especial daqueles que, durante algum tempo, foram marginalizados pela própria Academia, muitos questionamentos são levantados sobre a importância e a necessidade de trabalhos oriundos de tais pesquisas. É, contudo, ao observar atentamente o passado de nossa sociedade que podemos aprender e ponderar acerca de temas que ainda constituem nosso presente e que podem, de alguma forma, interferir em nosso futuro.

Com base nisso, o presente capítulo propõe-se a analisar as possíveis relações entre o gênero declamatório, aplicado na educação imperial romana, e a sala de aula na contemporaneidade, por meio da avaliação de conceitos e temáticas prementes para o trabalho pedagógico no século XXI, com a proposição de uma sequência didática (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004) adaptável para diferentes níveis de escolaridade e baseada na metodologia de ensino das escolas de retórica do período imperial romano. Por fim, apresenta-se o relato de experiência da aplicação de tal proposta em uma turma de graduação em Letras no período de estágio docente obrigatório da autora desta dissertação.

5.1 METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM E A EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA

No decorrer das últimas décadas, foi possível perceber que a evolução tecnológica acelerada e as mudanças nos paradigmas sociais afetaram (continuam afetando) de diversas maneiras a vida em sociedade. Isso causou desdobramentos nas mais variadas formas de relacionar-se, principalmente, no convívio escolar, o qual é, em grande parte das vezes, o primeiro ambiente de socialização extrafamiliar em que crianças e adolescentes são inseridos e no qual passarão grande parte de sua vida, pensando em sua experiência até o fim da educação básica, mas podendo estender-se ainda até a pós-graduação – o que torna o ambiente educacional o foco de longos anos de rotina para uma parte considerável da população mundial.

Desse modo, as alterações que ocorrem no meio social impactam diretamente no universo escolar, exigindo adaptações que acompanhem as novas necessidades e tendências. Muitas dessas mudanças já estavam, há alguns anos, sendo implementadas e absorvidas aos poucos pelas instituições de ensino, todavia, com a pandemia de COVID-19, alguns desses

processos precisaram ser acelerados, como: a efetivação do uso de tecnologias de comunicação para disponibilização de materiais didáticos, propostas de atividades e aulas on-line, o trabalho para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, da capacidade de diálogo e de resolução de conflitos e também a adaptação das aulas para propostas pedagógicas que valorizassem a participação e o protagonismo dos alunos em sua própria formação, por meio de sua atuação enquanto agente na construção de seu próprio conhecimento.

Nesse momento, então, o debate educacional aponta para a importância de se (re)pensar o modelo tradicional de ensino para que tais aspectos coletivos, que se fizeram imediatos, fossem tratados e aperfeiçoados no ambiente escolar, em seus diferentes contextos e níveis, isto é, desde instituições privadas a públicas e também desde a educação infantil até a formação em nível superior. Entra em voga, assim, o conceito das Metodologias Ativas de Aprendizagem.

Apesar de tais metodologias serem mencionadas com maior frequência atualmente, já no período do movimento escolanovista, John Dewey, em 1979, defendia que a educação deveria ser concebida como uma busca ativa pelo conhecimento, por parte do aluno:

Dewey criticou a cultura de obediência e submissão, enfatizando o seu desgosto mediante a memorização de conteúdos pelos educandos presente nas escolas, a qual para ele era na verdade um obstáculo à verdadeira educação. Ele então postulou que para o progresso da ordem social, deveriam ser buscados os princípios da iniciativa, da originalidade e da cooperação (Lovato *et al.*, 2018, p. 156-157).

Ademais, no século XX, diversos autores e pensadores começam a debater acerca da importância da autonomia do estudante durante o processo de aprendizagem, como Maria Montessori, Lev Vygotsky, David Ausubel, Michael Foucault, Paulo Freire, entre outros. Por conseguinte, percebe-se que, embora as metodologias ativas estejam ganhando espaço e sendo implementadas em larga escala apenas na segunda década do século XXI, os pensamentos e reflexões que as impulsionaram são bastante anteriores a isso.

Para além dos autores mais disseminados no campo da educação, em especial os dos últimos séculos, já no período imperial romano, as escolas de retórica, principalmente aquelas que seguiam as formas de ensino propostas por Quintiliano, adotavam métodos educacionais que proporcionavam aos alunos momentos de interação prática com o objeto de seu estudo, no caso, a composição e a performance de declamações.

A questão principal é que, mesmo que as questões sobre a necessidade de participação ativa dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem sejam, de certa forma, antigas, atualmente elas fazem-se primordiais e urgentes para a educação contemporânea, inserida num

contexto de alta produtividade e imersão tecnológica pós-pandêmica, uma vez que o letramento em suas diversas formas torna-se primordial para participação dos cidadãos enquanto membros de um corpo social e para seu desenvolvimento socioemocional com a finalidade de lidar com situações cotidianas complexas. Então,

As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa.

Desafios e atividades podem ser dosados, planejados e acompanhados e avaliados com apoio de tecnologias. Os desafios bem planejados contribuem para mobilizar as competências desejadas, intelectuais, emocionais, pessoais e comunicacionais. Exigem pesquisar, avaliar situações, pontos de vista diferentes, fazer escolhas, assumir alguns riscos, aprender pela descoberta, caminhar do simples para o complexo. Nas etapas de formação, os alunos precisam de acompanhamento de profissionais mais experientes para ajudá-los a tornar conscientes alguns processos, a estabelecer conexões não percebidas, a superar etapas mais rapidamente, a confrontá-los com novas possibilidades (Morán, 2015. p. 17-18).

Por esse motivo, as metodologias ativas de aprendizagem ganharam maior atenção nos últimos anos, especialmente, no pós-pandemia. Após um longo período de distanciamento social e a realocação de atividades presenciais para o ambiente virtual, testemunha-se agora uma geração de indivíduos – desde a infância até a vida adulta – que foram forçados a praticar novos hábitos de estudo e pesquisa, retrocederam no que tange à aprendizagem que engloba o convívio social para além do núcleo familiar e, além disso, desenvolveram doenças e transtornos psicológicos em virtude dos problemas advindos do novo vírus e de suas consequências sociopolíticas.

Esse novo grupo de discentes que compõem as instituições de ensino apresenta demandas específicas em sua formação, para além das reivindicações da sociedade tecnológica e mercadológica em que se encontra: para ele é imprescindível exercitar a capacidade de comunicação e socialização, ampliar suas habilidades cognitivas, compreender e administrar suas emoções e seus sentimentos e, ainda, ser sujeito ativo na conquista de todos esses atributos, protagonista de sua própria história.

A própria Base Nacional Comum Curricular²⁸, doravante BNCC, já previa tais necessidades, mesmo antes da pandemia de COVID-19. Em seu texto introdutório, afirma que uma das competências gerais que a educação básica deve garantir aos seus estudantes é:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e **exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva** (Brasil, 2017, p. 9, grifo nosso).

Ademais, ela ainda propõe:

a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o **estímulo à sua aplicação na vida real**, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o **protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida** (Brasil, 2017, p. 15, grifos nossos).

Tais critérios são exigências documentadas em nível federal com relação à educação básica. Há ainda requisitos mínimos necessários para a implementação de cursos de graduação em instituições de ensino superior. De acordo com o art. 43 da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, também conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a educação superior tem por finalidade

I – estimular a **criação** cultural e o **desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo**;
 II – formar diplomados nas diferentes áreas do conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a **participação no desenvolvimento da sociedade brasileira**, e colaborar na sua formação contínua;
 III – incentivar o **trabalho de pesquisa e investigação científica**, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
 [...] (Brasil, 1996, p. 14, grifos nossos).

Essas demandas dos documentos que regem a educação brasileira tornam necessária uma formação ativa dos discentes, que não podem ser vistos apenas como receptáculo de informações e conhecimentos provenientes de um professor que, no formato tradicional de

²⁸ “[...] documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)” (Brasil, 2017, p. 7).

educação, é considerado o detentor de um conhecimento de maior valor, o qual deve ser transmitido a alunos passivos, por sua vez, vistos como tábulas rasas. Portanto, a aplicação de metodologias que criam autonomia e proatividade nos estudantes faz-se imperiosa para que, ao finalizar sua formação educacional, os indivíduos sejam capazes de exercer plenamente sua cidadania, por meio da prática de seu trabalho e também da plena compreensão de seus direitos e deveres perante a vida em sociedade.

5.2 MULTILETRAMENTOS E ORALIDADE EM SALA DE AULA

Juntamente com os avanços nas teorias pedagógicas e nas reflexões sobre o ensino das mais diversas áreas do conhecimento, o ensino das linguagens também modificou-se com o decorrer do tempo. Durante o século XX, começou-se a questionar o posicionamento gramaticalista e descontextualizado do ensino das disciplinas e conteúdos de linguagens e

A necessidade de uma *pedagogia dos multiletramentos* foi, em 1996, afirmada pela primeira vez em um manifesto resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres (doravante, GNL), um grupo de pesquisadores dos letramentos que, reunido em Nova Londres (daí o nome do grupo), em Connecticut (EUA), após uma semana de discussões, publicou um manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures* (“Uma Pedagogia dos Multiletramentos” – desenhando futuros sociais”) (Rojo, 2012, p. 11-12, grifo no original).

Vale ressaltar aqui que

Diferentemente do conceito de **letramentos (múltiplos)**, que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não na sociedade em geral, o conceito de **multiletramentos** – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais elas se informam e se comunicam (Rojo, 2012, p. 13, grifos no original).

Assim, ao pensar o ensino de Língua Portuguesa no Brasil pelo viés dos multiletramentos, é importante refletir sobre a prática, em sala de aula, da oralidade – ainda incipiente, em virtude de haver uma maior valorização social de textos escritos em detrimento dos gêneros orais.

Aqui entendemos que

Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. São caracterizados por três elementos:

- conteúdo temático: o que é ou pode tornar-se dizível por meio do gênero;
- construção composicional: estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero;
- estilo: configurações específicas das unidades de linguagem derivadas, sobretudo, da posição enunciativa do locutor; conjuntos particulares de seqüências que compõem o texto etc.

A noção de gênero refere-se, assim, a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado (Brasil, 1998, p. 21).

Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documentos federativos que “[...] foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras” (Brasil, 1998, p. 5) e que têm como objetivo auxiliar na orientação e na organização dos currículos escolares de cada uma das disciplinas da rede pública de ensino – enquanto, nas instituições privadas, sua adoção torna-se facultativa.

Tais documentos ainda afirmam que

[...] nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola, a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões, os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral. Reduzir o tratamento da modalidade oral da linguagem a uma abordagem instrumental é insuficiente, pois, para capacitar os alunos a dominarem a fala pública demandada por tais situações.

Dessa forma, cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la (Brasil, 1998, p. 25).

Apesar disso, grande parte das instituições de ensino negligenciam esse viés formativo e acabam por focalizar especificamente em gêneros escritos, principalmente naqueles dotados de maior prestígio social. Contudo, como afirma Luiz Antônio Marcuschi,

[...] sob o ponto de vista mais central da realidade humana, seria possível definir o homem como um *ser que fala*, mas não como um *ser que escreve*, o que traduz a convicção, hoje tão generalizada quanto trivial, de que a escrita é derivada e a fala é primária. Não é necessária muita genialidade para constatar que todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral, mas relativamente poucos tiveram ou têm uma tradição escrita. Não se trata, com isto, de colocar a oralidade como mais importante, mas de perceber que a oralidade tem uma “primazia cronológica” indiscutível (Marcuschi, 1997, p. 120, grifos no original).

Por esse motivo, o trabalho com a oralidade em sala de aula faz-se essencial, para formação não só de discentes que dominem os conteúdos curriculares ministrados, mas também cidadãos que consigam colocar em prática, de maneira assertiva e eficaz, as mais diversas formas de comunicação – em especial as oralizadas – e utilizar delas para uma participação mais ativa na vida pública de acordo com seus variados contextos.

5.3 SOBRE A FORMAÇÃO DO ORADOR E O GÊNERO DECLAMATÓRIO COMO PRÁTICA EDUCACIONAL

Como já comentado em outro capítulo, a educação romana tinha como principal interesse formar o cidadão – jovens, do sexo masculino, de aproximadamente 14 ou 15 anos, provenientes da aristocracia romana – para sua atuação na vida pública e privada, utilizando, para isso, o estudo aprofundado de técnicas oratórias, mais especificamente aplicadas às declamações, nas escolas de retórica do período.

Chegou até a atualidade o manual sobre ensino e prática dos gêneros retóricos, *Institutio Oratoria*, escrito por Quintiliano (Marcus Fabius Quintilianus), rétor e membro da comitiva liderada pelo imperador Sêrvio Sulpício Galba que, já sob o império de Vespasiano, começa a receber um salário para ensinar, de forma pública²⁹, a função e as atribuições de um orador. Ao analisá-lo, é notória sua importância para a instituição dos gêneros retóricos, para seu ensino e, além disso, para a reflexão de práticas pedagógicas desde o período de sua escrita até a atualidade. É graças a esse compêndio de ensinamentos sobre a Retórica que, atualmente, sabemos de detalhes sobre a estruturação e a história desses gêneros.

²⁹ Vale frisar aqui que “pública” não é sinônimo de gratuita. Desse modo, de acordo com Jon Lendon (2022), apenas os jovens pertencentes às classes mais nobres de Roma frequentavam as escolas de retórica, cabendo às pessoas escravizadas e aos nascidos nas classes menos abastadas apenas a educação da escola inicial, chamada de *ludus*, onde permaneciam até adquirirem habilidades básicas de leitura e matemática ou até findar o valor de investimento de seus familiares.

Quintiliano aborda aspectos práticos acerca da metodologia de ensino da retórica e, ainda, apresenta análises e ponderações em relação à preparação do indivíduo para sua inserção no meio educacional, ao papel e à condição de seu mestre e também reflete sobre a função do próprio orador, seus deveres e valores. O autor apresenta, em sua *Institutio Oratoria*, a práxis daquilo que possivelmente se aplicava em sua própria escola de retórica, da qual chegaram aos dias de hoje, como seu produto, as declamações – atividade principal dessas instituições – atribuídas ao próprio rétor, mas que provavelmente foram escritas e performadas por discípulos e mestres da escola, posteriores ao autor.

O gênero declamatório, como citado anteriormente, é a aplicação didática da construção e da performance de textos jurídicos fictícios, podendo ser de acusação ou defesa, baseados ou não em leis existentes no período de produção daquela composição. Para a construção do aprendizado, nas escolas de retórica, os alunos eram incentivados a produzir e a performar discursos a partir de uma determinada situação fictícia – por vezes de caráter fantasioso – para acusar ou defender um dos lados do enredo seguindo a estrutura e com as características básicas de uma apresentação retórica. Assim, essa metodologia faz do discente protagonista de seu processo de aprendizado, convertendo-o em sujeito ativo na construção de seu próprio conhecimento. Embora esse formato de aplicação pedagógica tenha sido ignorado durante alguns séculos pelas instituições de ensino, ele corrobora perfeitamente as ideias e reflexões atuais sobre a prática docente e as metodologias ativas de aprendizagem.

Quintiliano, já no período imperial e em seu papel tanto de rétor como de preceptor, corroborava a importância do processo de aprendizagem dos gêneros orais por parte dos estudantes – em virtude, especialmente, de sua função primordial no ensino do ofício do orador sob o regime de Vespasiano e de sua obra capital ser um compêndio sobre a formação do orador. Todavia, seu posicionamento em relação a esse tema não se justifica apenas por ele mesmo ter sido rétor, mas pelo fato de o ensino dos gêneros orais, mais especificamente da retórica, ser um dos principais propósitos da educação imperial romana na formação de seus cidadãos.

Ao colocar-se dessa maneira, Quintiliano argumenta ainda em prol de um trabalho que se proponha a refletir e a analisar os usos da língua, apresentando aos alunos textos em que a aplicação da linguagem se dê de maneira satisfatória para a finalidade determinada, ou seja, no caso das escolas de retórica, discursos e declamações que façam bom uso da estruturação e do léxico para alcançar seus intuítos. O autor afirma, então:

Resta, pois, o uso. Com efeito, seria quase ridículo preferir a linguagem com a qual os homens falaram àquela com a qual falam. E, seguramente, que outra coisa é uma linguagem antiga, senão uma velha forma de falar? Mas é necessário que se observe com critério e se defina em primeiro lugar aquilo que tratamos e chamamos de ‘uso’. Se se tomar o nome tendo em vista o que fazem muitos, oferecer-se-á um preceito por demais perigoso não apenas para o discurso como também, o que é mais importante, para a vida. Onde, pois, residirá a vantagem de tomar por bom aquilo que agrada à maioria? [...] Com efeito, para não falar do modo como os incultos habitualmente se expressam, sabemos que, muitas vezes, os teatros inteiros e toda a multidão do circo se expressam rudemente. Logo, chamarei de ‘uso da linguagem’ o consenso dos instruídos, da mesma forma que o consenso dos bons se chama ‘modo de viver’ (Pereira, 2000, p. 161-162).

Com ressalvas contemporâneas à definição do autor daquilo que seria “inculto” ou “rude” e também da visão do que torna um indivíduo “bom”, ao pensar pedagogicamente sobre sua reflexão sobre o uso da linguagem, é possível aproximar-se daquilo que se pretende ainda hoje.

Ao colocar em prática o trabalho com as linguagens e os multiletramentos em sala de aula, as proposições didáticas giram em torno de consolidar uma boa compreensão e prática dos discentes em relação ao uso da língua, em suas variadas possibilidades, em contextos e situações diversas, a partir, inicialmente, da exposição desses indivíduos a produções “modelo”³⁰ que circulam na sociedade, para que, desse modo, os estudantes sejam capazes de interpretar e produzir seus próprios discursos.

Assim, percebe-se que as metodologias aplicadas por Quintiliano vão ao encontro do que a BNCC propõe na atualidade para a formação de alunos que sejam capazes de colocar em prática o conteúdo ao qual tiveram acesso no ambiente escolar. Isso pode ser observado no Quadro 2, a seguir, cujas habilidades descritas foram retiradas do próprio documento nacional.

³⁰ Tais modelos servem para que os estudantes sejam capazes de reconhecer e analisar o gênero textual trabalhado em sua estrutura comum e avaliá-lo, percebê-lo e questioná-lo em suas outras possibilidades e reconfigurações – as quais, por vezes, podem ser contraproducentes, como as *fake news*, que são uma forma de desinformação nociva, porém, em sua estrutura, buscam emular os gêneros jornalísticos. Por isso, a opção por colocar o termo entre aspas.

Quadro 2 – Habilidades e competências que devem ser desenvolvidas a partir do trabalho com oralidade em sala de aula

Consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multissemiose. • Conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram.
Compreensão de textos orais	<ul style="list-style-type: none"> • Proceder a uma escuta ativa, voltada para questões relativas ao contexto de produção dos textos, para o conteúdo em questão, para a observação de estratégias discursivas e dos recursos linguísticos e multissemióticos mobilizados, bem como dos elementos paralinguísticos e cinésicos.
Produção de textos orais	<ul style="list-style-type: none"> • Produzir textos pertencentes a gêneros orais diversos, considerando-se aspectos relativos ao planejamento, à produção, ao <i>redesign</i>, à avaliação das práticas realizadas em situações de interação social específicas.
Compreensão dos efeitos de sentidos (<i>sic</i>) provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar e analisar efeitos de sentido (<i>sic</i>) decorrentes de escolhas de volume, timbre, intensidade, pausas, ritmo, efeitos sonoros, sincronização, expressividade, gestualidade etc. e produzir textos levando em conta efeitos possíveis.
Relação entre fala e escrita	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão. • Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros. • Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto.

Fonte: Brasil (2017, p. 79-80).

Desse modo, traduzir os textos das declamações e, posteriormente, adotá-los nas salas de aula da contemporaneidade, por meio da aplicação de estratégias que auxiliem o alcance dos objetivos presentes nos documentos educacionais brasileiros, possibilita novas maneiras de trabalhar os gêneros orais tanto na educação básica como na superior, de forma adaptada à faixa etária atendida e também aos objetivos pretendidos. Além disso, por se tratarem de discursos pertencentes a um outro período histórico, distante, temporal e geograficamente, dos discentes, cria-se um ambiente favorável a debates que abordam temas e questões que ainda são cotidianos, todavia de forma mais afastada de contextos excessivamente emotivos, tornando possível, então, uma maior reflexão sobre os pontos de vista apontados, o que auxilia não só no

desenvolvimento da capacidade discursiva como também das habilidades socioemocionais e da resolução de conflitos – atributos tão caros e indispensáveis no ambiente profissional e no convívio social atualmente.

5.4 UM INOVADOR MÉTODO ANTIGO DE ENSINO: PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

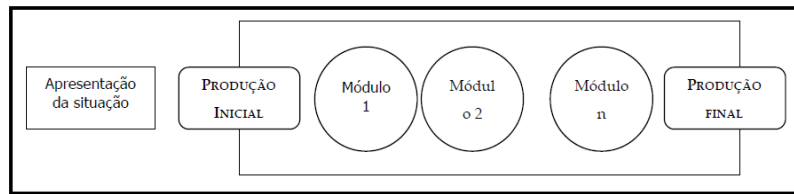
Nesta seção, apresentaremos uma proposta de sequência didática, doravante SD, adaptada para a aplicação das *Declamações Maiores* em contexto pedagógico atual, com base na proposição seguida e aplicada no estágio docente obrigatório de mestrado da presente autora e com observações relativas à sua possível adaptação para o contexto da educação básica – nos segmentos dos anos finais do ensino fundamental ou do ensino médio.

Embora, a princípio, tal proposta possa parecer anacrônica ou excessivamente disruptiva para pesquisadores e docentes mais tradicionalistas, já há aplicação de adaptações das metodologias pedagógicas da Antiguidade Clássica em instituições de ensino contemporâneas – para além do relato de experiência que compõe a próxima seção desta dissertação. Tem-se como exemplo o caso da Reading Ancient Schoolroom³¹, um projeto que recria, com características precisas, uma imersão na Antiguidade. É importante salientar, neste ponto, que uma sequência didática “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 96).

As SD devem seguir a estrutura básica demonstrada na Figura 1, podendo ter seu formato adaptado, caso seja necessário de acordo com cada contexto de ensino-aprendizagem.

³¹ Baseados na pesquisa acadêmica desenvolvida pelos próprios membros do projeto sobre as escolas da antiguidade, uma réplica das escolas da Antiguidade Clássica é desenvolvida. Nessa experiência, os participantes não só utilizam roupas parecidas com as do período clássico, como também tabuinhas de cera, papiros e outros materiais da época. Além disso, os estudantes praticam exercícios comumente utilizados na antiguidade, geralmente em inglês, porém há ainda a opção de solicitar previamente o uso do grego ou do latim. Todas as informações sobre o projeto estão disponíveis em seu *website*: <https://readingancientschoolroom.com/>.

Figura 1 – Esquema da sequência didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97).

Conforme seus autores, as partes do esquema estrutural das SD constituem-se da seguinte forma:

Após uma *apresentação da situação* na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar, estes elaboram um primeiro texto inicial, oral ou escrito, que corresponde ao gênero trabalhado; é a *primeira produção*. Esta etapa permite ao professor avaliar as capacidades já adquiridas e ajustar as atividades e exercícios previstos na sequência às possibilidades e dificuldades reais de uma turma. Além disso, ela define o significado de uma sequência para o aluno, isto é, as capacidades que devem desenvolver para melhor dominar o gênero de texto em questão. Os *módulos*, constituídos por várias atividades ou exercícios, dão-lhe os instrumentos necessários para este domínio, pois os problemas colocados pelo gênero são trabalhados de maneira sistemática e aprofundada. No momento da *produção final*, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados. A produção final serve, também, para uma avaliação de tipo somativo, que incidirá sobre os aspectos trabalhados durante a sequência (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 98).

Para abordar as DM na prática docente atual e, por meio delas, desenvolver o trabalho com os gêneros orais e consolidar o aprendizado da retórica, é necessário que a introdução do gênero oratório seja feita paulatinamente através, inicialmente, de obras que tenham maior impacto na vida dos estudantes, com o fito de que, com isso, seja despertado interesse para os discursos pertencentes à antiguidade e, dessa maneira, seja possível ampliar o exercício da produção e da performance de textos orais. Por esse motivo, a proposta SD apresentada segue um trajeto que parte do contemporâneo, volta aos textos da antiguidade para, ao fim, chegar a uma aplicação atualizada de uma metodologia antiga. É importante frisar ainda que, apesar de ser uma proposição de sequência didática, não haverá estipulação de tempo necessário para a execução de cada uma das etapas, em virtude de isso variar conforme o contexto e segmento em que a SD for aplicada – na seção constituída pelo relato de experiência do estágio docente, no entanto, consta a informação de tempo utilizado para cada uma das etapas, o que pode servir de parâmetro para aqueles que tiverem interesse em replicar a metodologia descrita.

Mais uma ponderação importante em relação à abordagem da SD antes, propriamente, da exposição de sua estrutura de aplicação é que, apesar de a metodologia relatada apresentar a possibilidade de execução em níveis distintos da educação, recomenda-se que o docente interessado em adotá-la acesse os textos das DM antecipadamente, caso tenha interesse em trabalhá-los efetivamente em sala de aula, para avaliar se os assuntos e temáticas abordados são pertinentes à faixa etária atendida, em virtude de, na maior parte dos textos, versarem sobre tópicos sensíveis e complexos, como assassinato, prostituição, tortura, envenenamento, estupro, entre outros. Todavia, é possível aplicar a SD sem o uso do corpus das DM, utilizando estruturas de discursos que façam sentido para os estudantes da atualidade e que coloquem situações de controvérsia para estimular o debate na organização do júri simulado.

A proposta de SD aqui abordada pode ser aplicada em contextos de disciplinas diversas, todavia, ao pensar sua utilização na educação básica pública, seu desenvolvimento pode ser colocado em prática, principalmente, nas disciplinas de Língua Portuguesa, em trabalho interdisciplinar com História e outras das áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHS) e Linguagens e suas tecnologias (LGG), ou ainda nas grades curriculares que compõem os Itinerários Formativos, os quais constituem o chamado Novo Ensino Médio (NEM), pertencentes sejam aos itinerários de aprofundamento, sejam aos eletivos, ainda de forma interdisciplinar, relacionando a atividade proposta no itinerário com as disciplinas que pertencem ao currículo obrigatório básico da BNCC. Os itinerários são atividades educativas que têm o intuito de abordar temas variados para complementar e flexibilizar a organização do currículo escolar de acordo com a área de conhecimento à qual ele se refere. A ideia é que eles sejam implementados através de componentes curriculares, oficinas, laboratórios, projetos e outras formas de aprendizado que não tenham como diretriz apenas a aula expositiva tradicional, criando um ambiente mais propício à participação ativa dos alunos e ao trabalho coletivo³².

³² Inicialmente, a proposta era de que os alunos tivessem autonomia para decidir qual itinerário formativo faria parte de seu currículo em cada ano do ensino médio, porém, na prática, grande parte das escolas tem fornecido apenas um número restrito de possibilidades, as quais, por sua vez, são impostas aos alunos, pois, embora, nas orientações legais, as indicações aparentem ter boa estrutura, a realidade é que a maioria dos professores, especialmente os que trabalham na rede pública de educação, sentem-se negligenciados, desamparados e inaptos para a aplicação dos conteúdos sugeridos pelo catálogo de disciplinas eletivas fornecido pelo Estado, responsável pelo Ensino Médio na educação básica pública. Isso ocorre pelo fato de que não há qualquer tipo de formação ou treinamento específico para o trabalho com os itinerários formativos, além do sucateamento e da desvalorização tanto da educação pública como dos profissionais que a ela se dedicam: o que é comprovado pelo fato de que grande parte dos professores da rede pública tem ficado responsável por itinerários formativos que não têm relação direta com a disciplina que leciona primordialmente e, por vezes, nem mesmo com sua área

Em ambas as propostas, precisa-se ter em mente que, para o desempenho dessa SD, uma disponibilidade de tempo é imperativa, não necessariamente em número de horas-aula semanal (A/S), mas, mais especificamente, para um desenvolvimento de prazo mais longo no decorrer do ano letivo, sugere-se de dois a três bimestres. Isso é importante para que seja viável de se executar da melhor forma possível a SD de acordo com o contexto escolar, para não interferir de maneira negativa no trabalho com os outros conteúdos pertinentes à disciplina e também para que os discentes tenham tempo para absorver e consolidar todo o aprendizado adquirido durante o processo. A seguir, no Quadro 3, trazemos uma lista de componentes pertencentes à grade dos Itinerários Formativos nas quais sugere-se a aplicação da presente proposta. Logo após, no Quadro 4, apresentamos sugestões para sua aplicabilidade às disciplinas curriculares obrigatórias da BNCC, como Língua Portuguesa e História.

Quadro 3 – Componentes curriculares de Itinerários Formativos do Novo Ensino Médio passíveis de aplicação da SD³³

Componentes do catálogo de eletivos – Novo Ensino Médio		
Componente curricular	Ementa	Objetivos de Conhecimento
Cultura da paz e convivência democrática	A consolidação de valores relacionados à cultura de paz e ao respeito aos direitos humanos é essencial na construção cidadã dos educandos. Este componente curricular baseia-se na pesquisa e estudo das formas de violência mais recorrentes na escola e na sociedade loco-regional, buscando métodos de combate e redução das práticas apuradas. A abordagem metodológica pressupõe pesquisa em fontes primárias e secundárias sobre os diversos tipos de violência (física, psicológica, bullying etc.), entrevistas, rodas de conversa, debates e exposições que visem ao maior aprofundamento sobre o tema, para fomento de propostas de	<ul style="list-style-type: none"> ● Cultura de paz; ● Cidadania; ● Comunicação não violenta; ● Convivência democrática; ● Declaração Universal dos Direitos humanos; ● Estatuto da Juventude; ● Estatuto da Criança e do Adolescente; ● Diversidade; ● Violência na escola; ● Bullying e cyberbullying.

de formação acadêmica, já que houve a diminuição das disciplinas obrigatórias do currículo e, então, os professores precisam preencher o próprio cargo com itinerários.

³³ O documento norteador do currículo do Novo Ensino Médio utilizado para a formulação desta planilha pertence à Secretaria Estadual de Educação do Estado de Minas Gerais. Tal escolha se deu pelo fato de a escrita da presente dissertação ter se desenvolvido nesta unidade federativa, a bolsa de financiamento para a pesquisa ter sido fornecida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e, ainda, em razão de a autora ter sido professora na rede estadual de educação em regime de contrato temporário.

	intervenção e mediação que sejam viáveis frente às situações que incluem o contexto da escola.	
Debate Público e Acadêmico: Práticas Discursivas Orais e Escritas	O acesso ao conhecimento está cada vez mais amplo e complexo, por isso, saber entender e explicar a realidade (fatos, informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais) é uma competência essencial. O componente oportuniza aos estudantes a observação crítica da realidade e discussões propositivas sobre como enfrentar os problemas sociais. Na primeira parte, serão desenvolvidas atividades práticas de levantamento, análise e interpretação de informações. Na segunda parte, serão realizados diferentes tipos de debate sobre questões atuais, como seminário acadêmico, audiência pública, júri popular e debate eleitoral.	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento, ciência e comunidade científica; • Senso comum, pseudociência e anticiência; • Fato, opinião, suposição, equívoco e mentira; • Falácias argumentativas e vieses cognitivos; • Notícias falsas, pós-verdade e checagem de fatos; • Ansiedade social, comunicação e oratória; • Atualidades, direitos humanos e problemas sociais.
Mitologia: As Lendas e as Associações de Ideias	Desde os tempos antigos, a mitologia exerce funções fundamentais de compreensão da cultura, das crenças e das maneiras de se perceber e se organizar diante do mundo. Esta eletiva propõe o estudo de uma ampla gama de mitologias (grega, romana, africanas, nórdica, brasileiras (indígenas) (<i>sic</i>), para discutir temas como moral e ética, poder e política, governo e sociedade, religião e estética e a maneira com a qual essas, ainda hoje, impactam as várias sociedades. Como culminância, sugere-se algumas produções participativas, como dramatizações, textos ou outras formas de expressão que os professores e estudantes considerem apropriados.	<ul style="list-style-type: none"> • Mitos e crenças; • Poder e política; • Organização social; • Religião; • Moral e ética; • Conceitos estéticos e artísticos; • Raça e identidade.
Componentes do aprofundamento integrado – 1º ano do Ensino Médio		
Práticas comunicativas e criativas	O componente Práticas Comunicativas e Criativas objetiva implementar e fomentar o processo comunicativo e criativo como parte essencial do desenvolvimento do estudante. Propõe-se o uso de metodologias ativas e o aprimoramento de técnicas e elementos presentes nas linguagens e códigos comunicativos, que	<ul style="list-style-type: none"> • A comunicação verbal: oral e escrita - de modo a aprofundar e ampliar as aprendizagens da língua portuguesa e de uma língua estrangeira (inglesa, espanhola, francesa) e suas respectivas manifestações culturais; • A comunicação não-verbal: corpo (linguagem cinésica), relações sociais (linguagem

	favoreçam uma formação no âmbito social, artístico, cultural, físico, mental, científico e profissional, a fim de que o estudante seja capaz de expandir sua interação, comunicação e criatividade, dentro e fora do ambiente escolar.	proxêmica), trabalho em equipe (linguagem táctica) e tecnológica (comunicação paralela); <ul style="list-style-type: none"> • Métodos e técnicas musicais, plásticas e cênicas, que não têm como meta a formação profissional dos estudantes. Na realidade, serão meios educativos para que o estudante, ao desenvolver essas habilidades, perceba os processos cognitivos, afetivos, sociais e motores presentes nessas práticas.
Humanidades e Ciências Sociais	<p>O componente Humanidades e Ciências Sociais, aprofundamento da área de ciências humanas e sociais aplicadas, permitirá aos estudantes o envolvimento na vida pública, via projetos de mobilização e intervenção sociocultural, possibilitando conhecer questões que afetam a vida dos seres humanos no local onde atuam, criando possibilidades de convivência e atuação sociocultural, mediando conflitos e propondo soluções.</p> <p>As aulas de Humanidades e Ciências Sociais se fundamentam na conexão entre os saberes dos componentes curriculares de Geografia, História, Sociologia e Filosofia, com as demais áreas de conhecimento e o projeto de vida dos estudantes, vislumbrando sua formação humana, crítica, democrática, colaborando (<i>sic</i>) para a preparação dos jovens frente às complexidades do mundo. Entre seus principais objetivos, que os estudantes consigam conhecer a si mesmos e à comunidade em que vivem, estabelecer diálogos entre os indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas, além de realizar intervenções na realidade sociocultural a partir da adoção de conduta ética.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar os conhecimentos obtidos na área de Ciências Humanas (Filosofia, Geografia, História e Sociologia) para reconhecer as manifestações culturais, os potenciais artísticos e econômicos (economia criativa e solidária – produção de eventos, shows, feiras de artesanato e gastronomia) de sua comunidade. • Refletir sobre seu projeto de vida, mapeando os campos de oportunidades (ensino superior, curso técnico, concurso, empreendedorismo e mundo do trabalho) presentes em sua comunidade e região. • Demonstrar letramento para o mundo digital que dialogue com a sua realidade e a de sua comunidade - entendendo tanto as potencialidades quanto os problemas suscitados pelo advento da tecnologia virtual. • Desenvolver habilidades socioemocionais, tendo como ponto de partida questões vividas na comunidade, visando à construção de uma cultura de paz, respeito à diversidade e valorização dos direitos humanos. • Participar de forma ativa e crítica frente aos desafios sociais, econômicos e políticos da comunidade.
Componentes do aprofundamento em Linguagens e suas tecnologias e Ciências Humanas e Sociais aplicadas – 2º e 3º anos do Ensino Médio		
Poder e organização social	O componente curricular Poder e Organização Social (CHS) oferece uma excelente oportunidade para que o estudante desenvolva seu conhecimento de forma consciente, crítica e reflexiva sobre as diversas	Colaborar para que o/a estudante consiga perceber melhor as possibilidades de participar e influenciar, de fato, nas sociedades das quais ele/ela faz parte e perceber as influências que incidem

	<p>formas de exercer o poder e como esse exercício influencia tanto a esfera pessoal quanto a social. Nesse sentido, é fundamental que os estudantes se posicionem com ideias embasadas e opiniões fundamentadas, demonstrando consciência política e participação ativa na resistência às forças que promovem a homogeneidade cultural, enfrentando as injustiças e os preconceitos sociais.</p> <p>Com essa base construída, propõe-se a apresentação de leis, direitos e deveres, elucidando políticas públicas, pesquisando materiais de apoio existentes e sugerindo a criação de outros recursos. Além disso, espera-se proporcionar espaços de diálogo, desenvolvendo cada vez mais a participação cidadã dos jovens. É importante que o/a (<i>sic</i>) estudante consiga compreender que o exercício do poder e da cidadania não acontece apenas por via da política partidária, mas que todas as formas que temos de exercer influência sobre indivíduos ou grupos sociais são formas do exercício do poder e, portanto, da vida política.</p>	<p>sobre si e a partir disso, tomar decisões mais conscientes, claras e autônomas no seu dia a dia.</p>
Clube de debate	<p>É importante trabalhar a capacidade dos estudantes de argumentar de forma consistente sobre os mais variados temas, de expressar sentimentos e opiniões e prepará-los para participarem ativamente e criticamente na sociedade e no mundo do trabalho.</p>	<p>Espera-se que o Clube de Debate possibilite a conexão de conhecimentos, de temas que foram trabalhados nas duas áreas, a inter e transdisciplinaridade que os gêneros orais permitem e a consolidação de competências como reflexão, argumentação, posicionamento ético e responsável, valorização de diferentes visões de mundo, respeito aos Direitos Humanos, pensamento crítico e criativo, responsabilidade, cidadania, repertório linguístico, autogestão emocional.</p>

Fonte: Minas Gerais (2023, 2024a; 2024b).

Quadro 4 – Sugestões de componentes e/ou disciplinas para aplicação da SD com número de aulas e campos de atuação pertinentes à disciplina para desenvolvimento da atividade³⁴

Componentes e disciplinas	Interdisciplinaridade e abordagem	Nº de aulas semanais voltadas à SD³⁵	Campos de atuação e/ou categorias da área na BNCC³⁶ relacionados à disciplina ou componente curricular pertinentes à SD	Códigos de competências e habilidades da BNCC³⁷ aplicáveis à SD³⁸
Língua Portuguesa	A disciplina de Língua Portuguesa pode fazer parceria com qualquer outro componente e/ou disciplina para a prática da SD; Recomenda-se que o professor responsável	1 ou 2 OBS: o professor pode optar por utilizar 2 aulas semanais voltadas à aplicação da SD caso escolha fazer a leitura conjunta de um dos pares das	Vida pessoal; Atuação na vida pública; Práticas de estudo e pesquisa; Artístico-literário.	EM13LP01 EM13LP02 EM13LP03 EM13LP04 EM13LP05 EM13LP06 EM13LP07 EM13LP08

³⁴ As sugestões aqui apresentadas foram formuladas com base em experiências anteriores da autora da dissertação em escolas nas quais o Novo Ensino Médio foi aplicado em sistema de parceria entre disciplinas pertencentes à grade obrigatória da BNCC e componentes de itinerários formativos para maior participação discente nas propostas e nas atividades referentes aos itinerários, uma vez que, isolados, estes não têm sistema de pontuação e avaliação atribuído de forma quantitativa, e também para maior aproveitamento dos conteúdos tanto das disciplinas curriculares como dos componentes de maneira interdisciplinar e colaborativa. Todas as sugestões são opcionais e devem ser avaliadas por cada professor interessado em aplicar a SD na escola em que trabalha, adequando a sugestão ao seu contexto.

³⁵ O número de aulas proposto pode variar de acordo com as necessidades específicas de cada turma, escola e/ou segmento. Além disso, é imprescindível que outros conteúdos das disciplinas não sejam negligenciados durante a execução do projeto, podendo ser trabalhados junto ao desenvolvimento da SD.

³⁶ Alguns dos campos de atuação e/ou categorias de área da BNCC abrangem mais de uma disciplina ou componente curricular no caso de pertencerem à mesma grande área. Além disso, alguns componentes do catálogo de eletivas englobam duas áreas de acordo com os documentos oficiais (Minas Gerais, 2024b).

³⁷ Os códigos de competências e habilidades da BNCC são uma composição alfanumérica relacionada aos objetivos de aprendizagem de cada componente ou disciplina curricular. O primeiro par de letras indica o segmento ao qual o código é vinculado (EM é referente ao Ensino Médio), o primeiro par de números indica que as habilidades podem ser desenvolvidas em qualquer série do ensino médio conforme o currículo (13), a próxima sequência de letras indica a área ou o componente curricular referido pelo código, sendo Linguagens e suas Tecnologias, Língua Portuguesa, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas). Por fim, os números finais correspondem à competência específica com que aquela habilidade se relaciona e a sua numeração no que diz respeito ao conjunto de habilidades específicas de cada uma das competências. No Quadro 03, foram utilizados os códigos de competências e habilidades relativos às áreas de conhecimento das disciplinas que são passíveis de desenvolvimento durante a aplicação da SD independentemente do tema escolhido para o júri simulado final. É importante frisar, no entanto, que, a depender do foco temático abordado na SD pelo professor responsável por sua aplicação, outras competências e habilidades que não constam no quadro também podem ser trabalhadas.

³⁸ Em algumas disciplinas e/ou componentes dos itinerários formativos do Novo Ensino Médio, as competências e habilidades mesclam-se por causa da grande área em que estão abarcadas na BNCC, sendo o caso, principalmente, das disciplinas que estão englobadas na área de CHS.

	<p>por essa disciplina esteja disposto a auxiliar de maneira mais efetiva, disponibilizando número de aulas semanais para outras disciplinas e/ou componentes que sejam constituídos com menor número de horas-aula por semana, como Sociologia ou algum componente dos itinerários formativos. Além disso, ao fazer parceria com professores da área de CHS, o regente de Língua Portuguesa pode, em sua disciplina, abordar aspectos mais voltados para as questões linguísticas, interpretativas e argumentativas no trabalho com o gênero retórico, enquanto o discente das disciplinas e/ou componentes da área de CHS pode focar nos aspectos relacionados às questões históricas, sociais e políticas, fazendo com que a atividade corrobore ainda mais com a formação escolar e também cidadã dos alunos participantes.</p>	DM com os alunos.		<p>EM13LP09 EM13LP10 EM13LP11 EM13LP12 EM13LP13 EM13LP14 EM13LP15 EM13LP16 EM13LP17 EM13LP22 EM13LP24 EM13LP25 EM13LP26 EM13LP27 EM13LP29 EM13LP31 EM13LP45 EM13LP48 EM13LP49</p>
História	<p>Sugere-se que os professores das disciplinas da área de CHS que optarem por implementar a SD façam parceria com outros discentes da mesma área ou com aquele que leciona um componente que tenha um número maior de aulas em sua disciplina, como Língua Portuguesa, de forma que este disponibilize, ao</p>	1 aula	<p>Tempo e espaço; Territórios e fronteiras; Indivíduo, Sociedade, Cultura e Ética; Política e Trabalho.</p>	<p>EM13CHS101 EM13CHS102 EM13CHS103 EM13CHS104 EM13CHS105 EM13CHS106 EM13CHS202 EM13CHS203 EM13CHS204 EM13CHS401 EM13CHS402 EM13CHS403 EM13CHS501 EM13CHS502 EM13CHS503 EM13CHS504</p>
Geografia		1 aula		
Sociologia		<p>OBS: as disciplinas da área de CHS, a depender da série do NEM em que a SD for aplicada tem uma variação de carga horária, podendo contar com 1 ou 2 aulas semanais. Desse modo, o professor interessado em aplicar a SD que desfrute de apenas 1 A/S pode, durante o progresso da</p>		

	<p>menos, 1 aula por semana para as questões relativas à SD.</p> <p>É possível também fazer parcerias com professores dos componentes de itinerários formativos, porém estes, assim como os próprios regentes das disciplinas de CHS, precisarão separar uma carga horária semanal específica para o desenvolvimento das atividades, aproximadamente 15 ou 20 minutos de cada aula.</p> <p>Além disso, com relação à temática do conteúdo, ao aplicar a SD, o professor dessas disciplinas podem abordar, de forma transversal e transdisciplinar, aspectos relativos aos Direitos Humanos, questões culturais, sociais e políticas etc.</p> <p>Por fim, é válido ressaltar que, ao optar se vincularem diretamente à Língua Portuguesa, há maior proveito daquilo que o trabalho inter e transdisciplinar oferece, uma vez que,</p>	<p>atividade, utilizar os aspectos e as temáticas tangenciadas pela atividade, como Temas Contemporâneos Transversais (TCTs)³⁹, para o desenvolvimento de seu conteúdo curricular sem negligenciá-lo e, assim, fazer uso de apenas parte da aula (aproximadamente 15 ou 20 minutos) para assuntos específicos de estruturação e logística da prática da SD.</p>		<p>EM13CHS603 EM13CHS604 EM13CHS605</p>
--	--	--	--	---

³⁹ “Os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) buscam uma contextualização do que é ensinado, trazendo temas que sejam de interesse dos estudantes e de relevância para seu desenvolvimento como cidadão. O grande objetivo é que o estudante não termine sua educação formal tendo visto apenas conteúdos abstratos e descontextualizados, mas que também reconheça e aprenda sobre os temas que são relevantes para sua atuação na sociedade. Assim, espera-se que os TCTs permitam ao aluno entender melhor: como utilizar seu dinheiro, como cuidar de sua saúde, como usar as novas tecnologias digitais, como cuidar do planeta em que vive, como entender e respeitar aqueles que são diferentes e quais são seus direitos e deveres, assuntos que conferem aos TCTs o atributo da contemporaneidade. Já o transversal pode ser definido como aquilo que atravessa. Portanto, TCTs, no contexto educacional, são aqueles assuntos que não pertencem a uma área do conhecimento em particular, mas que atravessam todas elas, pois delas fazem parte e a trazem para a realidade do estudante. Na escola, são os temas que atendem às demandas da sociedade contemporânea, ou seja, aqueles que são intensamente vividos pelas comunidades, pelas famílias, pelos estudantes e pelos educadores no dia a dia, que influenciam e são influenciados pelo processo educacional” (Brasil, 2019, p. 7).

	além de exercitar o conhecimento relativo às questões sociais, políticas, culturais e legais das sociedades passadas e contemporâneas, oportuniza-se o trabalho com aspectos linguísticos e retóricos, que contribuem fortemente para o aprendizado sobre análise e usos de sua língua materna.			
Cultura da paz e convivência democrática	Ao tratar-se dos componentes relativos aos Itinerários Formativos do NEM, por terem carga horária semanal que varia entre 1 ou 2 aulas – a depender da série –, recomenda-se que opte-se geralmente por aplicar a SD em parceria com outros professores, em especial de disciplinas curriculares obrigatórias com maior número de aulas semanais, como Língua Portuguesa, História e Geografia. Desse modo, além de auxiliar na divisão do tempo para o desenvolvimento das tarefas e da organização do trabalho, cada professor pode contribuir de maneira efetiva, com base na sua área de ensino, para a produção final da SD, no caso o júri simulado, e, principalmente, na formação dos estudantes de modo	1 aula OBS: em geral, os componentes eletivos e/ou alguns aprofundamentos da área de conhecimento, como é o caso da disciplina de Práticas Comunicativas e Criativas (PCC), contam com apenas 1 aula semanal, então o professor interessado em aplicar a SD pode, durante o processo de desenvolvimento, utilizar os aspectos e as temáticas tangenciadas pela atividade como TCTs, da mesma maneira que os professores da área de CHS.	Os campos de atuação para os componentes pertencentes tanto à grande área de Linguagens e suas tecnologias (LGG) como à de CHS são os mesmos das disciplinas de Língua Portuguesa e das CHS.	Os códigos para os componentes pertencentes tanto à grande área de LGG como à de CHS são os mesmos das disciplinas de Língua Portuguesa e das CHS.
Debate Público e Acadêmico: Práticas Discursivas e Oraís e Escritas				
Mitologia: As Lendas e as Associações de Ideias ⁴⁰				
Práticas comunicativas e criativas				Os códigos para os componentes pertencentes à grande área de LGG são os mesmos da disciplina de Língua Portuguesa.
Humanidades e Ciências Sociais		1 aula O aprofundamento de Humanidades e Ciências Sociais logra de 2 A/S no 1º ano do NEM, único ano em que é ofertado.	Os campos de atuação para os componentes pertencentes à grande área de Linguagens e suas Tecnologias são os mesmos da disciplina de Língua Portuguesa.	Os códigos para os componentes pertencentes à grande área de CHS são os mesmos das disciplinas de História, Geografia e Sociologia.

⁴⁰ Embora seja possível que o componente curricular “Mitologia: as lendas e as associações de ideias” abranja a aplicação da SD aqui proposta, para que isso ocorra é preciso avaliar se a temática escolhida tem relação com seu conteúdo programático.

Poder e organização social	significativo.	1 aula O aprofundamento de Poder e Organização Social logra de 2 A/S no 2º ou no 3ºano do NEM.	Os campos de atuação para os componentes pertencentes à grande área de CHS são os mesmos da disciplina de Língua Portuguesa.	Os códigos para os componentes pertencentes à grande área de CHS são os mesmos das disciplinas de História, Geografia e Sociologia.
Clube de debate		1 aula O aprofundamento de Clube de Debate logra de 2 A/S no 2º ou no 3ºano do NEM.	Os campos de atuação para os componentes pertencentes à grande área de Linguagens e suas Tecnologias são os mesmos da disciplina de Língua Portuguesa.	Os códigos para os componentes pertencentes à grande área de LGG são os mesmos da disciplina de Língua Portuguesa.

Fonte: elaborado pela autora (2024), com base em Brasil (2017; 2019) e Minas Gerais (2023; 2024a; 2024b).

5.4.1 Apresentação da situação e produção inicial

Neste momento inicial, o professor deve, considerando o público do segmento que atende, apresentar textos de discursos, tanto em versão escrita como em versão oralizada, por meio de vídeos. Para a versão escrita, sugere-se o livro *A história em discursos: 50 discursos que mudaram o Brasil e o mundo*, de Marco Antonio Villa (2018), no qual constam discursos mundialmente famosos de personalidades históricas, como Péricles, Santo Agostinho, Simón Bolívar, Getúlio Vargas, entre outros; já para a oralizada, aconselha-se que o professor opte por vídeos de discursos que tenham proximidade – seja por temporalidade seja por afinidade temática – com a turma em que estiver aplicando a SD.

A partir disso, deve-se introduzir os conceitos próprios da retórica em relação à produção e à performance de um discurso e também à sua estrutura formal – demonstrando, de forma prática e analítica, como a estrutura do texto retórico se apresenta em algum dos discursos escolhidos. Após perceber que tal conteúdo consolidou-se de forma razoável no aprendizado dos discentes, passa-se para a etapa de análise dos discursos publicados na obra sugerida.

Para a aplicação dessa SD em nível superior, sugere-se que seja proposto um trabalho individual que avalie, com base nas partes estruturais do modelo retórico clássico, um discurso selecionado pelo próprio aluno para entrega posterior ao docente. Já para a prática em nível básico, recomenda-se que a análise seja feita em trios ou em quintetos – assim, os alunos podem

debater e avaliar as situações em conjunto e, ao mesmo tempo, tem-se um número ímpar de membros, para facilitar no processo de resolução de conflito caso haja discordância entre eles.

5.4.2 Módulo I

No módulo I da SD, tem-se um momento mais expositivo, focado na correção e no *feedback* dos trabalhos entregues pelos alunos. Nele, o docente deve fazer a devolutiva das análises dos discursos desenvolvidas pelos alunos e relatar, de maneira impessoal, as maiores dificuldades e facilidades encontradas durante a correção. Baseado nisso, deve-se revisar com maior aprofundamento os conceitos retóricos estudados, para que sejam consolidados e também para sanar possíveis dúvidas, podendo, desse modo, seguir-se para os módulos mais voltados à leitura das DM e à produção textual.

Observação: faz-se necessário, tanto para os momentos de apresentação da situação e produção inicial como para o módulo I, levar em consideração o segmento em que a SD estiver sendo aplicada, para que, assim, seja possível adaptar as formas de exposição e o nível de complexidade utilizado para a explicação frente à faixa etária e ao nível escolar atendidos.

5.4.3 Módulo II (opcional)

O segundo módulo dessa SD é direcionado à apresentação, leitura e debate das DM. Esse módulo é opcional, pelo fato de sua execução depender de maior tempo disponível e também do contexto de desenvolvimento da SD, uma vez que as DM versam sobre temas sensíveis e complexos para determinados cenários e faixas etárias.

Para que seja um momento proveitoso, propõe-se que o professor faça uma apresentação breve sobre o gênero retórico e seu contexto histórico-social. Em seguida, deve-se abordar a circunstância de produção e performance das próprias DM e as temáticas abordadas nos discursos. Para, ao fim do módulo, indicar-se a leitura, a análise e o debate de declamações previamente selecionadas.

Atualmente, conta-se com a publicação em acesso livre e gratuito de alguns desses discursos em língua portuguesa, quais sejam, as DM 1, 2, 4, 10, 12, 14, 15, 18 e 19⁴¹, como já

⁴¹ Especificamente, as DM 1 e 2 podem ser encontradas na dissertação de mestrado de Fernando Fiorese Furtado (2019), *Declamações maiores I e II de Pseudo-Quintiliano: tradução e estudo*; a DM 4, na de Isadora Belli (2023), *Metuo ne patrem dum morior occidam: tradução e estudo da Declamação Maior IV atribuída a Quintiliano*; a DM 10, na de Letícia Miranda (2023), *Sepulcrum incantatum: tradução e estudo da Declamação Maior 10 atribuída a Quintiliano*; a DM 12, no artigo de Charlene

mencionado anteriormente, o que facilita o acesso da população à obra. Todavia, para a aplicação dessa SD, sugere-se a leitura e a análise dos pares de DM 14 e 15 e 18 e 19, que abordam respectivamente o caso de uma poção de ódio supostamente ministrada por uma meretriz a um de seus clientes e a tortura e morte de um filho por parte de seu próprio pai, que o acusa de incesto, já que apresentam os discursos de acusação e de defesa para seus respectivos casos. Dessa forma, os alunos podem compreender mais proficuamente como funciona, em nível de produção de um discurso, a exposição e a defesa de pontos de vista opostos para uma mesma situação.

Para o melhor desenvolvimento das atividades, faz-se necessário que os textos sejam lidos pelos discentes anteriormente à aula, o que pode funcionar bem para turmas de nível superior, porém, para a educação básica, é importante que o professor desenvolva a leitura de forma presencial com os alunos em formato de roda de leitura na biblioteca escolar – corroborando para a criação do hábito de leitura e também para ampliação do uso dos espaços escolares⁴². Caso o número de aulas para a disciplina do professor na educação básica seja baixo, aconselha-se que apenas um dos pares de DM seja lido em conjunto e o outro seja disponibilizado como fonte de pesquisa para a produção final.

5.4.4 Módulo III (opcional)

Esse módulo também é opcional, em virtude de depender da realização do módulo anterior. Nesta etapa, o discente deve, em uma roda de conversa, debater com os alunos sobre as DM lidas e sobre as temáticas abordadas por elas, de maneira que os estudantes sintam-se estimulados a refletir sobre os tópicos abordados e também acolhidos para expor os sentimentos e emoções desencadeados pela leitura das DM.

Miotti e Fernando Fiorese Furtado (2024), *Uma cidade condenada ao canibalismo: Declamatio Maior XII, de Pseudo-Quintiliano*; as DM 14 e 15, na dissertação de Beatriz Pinton (2020), *Remedium amoris mulier inuenit: o papel da meretriz e a magia nas Declamationes Maiores atribuídas a Quintiliano*; a DM 18, no artigo de Ana Clara Lopes e Charlene Miotti (2020), *Incesto, tortura e silêncio: um caso de família na Declamação Maior 18, de Pseudo-Quintiliano*; a DM 19, no de Ana Clara Lopes e Charlene Miotti (2021), *Justificando a tortura: o discurso de um pai que assassinou o próprio filho (Declamatio Maior 19)*.

⁴² Durante o processo de leitura presencial, o discente deve, já no decorrer dos encontros, apontar questões estruturais e argumentativas na construção dos textos lidos – inclusive incoerências e falhas de argumentação –, para que os alunos façam marcações e anotações que corroborem para maior proveito e assimilação do conhecimento. A fim de que isso seja possível, o professor deve fazer previamente a leitura tanto das DM sugeridas como dos textos de apoio publicados por suas tradutoras.

5.4.5 Módulo IV

Neste momento, deve ocorrer uma aula expositiva sobre a metodologia ativa de aprendizagem júri simulado⁴³, abordando desde conceitos básicos e introdutórios sobre a definição de como se constitui um Tribunal do Júri – enquanto órgão do poder judiciário no Brasil – para, em seguida, apresentar o método do júri simulado propriamente dito, com suas etapas, formato e performance⁴⁴.

Com isso, o docente precisa, além de consolidar o conhecimento dos estudantes sobre a prática, explicar-lhes o que se carece fazer em cada uma das etapas de produção e performance. Ao fim deste módulo, aconselha-se que, por meio de sorteio, a turma seja dividida com as respectivas funções que assumirão no júri simulado (acusação, defesa, testemunhas e júri popular⁴⁵). O próprio docente deve assumir o papel de juiz que preside a cerimônia.

5.4.6 Módulo V

Nesta etapa, é importante demonstrar aos alunos, por meio de vídeos, como funciona um julgamento em corte para que compreendam os ritos e as formalidades da situação⁴⁶. Ademais, o professor pode também analisar as situações junto aos alunos, apontando a postura, o comportamento, as vestimentas e a imagem utilizada pelas partes envolvidas. É necessário ainda disponibilizar para os discentes materiais de suporte para a compreensão de parte da legislação brasileira e da organização do Tribunal do Júri.

⁴³ No anexo B desta dissertação, apresentam-se os slides utilizados na disciplina Tópicos de Literatura Latina: Retórica (LEC152 – Departamento de Letras) para a contextualização e a explicação dessa metodologia.

⁴⁴ Aconselha-se que, além de realizar leituras sobre essa prática pedagógica, o docente busque assistir alguns vídeos de performances de júri simulado já disponibilizados na internet e, até mesmo, transmitir trechos em sala de aula para os alunos. Sugerimos o vídeo *Júri Simulado – Escola de Direito USCS*, disponível no *Youtube*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5G96pwUKV5c>.

⁴⁵ Sendo possível que algumas das funções sejam atribuídas a pessoas convidadas, como veteranos da graduação que já tenham cursado a disciplina ou membros da comunidade escolar (como diretores, supervisores, professores e/ou funcionários da escola, desde que não tenham vínculo familiar com os alunos participantes). Além disso, caso seja necessário, pode-se colocar mais de um discente com papéis parecidos, como 2 ou 3 advogados de acusação ou defesa, 2 testemunhas, de acordo com a realidade da turma em que o júri será implementado. É viável ainda, em contextos de turmas muito extensas, dividir o grande grupo em duas equipes menores diferentes e elaborar duas performances de júri simulado para argumentos distintos.

⁴⁶ Atualmente, alguns julgamentos reais têm suas gravações publicadas no *Youtube*, sendo inclusive transmitidos ao vivo, como foi o caso do julgamento público de Johnny Depp contra Amber Heard, e também há a versão de alguns em formato de documentário (como o próprio caso já referido) em plataformas de *streaming*.

É nesse momento também que o professor deve entregar aos alunos o argumento do caso, isto é, um resumo sucinto que explique a parte central do motivo fictício pelo qual tal júri popular teria sido acionado, para que eles possam, em formato de trabalho para casa desenvolvido em grupo, planejar, organizar, construir e praticar seus discursos de acordo com suas funções e o argumento do caso, sempre dialogando com os outros membros do grupo. Junto ao argumento, é necessário que haja a estrutura organizacional que precisa ser seguida no dia da apresentação, indicando não só a ordem das exposições como também o tempo destinado a cada um dos participantes⁴⁷.

5.4.7 Módulo VI

Nessa fase, propõe-se que o professor dê um espaço de tempo para que os alunos possam desenvolver seus discursos, auxiliando-os no processo de construção do trabalho, porém é importante ajudá-los, dentro das possibilidades, sem efetivamente ler e participar da montagem dos textos – para que seja inédito para ele durante a performance. Sugere-se que sejam reservadas uma ou duas horas-aula, em sala, para que os discentes possam estar juntos presencialmente, contudo a maior parte do desenvolvimento dar-se-á fora da instituição e de forma autônoma.

5.4.8 Produção final

A produção final desta SD é a performance do júri simulado. Indica-se que, para isso, o professor reserve previamente um espaço específico para o desenvolvimento da apresentação, como a biblioteca ou um auditório pertencentes à escola ou algum espaço externo da instituição onde a prática for implementada, como o pátio ou o refeitório. É cabível ainda, a depender do contexto e das facilidades de acesso, fazer parcerias com outras instituições – em especial universidades públicas ou privadas – para que seja possível ocupar um espaço distinto daquele em que geralmente os discentes estão, como um teatro ou a sala de um fórum.

Para o momento de performance, é importante organizar o ambiente de forma que remonte à disposição de um Tribunal do Júri. Ademais, deve-se solicitar aos participantes que caracterizem-se conforme seu papel na performance do júri – por exemplo, os discentes

⁴⁷ Consta, no anexo B desta dissertação, um modelo de estrutura organizacional para o júri simulado.

responsáveis por interpretar os advogados precisam estar com vestimentas mais formais do que aqueles que representam testemunhas.

A simulação precisa, ainda, seguir a estrutura organizacional formulada e distribuída previamente pelo professor. Além disso, a avaliação da performance dos estudantes, por parte dos membros que compõem o júri popular, deve ocorrer por meio de fichas disponibilizadas e explicadas⁴⁸ anteriormente pelo docente para que eles sejam capazes de analisar a atuação de cada um dos personagens envolvidos na proposta.

Ao fim da performance, o juiz presidente da mesa (professor responsável) deve pausar a seção e convidar os membros do tribunal do júri (alunos ou convidados) para uma reunião privada, dando ao restante dos participantes um intervalo para que possam ir ao banheiro ou beber água e aliviar a tensão do processo de apresentação, para, em 5 minutos, retornar com o veredito. Então, após avaliar as fichas preenchidas pelos componentes do tribunal do júri e ouvi-los em relação à atuação e à performance dos outros participantes, faz-se necessário elaborar um texto curto para finalizar a apresentação e expor o resultado final. Assim, retorna-se para a composição do júri simulado e faz-se a leitura do texto formulado.

Observação: é importante ressaltar que o veredito dado não imputa aos alunos mais ou menos créditos ou pontos – a depender do critério de avaliação adotado pelo professor. Embora a avaliação somativa seja importante para a questão burocrática escolar, e apesar de sugerirmos, inclusive, que o docente utilize desta atividade para esse fim, o mais importante neste tipo de proposta é seu caráter formativo, ou seja, a construção do conhecimento por parte dos estudantes por meio desta atividade de caráter mais ativo e lúdico.

5.5 RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DOCENTE

Nesta seção, apresenta-se o relato de experiência sobre a aplicação de estágio docente obrigatório da autora da dissertação na disciplina de Tópicos de Literatura Latina: Retórica (LEC152 – Departamento de Letras) oferecida no primeiro semestre de 2023 no curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como disciplina eletiva para os estudantes tanto do Bacharelado como da Licenciatura.

A intenção, ao relatar a experiência vivenciada no estágio, é demonstrar, por meio da aplicação de uma SD similar à proposta na seção anterior, como o trabalho com a metodologia júri simulado pode ser eficaz e interessante para o desenvolvimento da habilidade retórica dos

⁴⁸ Consta, no anexo B desta dissertação, um modelo de ficha para avaliação.

estudantes independentemente da faixa etária e do segmento atendido. Além disso, ao discorrer sobre o exercício prático da SD, faz-se possível apontar não só os êxitos como também as dificuldades, os problemas e, até mesmo, os equívocos cometidos na primeira aplicação dessa atividade, de forma a contribuir para que aqueles que estejam interessados em utilizá-la evitem repeti-los. Vale ressaltar, por fim, previamente ao relato de experiência propriamente, que a SD descrita neste ponto difere em alguns aspectos daquela que foi proposta na sessão anterior em virtude de ter sido executada especificamente em uma disciplina eletiva do curso de Letras, particularmente da habilitação em Línguas Clássicas, dedicada à teoria retórica e à análise de textos pertencentes a esse gênero.

Assim, os aspectos descritos de maneira mais minuciosa neste relato são aqueles que têm vínculo mais direto com o exercício docente da mestrandia em seu estágio. Desse modo, abordam-se apenas superficialmente circunstâncias relativas ao desenvolvimento da disciplina como um todo e, quando necessário, enfocam-se mais detidamente pontos que se fazem primordiais ou interessantes também para uma futura aplicação da SD por terceiros.

5.5.1 A inserção da SD na disciplina de Tópicos de Literatura Latina: Retórica

A disciplina Tópicos de Literatura Latina: Retórica (LEC152 - Departamento de Letras) conta com 2 créditos, isto é, carga-horária de 30 horas e sua ementa básica é constituída pela “abordagem dos conceitos mais importantes de retórica e oratória antigas, através da leitura e análise de alguns discursos de Cícero e dos tratados retóricos de Aristóteles, Cícero e Quintiliano”, de acordo com o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) da Faculdade Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora⁴⁹. Além disso, o programa do curso é organizado conforme o Quadro 5, a seguir, com a seguinte bibliografia sugerida:

⁴⁹ O Projeto Pedagógico de Curso (PPC) se encontra disponível no site da faculdade, por meio do link: https://www2.ufjf.br/fale/wp-content/uploads/sites/205/2023/03/Final_PPC_2023.pdf.

Quadro 5 – Programa e bibliografia sugerida para o curso de Tópicos de Literatura Latina:
Retórica (LEC152 – Departamento de Letras) da Universidade Federal de Juiz de Fora

PROGRAMA

1. Introdução ao estudo da retórica antiga
2. O conceito de orador ideal no *De oratore*
3. O *uir bonus dicendi peritus* de Quintiliano
4. As partes da retórica: invenção, disposição, elocução, memória e ação; o ritmo e a *concinmitas*
5. As virtudes da elocução: clareza, brevidade, correção, adequação e elegância
6. Análise de um discurso de Cícero

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional, 1998.
- BARTHES, R. “A retórica antiga”. In: COHEN, Jean et al. *Pesquisas de retórica*. Tradução de Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, pp. 147-232, 1975.
- CÍCERO. *Retórica a Herênio*. Trad. de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.
- PLEBE, A.; EMANUELE, P. *Manual de retórica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- QUINTILIAN. *The Orator's Education*. Ed. D. A. Russell. London: Harvard University Press, 2001. 5 v. (The Loeb Classical Library)
- REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23*. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BORGES, Marlene Lessa Vergílio. *O Pro Milone de Cícero: tradução e estudo da invenção*. Dissertação de mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- CHIAPPETTA, Angelica. “Retórica e crítica literária na Antiguidade”. *Phaos*, Revista de Estudos Clássicos, vol. 1, p. 39-60, 2001.
- PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1987.
- PEREIRA, Marcos A. “Natureza e lugar dos discursos gramatical e retórico em Cícero e Quintiliano”. *Phaos*, Campinas, v. 1, p. 143-157, 2001.
- SIQUEIRA, Ernane Alves. *Probare, Delectare, Flectere: Eloquência e Retórica no Pro Murena de Cícero*. Dissertação de mestrado – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

Fonte: Universidade Federal de Juiz de Fora (2023, p. 298-299).

Ao analisar a ementa, a estrutura organizacional e a bibliografia sugerida para a disciplina em questão é possível observar que o trabalho ativo e prático com a elaboração e a aplicação de um gênero retórico faz-se viável e também proveitoso, uma vez que os discentes podem implementar noções teóricas adquiridas por meio de leituras, estudos e debates no decorrer das aulas. Ademais, no caso mais específico de 2023.1, a docente responsável pela disciplina, professora doutora Charlene Martins Miotti, inseriu, para além dos textos sugeridos pelo PPC, a leitura de dois pares de DM atribuídas a Quintiliano, sendo aqueles que constam como sugestão da SD proposta na sessão anterior. Logo, a partir disso, a prática de um júri simulado dialoga diretamente com a metodologia que supõe-se tenha sido implementada nas antigas escolas de retórica: ou seja, aprendizado por meio da proposição da construção textual – escrita e oral – e da performance de um texto pertencente aos gêneros retóricos.

5.5.2 *Inuentio et dispositio*: preparação para o júri simulado

O Tópico de Literatura Latina: Retórica se iniciou, em 2023.1, em março e, no decorrer dos meses de março e abril, foram lidos e debatidos textos introdutórios sobre a retórica antiga, maneiras de construir argumentos e alguns tratados retóricos latinos com disponibilidade de tradução em língua portuguesa, como o *Dos deveres* e os *Tópicos*, ambos de Cícero⁵⁰. Em maio, foram introduzidos, por sua vez, textos pertencentes ao tratado de Quintiliano sobre a formação do orador e, em seguida, solicitou-se que as alunas⁵¹ – curiosamente, todas as pessoas matriculadas na disciplina eram do gênero feminino – lessem, em casa, os pares 14 e 15 e 18 e 19 das DM atribuídas a Quintiliano para debatê-los, posteriormente, de maneira detalhada durante a aula.

No mês de junho, após a leitura e o debate acerca dos textos pertencentes às DM selecionadas, dois encontros foram dedicados ao júri simulado. O primeiro foi voltado para a explicação da estrutura e dos objetivos de aplicação dessa metodologia⁵² e para melhor organização e preparação dos grupos dentro de sala de aula; o segundo, para a performance final, a qual também teve sua elaboração em momentos extraclasse para sua sistematização, ou seja, cada equipe ficou responsável por estruturar seus papéis e atuação de forma independente e ativa.

Para a definição dos papéis que os grupos desempenhariam, houve, anteriormente à aula expositiva sobre a metodologia júri simulado, a seleção do tema e a elaboração de um argumento para o caso sobre o qual eles deveriam discorrer. Como base inicial, optou-se pelo par de DM 18 e 19, no qual há uma situação de violência familiar envolvendo a relação entre pai e filho. Em seguida, para construir, de forma verossímil, um argumento que tivesse relação com a atualidade brasileira – trazendo o trabalho pedagógico para um diálogo profícuo com temáticas cotidianas da vida das discentes –, buscaram-se situações similares à narrada no par de DM em questão para a redação do argumento do caso.

Não serão citados quais casos e julgamentos relacionados a crimes hediondos foram consultados e utilizados como base para a elaboração do argumento do caso e do júri simulado. Tal posicionamento é necessário para que não haja nenhum tipo de propagação de nomes de

⁵⁰ Consta, no anexo B desta dissertação, o cronograma de curso completo.

⁵¹ Cabe aqui um agradecimento especial às alunas matriculadas na disciplina, as quais participaram com muita dedicação e afinco da elaboração e da performance do júri simulado: Ana Beatriz Pereira Ramos, Betina de Oliveira Silva, Bruna Passos Cunha, Daniela Thielmann, Gabrielly Azalim Braz, Juliana Auler Matheus Rodrigues, Laiene Silva, Patrícia Batista Ferreira e Thaís Oliver.

⁵² Como já comentado anteriormente, os *slides* utilizados constam no anexo B desta dissertação.

criminosos, de maneira a não contribuir com a notoriedade de seus feitos, e também para a manutenção da preservação e do respeito à imagem, ao nome, à dignidade e à privacidade de todas as partes envolvidas em cada caso investigado pela justiça brasileira. O argumento do caso utilizado para o júri simulado na disciplina é reproduzido a seguir, no Quadro 6:

Quadro 6 – Argumento do caso utilizado para o júri simulado

ARGUMENTO DO CASO:

Registra-se uma solicitação de recurso a uma decisão judicial relativa a um caso de homicídio duplamente qualificado de uma criança de 5 anos. O pai da criança acusa o padrasto e a mãe de tortura e homicídio de seu filho. Contudo, após uma primeira avaliação do caso, a juíza responsável mantém ambas as acusações em relação ao padrasto, mas opta por acusar a mãe apenas como cúmplice do homicídio, retirando, ainda, a acusação de tortura. O pai, no entanto, não concorda com a decisão judicial e recorre, solicitando que ambos sejam acusados como autores do crime de tortura e homicídio da criança. O caso vai, então, a júri popular.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

5.5.3 *Elocutio*: elaboração dos discursos por parte dos grupos

A entrega do material com o argumento do caso ocorreu no encontro anterior à exposição e explicação do conteúdo sobre a metodologia do júri simulado. Nesse encontro, as alunas foram divididas, por meio de um sorteio, em dois grupos: acusação e defesa. Para que pudessem começar a organizar suas respectivas apresentações, também lhes foi entregue a estrutura organizacional da performance, isto é, quanto tempo cada um dos participantes do júri teria para desempenhar seu próprio papel, qual seria a ordem de apresentação, entre outros. Por intermédio do mesmo material – que também foi distribuído aos componentes do júri popular e à juíza presidente da mesa (docente responsável pela disciplina em questão) –, foi informado às estudantes que o júri popular seria composto por veteranos da habilitação em Línguas Clássicas da Faculdade de Letras da UFJF⁵³, para que fosse possível que todas as discentes da classe participassem de forma ativa da performance e também para garantir maior imparcialidade no julgamento perante as apresentações. Ademais, após esse encontro, foram disponibilizados diversos materiais complementares⁵⁴ para que as discentes pudessem ler e assistir, visando à elaboração de seus próprios textos e performances.

⁵³ Registra-se aqui um agradecimento especial aos convidados que, de forma muito solícita, compuseram a mesa do júri popular na performance em questão: Ana Clara Vizeu, Gabriel Soares, Letícia Miranda e Luiza Diniz Araújo.

⁵⁴ Foram compartilhados vídeos públicos de julgamentos para que as alunas pudessem observar o comportamento de todos os envolvidos no momento do tribunal, textos que abordavam a temática da violência familiar e da negligência em relação a crianças e adolescentes, notícias sobre crimes e

Na semana seguinte, a aula foi voltada para a explicação da estrutura e do funcionamento do Tribunal do Júri no Brasil e da logística e do procedimento para a aplicação prática do júri simulado da disciplina – a apresentação em *slides* utilizada em aula constam no anexo B desta dissertação. Após o momento de explanação, também foi oferecido às alunas um tempo para que pudessem conversar e finalizar a organização de seus próprios grupos, em virtude de, na semana posterior, já estar agendada a performance efetiva do júri. Além disso, alguns dos convidados que viriam a compor o júri popular estiveram presentes na aula deste dia para maior familiarização com as alunas.

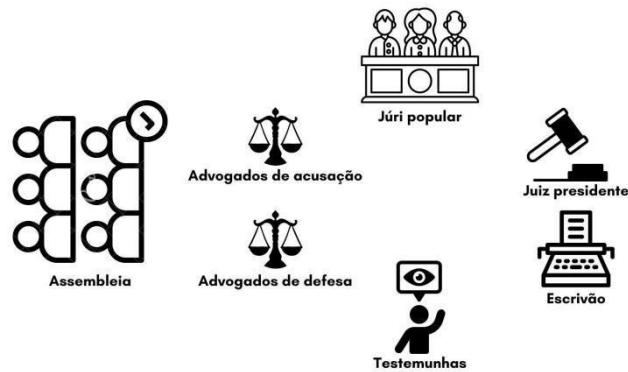
5.5.4 *Actio*: a performance do júri simulado

No dia destinado à performance do júri simulado, o encontro ocorreu na sala de defesas da Faculdade de Letras da UFJF, de maneira que houvesse uma modificação na configuração das reuniões e também no posicionamento das cadeiras e mesas para os participantes da atividade. A intenção disso era contribuir para a alteração da percepção da organização das relações entre os presentes e também para que o momento ficasse mais propício à interação conforme ocorreria num júri popular verídico. A Figura 2 mostra esquema de disposição da sala⁵⁵.

julgamentos similares ao argumento do caso utilizado para a montagem do júri simulado. Tudo isso foi disponibilizado com o intuito de que as estudantes pudessem aprofundar-se na temática e construir de maneira sólida e responsável um debate profícuo e bem embasado para a simulação do júri. É importante que o professor responsável pela aplicação da SD escolha seu próprio material complementar, em virtude de depender de cada faixa etária e temática escolhida para a atividade.

⁵⁵ Vale ressaltar que a juíza presidente, nessa aplicação, foi a professora regente da disciplina, ou seja, a professora Charlene Martins Miotti; a escritã, a estagiária de mestrado, autora da presente dissertação; e a assembleia foi composta por convidados das próprias discentes que se mostraram interessados em assistir a performance. O júri popular foi composto pelos veteranos convidados, como já mencionado, e os papéis de advogados e testemunhas foram distribuídos entre os grupos de alunas para sua execução.

Figura 2 – Disposição da sala para performance do júri simulado



Fonte: elaborado pela autora (2024).

Após a organização da sala e chegada das estudantes para o exercício, as instruções em relação aos lugares foram repassadas. Além disso, foram distribuídos crachás com os nomes e funções dos personagens para o júri e indicados seus respectivos assentos.

Para iniciar a solenidade, a juíza presidente da mesa fez uma breve introdução, retomando situações relativas ao argumento do caso. Faz-se necessário frisar a importância de que toda a narrativa bem como os nomes utilizados sejam fictícios. Infelizmente, por falha na comunicação durante a aplicação da SD⁵⁶, em alguns momentos, durante a aplicação, foram utilizados nomes e situações reais vinculados a um caso que correu em justiça e, apesar de ser um processo público, em respeito à privacidade e à dignidade dos envolvidos, observa-se o equívoco ao fazê-lo e a importância de manter a discrição quanto a informações que podem expor as pessoas envolvidas. Após a abertura, deu-se prosseguimento à organização já prevista pelo documento fornecido às discentes anteriormente.

5.5.4.1 Advogadas de acusação (promotoras) acusam a ré

Nessa parte, estavam previstos 5 minutos para a fala de cada advogada, contabilizando 15 minutos no total. O grupo de acusação sofreu com um imprevisto: uma das advogadas não pôde comparecer à performance, devido a problemas de saúde. Desse modo, uma das outras advogadas assumiu seu papel e leu o texto previamente formulado, que foi bem redigido e

⁵⁶ A falha na comunicação ocorreu pois, ao disponibilizar conteúdos e reportagens vinculados ao caso como materiais complementares, não houve ênfase na seriedade em manter tais aparatos apenas como recursos para embasar e fundamentar a narrativa construída para os advogados e testemunhas da performance, recriando não só os nomes como também contextos similares. Dessa forma, durante a execução foram retomados nomes e eventos reais, os quais podem gerar sentimentos negativos e gatilhos para os envolvidos na situação e até mesmo para pessoas que não têm relação direta com o caso, de maneira dispensável.

estruturado. No exórdio (*exordium*), ou seja, no início de seu discurso, a advogada fez um apelo a Deus e à consciência daqueles que compõem o júri para que pudessem julgar o caso da melhor forma possível – o que é uma construção interessante, já que é comum a utilização de tais formas de apelo em uma apresentação retórica, sendo mais comumente utilizadas, no entanto, na peroração, isto é, na parte final do discurso.

Em seguida, a segunda advogada apresentou sua parte, acompanhando os tópicos de sua fala pelo celular, o que tornou o momento mais informal e diminuiu a imagem de credibilidade que se pretendia passar, porém foram apresentados bons embasamentos de acordo com a Constituição Federal e também com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para construir o texto de acusação contra a vida e a dignidade de uma criança.

5.5.4.2 Advogadas de defesa defendem a ré

A advogada 1, sem ler, mas fazendo uso de suporte para não se perder durante a explanação, apresentou um texto robusto em sua introdução. Essa também utilizou do exórdio para fazer um apelo ao júri para que esse tivesse empatia pela ré, em virtude de ela sofrer violência doméstica e, para isso, citou a Lei Maria da Penha. Ademais, trouxe também, por meio do DATAsenado, os índices de violência doméstica e o agravante de supostamente a ré depender financeiramente do violentador e, por fim, defendeu que, inicialmente, a ré teria tentado uma medida protetiva contra o marido, a qual teria sido recusada pela justiça – inserindo tal prova, a defensora introduz a argumentação (*argumentatio*) de seu discurso.

A advogada 2 também fez uso de anotações apenas para apoio e não recorreu à leitura do texto. Ao começar sua fala, ela, primeiramente, fez a diferenciação conceitual entre “omissão”, “homicídio” e “tortura”, citando o artigo 227 da Constituição Federal Brasileira que afirma

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Brasil, 1988).

Ao fazer uso do artigo em questão, a segunda advogada apresentou a tese de que, além de uma omissão materna, houve também uma omissão popular e estatal perante a recusa da solicitação, por parte da mãe, de medida protetiva, a fim de afastá-la do violentador, o que,

consequentemente, manteve a criança próxima ao contraventor. Novamente, a advogada apelou à ideia da dependência da esposa em relação ao marido – o que é um recurso retórico bem utilizado para tentar convencer sua audiência, formada majoritariamente por mulheres, de sua narrativa.

A terceira advogada também falou de forma decorada, utilizando o material escrito somente como suporte. Ela, por sua vez, evocou a ausência de antecedentes criminais da ré e a existência de antecedentes criminais por parte de seu marido, ou seja, do padrasto acusado de homicídio – o que, mais uma vez, é um recurso de argumentação para sustentar sua tese com provas favoráveis à ré. Em seguida, baseou-se na psicanálise para explicar como o conceito freudiano de perversão pode ser aplicado à figura do autor do crime por sua personalidade e atitudes não só no caso em questão como também em situações anteriores de violência. Por fim, explorou o fato de que, quando houve o divórcio entre ela e o pai da criança, a guarda foi dada à mãe e não ao pai e também o fato de que, naquela ocasião, a mãe encontrar-se-ia em situação de vulnerabilidade perante o cônjuge.

5.5.4.3 Réplica da acusação com intervenção das testemunhas

O momento da réplica por parte da acusação foi iniciado com uma sugestão, feita pela terceira advogada, de que a ré teria interesses financeiros em sua relação com o atual cônjuge, reiterada pela descrição física da acusada, que permanecia bem-arrumada, frequentando salões de beleza para cuidar do cabelo e fazer as unhas, apesar de seu filho ser vítima de maus-tratos por parte do padrasto. O foco neste tipo de detalhe evidenciou o objetivo da acusação de construir uma imagem de gananciosa e fútil para a ré. Ao fazê-lo, a advogada ainda contrapôs tais fatos às alegações, por parte da acusada, de ter sido vítima de coerção por parte do marido.

Em seguida, a advogada 2 utilizou o artigo 5 do ECA, o qual afirma que

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais (Brasil, 1990).

O uso de tal artigo fez parecer que a acusação tinha como finalidade apontar a suposta omissão por parte da ré como uma forma de consentimento para as violências cometidas contra a vítima – novamente, vê-se, nesse momento do discurso, características relativas à etapa da argumentação. A advogada, então, sugeriu que a ré devia ter entregado a guarda ao pai da

criança, parte autora, antes que a fatalidade tivesse acontecido. Assim, abriu-se o momento para a participação das testemunhas, e a advogada 3 chama a testemunha 2, que tinha sido funcionária da família⁵⁷.

A testemunha inicia sua fala dizendo, por meio de uma narração (*narratio*), que a patroa, ou seja, a ré, era fria e distante, mesmo que ela já fizesse parte do cotidiano familiar há 8 anos. Ela, então, narrou memórias sobre os brinquedos, as falas e as risadas da criança – faz-se nítido, nesse ponto, o apelo emocional, a ênfase em manipular o *páthos* do júri presente. Em contraponto, conta que a ré olhava a todos com ar de superioridade e arrogância, sem nunca ter parecido impulsiva. Segundo a narrativa da testemunha 2, a ré não era afetuosa, não compreendia as atitudes infantis do filho e aparentava ser dissimulada; e, apesar de nunca tê-la visto agredindo fisicamente a criança, as agressões verbais seriam supostamente frequentes. Depois disso, a testemunha afirmou que o menino mudava seu comportamento quando estava distante do padrasto e da mãe, oscilando seu humor entre tristeza, irritação e intempestividade. Por fim, apela-se mais uma vez para a figuração da criança com o intuito de afetar o emocional do público e projetar a imagem de um ambiente inseguro para um indivíduo crescer e se desenvolver.

Após a fala da testemunha 2, a segunda advogada chamou a outra testemunha, que desempenhou o papel de coordenadora pedagógica da escola que a vítima frequentava. A coordenadora alegou, também utilizando o recurso da narração, que a escola em que o menino estudava era de metodologia e organização participativa não só para os alunos como também para os responsáveis, contudo a família da vítima sempre esteve ausente nas atividades propostas. Além disso, afirmou ainda que, apesar das variações de humor da criança, a escola não teria o papel de indicar diagnósticos para seus alunos. A testemunha relata, pois, dificuldade de acesso à família para qualquer tipo de diálogo e reunião em relação à criança e ainda que o menino já não se deixava afetar mais pelos frequentes atrasos por parte da ré para buscá-lo após o término do horário escolar. Ela narrou também mudanças no comportamento da vítima, como agressividade em relação aos adultos que se aproximavam, principalmente a professora, recorrência de desenhos violentos e até o fato de o menino ter arremessado uma pedra contra uma colega. Após o testemunho, a advogada 3, encaminhando seu discurso para o momento de peroração (*peroratio*), reforçou a solicitação de que a ré fosse considerada também parte ativa

⁵⁷ Vale frisar, novamente, que os papéis das testemunhas não foram selecionados previamente pelas aplicadoras da SD. Foi informado aos grupos que ambos precisariam ter duas testemunhas e cada grupo selecionou, por sua vez, o papel que considerava mais útil e interessante para a construção de seu ponto de vista no caso.

em relação ao homicídio, além de elencar os maus-tratos como parte de seu tratamento em relação ao filho e enfatizar a omissão de socorro como crime legal de acordo com o ECA.

5.5.4.4 Tréplica da defesa com participação das testemunhas

No momento da tréplica, a primeira advogada do grupo da defesa iniciou sua fala contando a história do relacionamento da ré com o marido, autor dos crimes, afirmando que, inicialmente, não houve percepção de perigo por parte da esposa, e seguindo com uma etapa narrativa em sua explanação. A compreensão, por parte da acusada, sobre os riscos que sofria, de acordo com a advogada, só foi sentido com o passar do tempo. Em seguida, a mesma advogada recorreu ainda à informação de que o autor dos crimes já teria cometido violência contra outras vítimas anteriores, as quais também se relacionaram com ele – encaminhando, por seu turno, para a parte da argumentação. Ela, por fim, convocou a primeira testemunha.

Como primeira testemunha, a defesa trouxe uma jovem de 28 anos, professora, que alegou, por meio da narração, também ter sido vítima de violência por parte do marido da ré em um relacionamento anterior, que durou cerca de 1 ano. Segundo a testemunha, ela tinha medo do ex-cônjuge devido a seu comportamento controlador, violento e dissimulado. Então, caracterizou sua antiga relação como tóxica e abusiva. A jovem contou que tinha uma filha pequena e que ambas sofreram por causa do agressor, mas havia esperanças de que ele mudaria sua maneira de agir. Ao contar as violências vivenciadas, a testemunha ficou emotiva e relatou situações de agressão física e verbal – como ataques com cintos e ameaças de perseguição –, uso de influência familiar para mantê-la por perto e, até mesmo, abusos sexuais, quando a testemunha se recusava a ter relações com ele. Além disso, as ameaças e a violência física contra a menina na frente da mãe eram recorrentes. Contudo, por ser um homem de poder político e financeiro, a testemunha afirmou ter tido, por muito tempo, medo de denunciar e explicou que, ainda durante esse processo, estaria passando por tratamento medicamentoso e psicológico. Ao apresentar tal posicionamento de testemunha, o grupo de defesa tenta, por intermédio de um apelo emocional, indicando outra suposta vítima de um mesmo agressor, fazer com que o júri tenda a tomar partido para o seu lado no caso em questão.

Em seguida, a segunda advogada da defesa explicou que a ré solicitou, junto a seu empregador, 60 dias de licença para cuidar de sua situação conjugal e apelou à empatia do júri e dos presentes. Então, chamou a testemunha 2. Nesse ponto, há um equívoco, pois a defesa faz uso da própria ré como uma das testemunhas, o que não é possível em um Tribunal do Júri

efetivamente. Assim, cabe a observação de que, em uma futura aplicação, tal fato precisa ser reforçado para que não aconteça novamente.

A ré, ao ser chamada a testemunhar, também parte para uma narração e comentou sobre sua função de acompanhar o filho nas tarefas e atividades escolares, na qual empenhava-se para demonstrar ser uma mãe presente e atenciosa às necessidades da criança. Ela afirmou que só percebeu a verdadeira personalidade do cônjuge depois de algum tempo de relacionamento, quando ele começou a controlar até mesmo suas redes sociais. A seguir, ela relatou o pedido de medida restritiva que chegou a fazer contra o marido na delegacia da cidade, porém declarou que, por seu esposo ser uma figura política de importância e o delegado ser seu amigo, tal solicitação foi recusada. Segundo ela, ainda, o atual marido teria ciúmes do pai de seu filho e, por isso, a relação entre o padrasto e a criança também era repleta de tensões. Por fim, a ré comenta que o cônjuge impediu-a de fazer tratamento psicoterapêutico.

Nesse momento, a terceira advogada pediu à ré que contasse sobre o dia do assassinato de seu filho. E, em seu depoimento, a ré descreveu que, quando o pai do menino levou-o ao prédio da mãe, ela encontrou-os na portaria. Após ter colocado o filho para dormir, o marido fez reclamações sobre a esposa ter demorado demasiadamente para voltar ao seu quarto. Então, ela dormiu e, no meio da noite, acordou assustada com os gritos do filho, tendo corrido para ver o que havia acontecido. De acordo com a ré, o menino já estava gelado e o cônjuge, agitado, ainda que calado por todo o tempo. A advogada, então, conduz o discurso para a peroração, por meio da retomada de tópicos importantes narrados anteriormente e do emprego de *sententiae*, as quais são enunciados ou reflexões gerais, porém concisos, acerca do que foi defendido, expostos de forma resumida e taxativa:

Por serem sumarizações de conhecimentos coletivos, têm valor como recurso retórico, nomeadamente quando essa verdade universal se apresenta como fundamento pouco refutável ao discurso de quem a pronuncia, conferindo-lhe credibilidade (Ramos, 2021, p. 111).

Encerrou-se, dessa forma, o período de apresentação dos grupos de acusação e defesa, e os convidados participantes como membros do júri foram chamados, pela juíza presidente, a se retirarem da sala para deliberação. Por unanimidade dos convidados presentes, a partir da observação feita por meio de fichas avaliativas disponibilizadas previamente, a sentença foi proferida em favor da equipe de defesa e o recurso solicitado, conforme o argumento do caso, foi recusado.

5.5.4.5 Balanço geral da performance do júri

Já durante o momento de reflexão e deliberação com a juíza presidente, isto é, a docente responsável pela disciplina de aplicação da presente SD e orientadora da autora da dissertação e também com os convidados que compuseram o tribunal do júri, foi possível perceber, em virtude do diálogo e dos debates que se sucederam acerca da performance das alunas, que, mesmo com alguns imprevistos e enganos, o projeto havia sido concluído de maneira satisfatória e alcançado seu objetivo. Considerando a meta traçada, foi possível aplicar, por meio de uma metodologia ativa de ensino, uma atividade, similar às propostas pedagógicas de Quintiliano, que estimulasse as discentes a se dedicarem na busca pelo conhecimento para a prática profícua de discursos retóricos, contribuindo, desse modo, para sua formação acadêmica e também cidadã, ao refletir sobre temáticas e desenvolver habilidades relacionadas com a vida cotidiana em sociedade.

Todos os participantes da SD dedicaram-se para o desenvolvimento de seus papéis no júri simulado: desde as estudantes, envolvidas com os grupos de acusação e defesa, passando pela professora regente da turma, com a função de juíza presidente, e finalizando com os membros convidados que compuseram o corpo do tribunal do júri, os quais acessaram os materiais disponíveis e, após a aplicação da atividade, entregaram seus *feedbacks* sobre a proposta à estagiária responsável pelo desenvolvimento da SD. Essa dedicação fez com que fosse possível dar um parecer mais estratégico às alunas acerca da avaliação geral do júri simulado, por meio de um quadro disponibilizado às alunas⁵⁸, em que foram reunidos a avaliação e os comentários gerais dos convidados. Isso tornou viável ainda uma elaboração mais detalhada do presente relato de experiência, colaborando também para que se fizessem mais perceptíveis alguns pormenores e falhas que, em uma futura aplicação, podem vir a ser corrigidos. O Quadro 7, apresentado a seguir, compila os comentários mais específicos para cada grupo como parte do balanço geral acerca de suas performances.

⁵⁸ Consta no anexo D desta dissertação.

Quadro 7 – Balanço geral acrescentado à avaliação acerca da performance dos grupos

Acusação:	
Balanço geral:	<ul style="list-style-type: none"> ● Boa compreensão do tema e dos papéis desempenhados; ● Usaram a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e o Adolescente; ● Excelentes testemunhas; ● Abertura da apresentação muito curta; ● Nervosismo mais aparente; ● Equívoco: perguntou à testemunha se considerava a ré culpada; ● Faltou demonstrar maior profundidade em relacionar as leis e o caso; ● Faltou centrar o caso em uma tese, ou seja, faltou guiar os jurados convidados pelo ponto de vista que defendiam.
Defesa:	
Balanço geral:	<ul style="list-style-type: none"> ● Demonstraram bom embasamento e profundidade no debate do caso; ● Guiaram os jurados por uma tese centrada na questão da violência doméstica e da Lei Maria da Penha; ● Retomaram o histórico da ré e do marido; ● Excelente escolha de testemunha (Abgail); ● Uso de <i>sententiae</i> e apelo ao público; ● Equívoco: apresentar a ré como testemunha; ● O discurso da segunda advogada focou muito na questão da “omissão” por parte da mãe, o que poderia atrapalhar o caso.

Fonte: elaborado pela autora (2024).

A partir do resultado frutífero e proveitoso dessa aplicação da SD, é possível concluir que o uso de metodologias ativas de ensino pode ser uma maneira de contribuir de forma mais efetiva para a consolidação dos conteúdos necessários na formação de discentes não só na educação básica, como há uma certa tendência a considerar, como também na educação superior. Atividades e projetos desse tipo podem trazer novas práticas pedagógicas para o ambiente universitário e despertar maior interesse por parte dos estudantes, além de fornecer uma aprendizagem prazerosa e também uma qualificação para a prática social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *Declamações Maiores* formam um *corpus* de temáticas variadas, o que abre múltiplas possibilidades para o trabalho de estudiosos de áreas e metodologias diversas, em virtude de abordar aspectos socioculturais, históricos, legais, terapêuticos, mitológicos, entre outros, relacionados à sociedade e à cultura do período imperial romano. Por esse motivo, elas despertam a curiosidade de novos pesquisadores que, por meio de suas traduções e análises, desenvolvem estudos e investigações sobre objetos distintos desse mesmo compêndio, contribuindo, desse modo, para a robustez de conhecimentos acerca de tais textos e também para a maior divulgação do gênero declamatório na sociedade contemporânea.

O presente trabalho propõe que, com base na teoria da tradução de Itamar Even-Zohar (2012), a maneira de seleção para tradução dos textos que compõem as *DM* se relaciona diretamente com o co-sistema literário no qual ela vai se inserir e, na forma em que adota “normas, comportamentos e políticas específicos”, os quais procedem de sua proximidade com os outros textos do sistema literário nativo (Even-Zohar, 2012, p. 3). Desse modo, é possível localizar as *DM* no polissistema literário e acadêmico brasileiro no século XXI, refletindo sobre seu papel nesse contexto e propondo ações, principalmente, voltadas para o uso educacional do *corpus* em questão.

Para isso, faz-se inicialmente uma exposição documental e bibliográfica acerca da história da educação brasileira, focada especialmente nas mudanças legais sobre a área de estudos clássicos e sua inserção no currículo escolar, desde o período colonial até a promulgação da LDB de 1996 para, por fim, traçar os aspectos relativos ao novo polissistema literário instituído, particularmente, a partir dos anos 2000, com a criação de universos fictícios e fantasiosos, por parte da cultura *pop*, que faz uso constante de aspectos linguísticos e culturais de elementos da Antiguidade Clássica e ainda, no viés pedagógico atual, com a ampla divulgação e a defesa da prática de metodologias ativas de ensino, visando à aprendizagem significativa (Ausubel, 2003) por parte dos discentes.

Dessa forma, ao delinear esses aspectos, demonstra-se que, embora distantes temporal e geograficamente da cultura em que a presente pesquisa se insere, a tradução, o estudo e as propostas de aplicabilidade das *DM* corroboram as formas de relação que a literatura-fonte estabelece com a literatura-alvo segundo Even-Zohar (2012; 2013).

À vista disso, conclui-se que a *DM* 8 é somente um modelo que corrobora a compreensão de como se estrutura um texto retórico – embora não haja, necessariamente, uma estrutura coesa e uniforme, em virtude de ter sido escrito a partir da inserção de vários

colaboradores –, como também integra-se de maneira magistral nas possibilidades elencadas acima. Tal *DM*, além de pertencer ao gênero retórico e apresentar todas as etapas do discurso de forma evidente – exórdio, narração, divisão e peroração –, aborda, em seu conteúdo, os laços familiares do período imperial romano, especificamente, a relação entre pai e filho e as noções de posse que a perpassam; já mais superficialmente, o vínculo matrimonial da época e, por fim, mas com o mesmo grau de importância, a questão ética na prática das ciências médicas.

Esses assuntos faziam-se relevantes no período de produção de tais textos, e continuam sendo vitais, ainda hoje, para a compreensão e a análise de nossa própria sociedade. Então, sua abordagem, a partir dos discursos que compõem esse *corpus*, pode contribuir para o progresso de diversas pesquisas, principalmente, sendo o foco deste trabalho, na produção de debates e performances, mediante aplicações pedagógicas em sala de aula – fazendo com que tais discursos desempenhem uma das funções primordiais da retórica, o de ensinar (*docere*).

Nas escolas de retórica da Roma Imperial, as *DM* eram utilizadas como gênero pedagógico por Quintiliano e seus discípulos na formação de jovens oradores pertencentes à aristocracia romana. Esses discursos eram produzidos, como exercícios retóricos, com base em temas – que podiam ou não ser baseados em fatos e leis verídicas da época – instigantes e interessantes para os alunos que, por sua vez, precisavam construir um discurso que sustentasse seu ponto de vista, com base nos conceitos estudados. Dessa forma, a *DM* 8, bem como as outras que compõem o compêndio atribuído a Quintiliano, desenvolveram uma tarefa essencial na formação de oradores, com o uso de assuntos que, para além de aspectos socioculturais da época, envolviam questões da vida humana que podiam (e ainda podem) afetar as emoções e os sentimentos dos indivíduos envolvidos, o que os fazia desempenhar neles uma função potencialmente catártica – executando, com primazia, outro papel retórico, o de comover (*commouere*). Esse aspecto tem um grande potencial didático, já que, a cada dia, com a evolução tecnológica e o distanciamento humano entre as pessoas, a formação dialógica e socioemocional torna-se primordial nos ambientes laborais, cooperativos e, em especial, educacionais. Ao utilizar como *corpus* de trabalho textos afastados da realidade cotidiana dos discentes, cria-se um ambiente mais propício ao debate frutífero e pouco afetado por emoções muito acaloradas em relação a assuntos delicados e às situações tratadas.

Assim, a presente dissertação defende, então, uma (re)aplicação das *DM* como ferramenta didática na sala de aula da contemporaneidade, por meio de uma SD que use tais textos não só como fonte de inspiração, mas também como objeto de análise e compreensão para que os estudantes sejam capazes de produzir seus próprios discursos retóricos para uma performance na metodologia ativa do júri simulado. Isso auxiliaria na formação retórica, cidadã

e socioemocional dos alunos, além de ampliar seu contato com objetos da cultura, história e literatura da Antiguidade Clássica.

Para sustentar e respaldar tal ponto de vista, no último capítulo deste trabalho houve a apresentação de um relato de experiência de uma aplicação de SD de júri simulado a partir da leitura e estudo de conceitos e autores retóricos clássicos, bem como de dois pares de *DM*. O relato demonstra que, apesar de alguns equívocos típicos de uma primeira aplicação deste tipo de SD, a experiência foi proveitosa para todas as partes envolvidas no processo, o que ajudou a fazer a disciplina em que houve a atividade mais dinâmica, proporcionou às alunas envolvidas um maior engajamento, tornando-as agentes e protagonistas em seu próprio aprendizado, de maneira prazerosa – o que fez com que a *DM* em questão pudesse cumprir, enfim, o último papel essencial da retórica: o deleite (*delectare*).

Isso concedeu às aplicadoras a oportunidade de observar em prática uma metodologia similar àquela proposta pelas escolas de retórica da antiga Roma, o que salienta que a prática de “metodologias ativas” em sala de aula faz-se de extrema importância para o aprendizado – em qualquer segmento educacional – desde quando sequer havia recebido tal denominação. Portanto, ao visitar e revisitar a Antiguidade, através de estudos, leituras e traduções, aprende-se, com o passado, novidades essenciais para o presente e, (talvez) principalmente, para o futuro.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- AMARANTE, José. O latim no Brasil após a segunda metade do século XX e a emergência de novos materiais didáticos. *In*: CRAVO, Cláudia; MARQUES, Susana (Coords.). **O ensino das línguas clássicas: reflexões e experiências didáticas**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, p. 91-109.
- ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processo de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. Joinville: Univille, 2004.
- AUSUBEL, David. **Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.
- BELLI, Isadora de Souza. **METVO NE PATREM DVM MORIOR OCCIDAM**: tradução e estudo da Declamação Maior IV atribuída a Quintiliano. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.
- BERNSTEIN, Neil Wang. **Ethics, identity, and community in later Roman Declamation**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, ano 128, n. 134, 13 jul. 1990.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, ano 134, n. 248, 23 dez. 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua Portuguesa. Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 1998.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: a educação é a base**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- BRASIL. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: Contexto Histórico e Pressupostos Pedagógicos**. Brasília: Ministério da Educação, 2019.
- BRASIL. **Vacina contra Covid-19: dos testes iniciais ao registro**. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2020.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. São Paulo: José Olympio, 2017.

- CORBEILL, Anthony. A student speaks for social equality in the Roman classroom. *In*: DINTER, Martin T.; GUÉRIN, Charles; MARTINHO, Marcos (Orgs.). **Reading Roman Declamation: the declamations ascribed to Quintilian**. Berlin: De Gruyter, 2016, p. 11-24.
- COSTRINO, Artur; VIANA, Letícia Maria Quintella. Castidade, poesia e declamação: comentários ao excerto 6,8 das controvérsias de Sêneca, o velho. **Letras Escreve**, v. 10, n. 2, p. 97-110, 2021.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e para o escrito: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. **Translatio**, n. 3, p. 3-10, 2012.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos polissistemas. **Translatio**, n. 5, p. 2-21, 2013.
- FRYDMAN, Pablo Schwartz. **Estratégias da tradição: Cícero nas *Declamationes* de Sêneca, o Retor, e no *Dialogus de oratoribus* de Tácito**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- FURTADO, Fernando Miranda Fiorese. **Declamação Maior 12 de Pseudo-Quintiliano: os que se alimentaram de cadáveres**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.
- FURTADO, Fernando Miranda Fiorese. **Declamações maiores I e II de Pseudo-Quintiliano: tradução e estudo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- GLARE, Peter Geoffrey William (Ed.). **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- GUNDERSON, Erik. **Declamation, paternity, and Roman identity: authority and the rhetorical self**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HÅKANSON, Lennart (Ed.). **Declamationes XIX Maiores Quintiliano Falso Ascriptae**. Stuttgart: De Gruyter, 1982.
- LENDON, Jon E. **That tyrant, persuasion: how rhetoric shaped the Roman World**. Princeton University Press, 2022.
- LONGO, Giovanna. La medicina nelle Declamazioni maggiori pseudo-quintilianee. *In*: DINTER, Martin T.; GUÉRIN, Charles; MARTINHO, Marcos (Orgs.). **Reading Roman Declamation: the declamations ascribed to Quintilian**. Berlin: De Gruyter, 2016, p. 167-187.
- LOPES, Ana Clara Vizeu. O caso de incesto nas Declamações maiores de Pseudo-Quintiliano (DM 18-19) e a representação literária da matrona romana de Ana Clara Vizeu Lopes (2020).

LOPES, Ana Clara Vizeu; MIOTTI, Charlene Martins. Incesto, tortura e silêncio: um caso de família na Declamação Maior 18, de Pseudo-Quintiliano. **Calíope**, v. 37, n. 39, p. 4-39, 2020.

LOPES, Ana Clara Vizeu; MIOTTI, Charlene Martins. Justificando a tortura: o discurso de um pai que assassinou o próprio filho (*Declamatio Maior* 19). **Translatio**, n. 21, p. 120-139, 2021.

LOVATO, Fabricio Luís; MICHELOTTI, Angela; DA SILVA LORETO, Elgion Lucio. Metodologias ativas de aprendizagem: uma breve revisão. **Acta Scientiae**, v. 20, n. 2, p. 154-171, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 30, n. 1, 39-79, 1997.

MARTELLA, Lucrezia. **L'antilogia di Lorenzo Patarol alla declamazione 8 di PS. Quintiliano**: un processo alla vivisezione. 2022. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade de Lausanne, Lausanne, 2022.

MINAS GERAIS. **Diretrizes para implementação dos itinerários formativos de aprofundamento nas áreas do conhecimento para o 2º ano do ensino médio 2023**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2023.

MINAS GERAIS. **Aprofundamento integrado nas quatro áreas de conhecimento**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2024a.

MINAS GERAIS. **Catálogo de eletivas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, 2024b.

MIOTTI, Charlene Martins; FURTADO, Fernando Miranda Fiorese. Uma cidade condenada ao canibalismo: *Declamatio Maior XII* de Pseudo-Quintiliano. **Letras Clássicas**, Nova Série, v. 1, n. 1, p. 81-156, 2024.

MIRANDA, Leticia Machado. **SEPVLCRVM INCANTATVM**: tradução e estudo da Declamação Maior 10 atribuída a Quintiliano. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. *In*: SOUZA, Carlos Alberto; MORALES, Ofelia Elisa Torres. **Coleção mídias contemporâneas**. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens. Vol. II. Pernambuco: Foca Foto-PROEX/UEPG, p. 15-33.

ONU [ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS]. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris: Organização das Nações Unidas, 1948.

PAGLIARO, Raffaella L. **Pseudo-Quintiliano**: Declamationes XIX maiores: con proposta di traduzione in CD-Rom. Napoli: Guida, 2008.

PEREIRA, Marcos Aurélio. Quintiliano gramático: O papel do mestre de gramática na *Institutio oratoria*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2000.

PFAU, Monique. Um projeto de tradução funcionalista – justificando futuras decisões tradutórias. *Translatio*, n. 3, p. 25-39, 2012.

PINTON, Beatriz Rezende Lara. **REMEDIUM AMORIS MULIER INVENIT**: o papel da meretrix e a magia nas Declamationes Maiores atribuídas a Quintiliano. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020.

PONTES, Jefferson da Silva. **Talis actor, qualis orator**: encenando o discurso oratório. 2017. Tese (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

PONTES, Jefferson da Silva. **O exercício do horror**: modelos de teatralidade trágica nos Excerpta Declamationum de Calpúrnio Flaco e nas Declamationes Minores de Pseudo-Quintiliano. 2021. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

QUINTILIAN. Declamation 9. In: STRAMAGLIA, Antonio (Ed.). **The Major Declamations**, Volume II, by Quintilian. Cambridge: Harvard University Press, 2021, p. 109-171.

RAMOS, Rodrigo Felipe. Moralização em cena: sententiae em Rudens, de Plauto. *Nuntius Antiquus*, v. 17, n. 1, p. 107-128, 2021.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

ROLLE, Alessandra. Imparare la retorica con lo Pseudo-Quintiliano: diario di un'esperienza. *ClassicoContemporaneo*, v. 3, n. 1, p. 26-33, 2017.

SANTOS SOBRINHO, José Amarante. **Dois tempos da cultura escrita em latim no Brasil**: o tempo da conservação e o tempo da produção – discursos, práticas, representações, proposta metodológica. 2013. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SILVA, Barbara Gonçalves da; SOUSA, Fernanda Cunha; BELLI, Isadora de Souza; ARAÚJO, Luiza Diniz; SILVA, Pablo de Moraes Moreira. Ovídio no Twitter: divulgação científica em tempos de pandemia. *Nuntius Antiquus*, v. 17, n. 2, p. 29-49, 2021.

SOARES, Thiago. Percursos para estudos sobre música pop. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogério (Orgs.) **Cultura pop**. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 19-33.

STRAMAGLIA, Antonio (Ed.) **I gemelli malati**: un caso di vivisezione (Declamazioni maggiori, 8). Cassino: Edizioni dell'Università degli Studi di Cassino, 1999.

STRAMAGLIA, Antonio (Ed.). **The Major Declamations**, Volume II, by Quintilian. Cambridge: Harvard University Press, 2021, p. 109-171.

SUSSMAN, Lewis A. **The major declamations ascribed to Quintilian**: a translation. Frankfurt am Main: Lang, 1987.

SUSSMAN, Lewis A. Sons and fathers in the Major Declamations ascribed to Quintilian. **Rhetorica**, v. 13, n. 2, p. 179-192, 1995.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação**. Letras – Licenciatura. Juiz de Fora: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2023.

VILLA, Marco Antônio. **A história em discursos**: 50 discursos que mudaram o Brasil e o mundo. São Paulo: Planeta, 2018.

WINTERBOTTOM, Michael [QUINTILIAN] Declamation 9. *In*: STRAMAGLIA, Antonio (Ed.). **The Major Declamations**, Volume II, by Quintilian. Cambridge: Harvard University Press, 2021, p. 109-171.

APÊNDICE A – Glossário

Glossário em latim	Tradução em português
<i>adflectus, -us</i>	afeição afeto sentimentos
<i>aeger, -i</i>	doente paciente
<i>aegroto, -are, -aui, atus</i>	adoecer
<i>anima, -ae</i>	alma vida
<i>animus, -i</i>	pensamento ânimo espírito
<i>ars, is</i>	arte
<i>calamitas, -is</i>	calamidade
<i>causa, -ae</i>	causa razão
<i>condicio, -is</i>	condição
<i>corpus, -is</i>	cadáver corpo
<i>curatio, -is</i>	tratamento cuidado
<i>desperatio, -is</i>	desengano desespero
<i>despero, -are, -aui, -atus</i>	desenganar

<i>execo, -are, -ui, -tus</i>	dissecar
<i>explico, -are, -aui, -atus</i>	explicar efetivar livrar
<i>facinus, -is</i>	atentado escândalo atroz crime
<i>fatum, -i</i>	destino
<i>ferrum, -i</i>	bisturi
<i>filium, -i</i>	filho
<i>frater, -is</i>	irmão
<i>geminus, -i</i>	gêmeos
<i>genus, -is</i>	raça tipo estilo
<i>homo, -is</i>	homem indivíduo
<i>humanus, -a, -um</i>	humana
<i>immanitas, -is</i>	brutalidade
<i>infelix, -is</i>	infeliz
<i>inspicio, -ere, -xi, -ctus</i>	examinar
<i>inspectio, -is</i>	dissecação

<i>iudex, -is</i>	júri membros do júri
<i>iuvenis, -is</i>	jovem
<i>labor, -is</i>	trabalho estresse sofrimento
<i>languor, -is</i>	doença
<i>liber, -is</i>	criança
<i>maritus, -i</i>	marido
<i>mater, -is</i>	mãe
<i>medicina, -ae</i>	medicina medicamento
<i>medicus, -i</i>	médico
<i>membrum, -i</i>	membros (do corpo)
<i>miser, -a, -um</i>	miserável
<i>morbis, -i</i>	enfermidade
<i>morior, -i</i>	morrer
<i>natura, -ae</i>	natureza
<i>occido, -ere, -i, -sus</i>	matar morrer
<i>orbitas, -is</i>	perda de um filho/ente querido luto
<i>parens, is</i>	pais

<i>parricidium, -i</i>	parricídio
<i>patior, -i</i>	suportar sofrer
<i>pectus, -oris</i>	peito tórax
<i>pereo, -ire, -ui, -itus</i>	perecer
<i>perspicio, -ere, -xi, -ctus</i>	examinar
<i>pestis, -is</i>	peste
<i>pietas, -is</i>	afeição piedade
<i>pignus, -oris</i>	descendência prole
<i>plangor, -is</i>	gemido
<i>querela, -ae</i>	queixa
<i>queror, -i, questus sum</i>	queixar-se prestar queixa (formal)
<i>ratio, -is</i>	raciocínio responsabilidade razão diagnóstico
<i>reddo, -ere, -idi, -itus</i>	devolver expor
<i>relinquo, -ere, -i, -ctus</i>	abandonar permitir
<i>remedium, -i</i>	remédio

<i>saevitia, -ae</i>	selvageria perversidade
<i>salus, -is</i>	saúde
<i>sanguis, -inis</i>	sangue
<i>sanitas, -is</i>	bem-estar
<i>sano, -are, -ui, -tus</i>	curar
<i>scelus, -is</i>	crime
<i>spero, -are, -ui, -tus</i>	ter esperança
<i>spes, -i</i>	esperança
<i>supremum, -i</i>	momentos finais derradeiro adeus
<i>ualetudo, -is</i>	convalescência
<i>uiscer, -is</i>	vísceras
<i>uita, -ae</i>	vida
<i>uital, -is</i>	órgãos vitais
<i>uulnus, -is</i>	cortes feridas lacerações

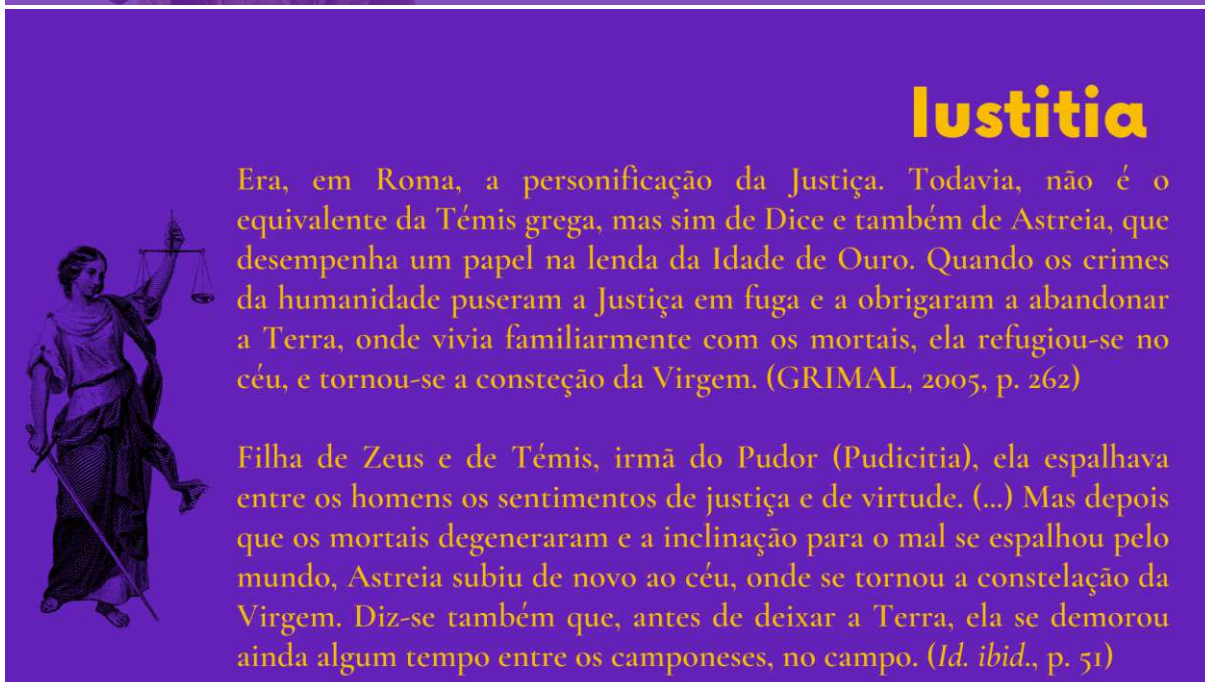
APÊNDICE B – Slides utilizados para aplicação da SD



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
TÓPICOS DE LITERATURA LATINA: RETÓRICA
PROFESSORA: CHARLENE MARTINS MIOTTI
ESTAGIÁRIA: MESTRANDA BÁRBARA GONÇALVES DA SILVA

— Júri simulado: estrutura e aplicação

Metodologia ativa aplicada à aprendizagem retórica



Iustitia

Era, em Roma, a personificação da Justiça. Todavia, não é o equivalente da Témis grega, mas sim de Dice e também de Astreia, que desempenha um papel na lenda da Idade de Ouro. Quando os crimes da humanidade puseram a Justiça em fuga e a obrigaram a abandonar a Terra, onde vivia familiarmente com os mortais, ela refugiou-se no céu, e tornou-se a constelação da Virgem. (GRIMAL, 2005, p. 262)

Filha de Zeus e de Témis, irmã do Pudor (Pudicitia), ela espalhava entre os homens os sentimentos de justiça e de virtude. (...) Mas depois que os mortais degeneraram e a inclinação para o mal se espalhou pelo mundo, Astreia subiu de novo ao céu, onde se tornou a constelação da Virgem. Diz-se também que, antes de deixar a Terra, ela se demorou ainda algum tempo entre os camponeses, no campo. (*Id. ibid.*, p. 51)

— Enquanto isso, no STF (...)



Acessibilidade Ir para: conteúdo menu busca rodapé Gestão de Pessoas Fale com o STF Transparência e Prestação de Contas

STF SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL

Institucional Processos Repercussão Geral Jurisprudência Publicações Estatística Comunicação

 IUSTITIA

Divindade romana que representa a Justiça. Conforme Grimal (1997, p. 262), não é o equivalente da Têmis grega, mas sim de Diké e também de Astreia. Apresenta-se com os olhos vendados, segurando a balança com as duas mãos, os pratos alinhados e o fiel bem no meio, às vezes sentada. Ela ficava de pé e declarava o direito (jus, significando o que a deusa diz) quando o fiel estava completamente vertical, direito (rectum), ou seja, perfeitamente reto, de cima para baixo (de+rectum). Os olhos vendados mostram que sua concepção do direito era mais um saber agir, um equilíbrio entre a abstração e o concreto. (FERRAZ JÚNIOR, 2003, p. 32-33).

Bibliografia:

FERRAZ JÚNIOR, Tércio Sampaio. **Introdução ao estudo do direito: técnicas, decisão, dominação**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2003. p. 32-33.

GRIMAL, Pierre. Justiça. In: _____. **Dicionário da mitologia grega e romana**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 262.

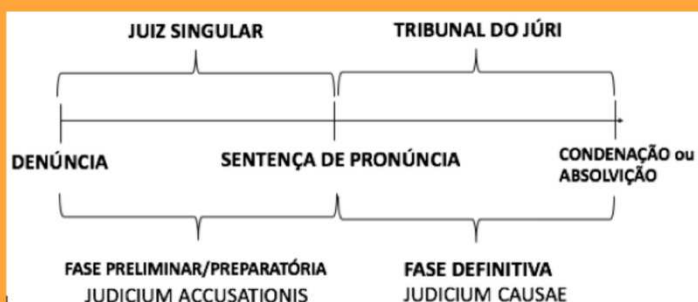


Tribunal do Júri

"É no Tribunal do Júri, órgão do Poder Judiciário, composto por um juiz togado (que o preside) e 25 (vinte e cinco) jurados – dos quais 7 (sete) integrarão o Conselho de Sentença incumbido de decidir a causa (art. 447, do Código de Processo Penal) - que o Promotor de Justiça, ao tempo em que promove a acusação, defende o Direito à Vida, se praticados os crimes dolosos de homicídio (incluído o feminicídio), o induzimento, instigação ou auxílio ao suicídio, o infanticídio ou o aborto, infrações penais de competência do Tribunal Popular do Júri."

(MINAS GERAIS, [s. d.])

— Fases do tribunal do júri



— Organização



Júri simulado —

CONSISTE ...	OPERAÇÕES DE PENSAMENTO (predominante)	DINÂMICA DA ATIVIDADE	AValiação
<p>Na simulação de um júri, em que, a partir de um problema, são apresentados argumentos de defesa e de acusação. Pode levar o grupo à análise e avaliação de um fato proposto com objetividade e realismo, à crítica construtiva de uma situação e à dinamização do grupo para estudar profundamente um tema real.</p>	<p>Imaginação Interpretação Crítica Comparação. Análise Levantamento de Hipóteses Busca de suposições Decisão.</p>	<p>Partir de um problema concreto e objetivo, estudado e conhecido pelos participantes. Um estudante fará o papel de juiz e outro para o papel de escrivão; -os demais componentes da classe serão divididos em quatro grupos: promotoria, de um a quatro estudantes; defesa, com igual número; conselho de sentença, com sete estudantes; e o plenário com os demais. A promotoria e a defesa devem ter alguns dias para a preparação dos trabalhos, sob orientação do professor – cada parte terá 15 min para apresentar seus argumentos; -o juiz manterá a ordem dos trabalhos e formulará os quesitos ao conselho de sentença; -o escrivão tem a responsabilidade de fazer o relatório dos trabalhos; -o conselho de sentença, após ouvir os argumentos de ambas as partes, apresenta sua decisão final; -o plenário será encarregado de observar o desempenho da promotoria e da defesa e fazer uma apreciação final sobre sua desenvoltura.</p>	<p>Considerar a apresentação concisa, clara e lógica das idéias, a profundidade dos conhecimentos e a argumentação fundamentada dos diversos papéis.</p>

Fonte: Léa Anastasiou e Leonir Pessate Alves (2004, p. 41)

Júri simulado — objetivos:

A estratégia de um júri simulado leva em consideração a possibilidade da realização de inúmeras operações de pensamento como: defesa de idéias, argumentação, julgamento, tomada de decisão etc. Sua preparação é de intensa mobilização, pois além de ativar a busca do conteúdo em si, os aparatos de outro ambiente (roupas, mobiliário etc) oportunizam um envolvimento de todos para além da sala de aula. Ainda, a estratégia pode ser regada de espírito de dramaturgia, o que deixa atividade interessante para todos, independente da função que irão desenvolver na apresentação final. Essa estratégia envolve todos os momentos da construção do conhecimento, da mobilização à síntese, pela sua característica de possibilitar o envolvimento de um nº elevado de estudantes. (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 42)

— Estrutura do Júri Simulado

Organização do Júri Simulado

GRUPO DE DEFESA (5 alunas):
Composto por 3 advogadas e 2 testemunhas.

GRUPO DE ACUSAÇÃO (5 alunas):
Composto por 3 advogadas e 2 testemunhas.

ARGUMENTO DO CASO:

Registra-se uma solicitação de recurso a uma decisão judicial relativa a um caso de homicídio duplamente qualificado de uma criança de 5 anos. O pai da criança acusa o padrasto e a mãe de tortura e homicídio de seu filho. Contudo, após uma primeira avaliação do caso, a juíza responsável mantém ambas as acusações em relação ao padrasto, mas opta por acusar a mãe apenas como cúmplice do homicídio, retirando, ainda, a acusação de tortura. O pai, no entanto, não concorda com a decisão judicial e recorre, solicitando que ambos sejam acusados como autores do crime de tortura e homicídio da criança. O caso vai, então, a júri popular.

Membros do júri (alunos externos ao grupo): Ana Clara Vizeu, Gabriel Soares, Leticia Miranda, Luiza Diniz.

Os membros do júri devem eleger 1 juiz presidente para proferir a leitura e a justificativa da sentença.

Preparação para o Tribunal do Júri (103 minutos)

Juiz abre a sessão.	5 minutos
Advogadas de acusação (promotoras) acusam a ré.	15 minutos (5 minutos para cada)
Advogados de defesa defendem o réu ou a ré.	15 minutos (5 minutos para cada)
Advogadas de acusação tomam a palavra e continuam a acusação.	9 minutos (3 minutos para cada)
Intervenção de testemunhas de acusação.	15 minutos (7,5 minutos para cada)
Advogado de defesa retoma a defesa.	9 minutos (3 minutos para cada)
Intervenção das testemunhas de defesa.	15 minutos (7,5 minutos para cada)
Jurados se reúnem fora do plenário e decidem a sentença, junto com o juiz.	10 minutos
Leitura e justificativa da sentença pelo juiz presidente.	5 minutos
Declaração de finalização da sessão.	5 minutos

Ficha de avaliação

Advogada 1

Advogada 2

Advogada 3

Testemunha 1

Testemunha 2

1





















2

3

4

5

Ficha de avaliação - critérios extras:

	Conduta:		Indumentária:	
Advogada 1				
Advogada 2				
Advogada 3				
Testemunha 1				
Testemunha 2				

— Avaliação do júri simulado: descrição de notas

- 1- Apresentação prolixa, confusa e contraditória das ideias, sem uso embasado dos conhecimentos e argumentação desalinhada com o papel desempenhado.
- 2- Argumentação prolixa, confusa e ambígua das ideias, uso superficial dos conhecimentos e argumentação levemente alinhada com o papel desempenhado.
- 3- Argumentação concisa, pouco clara e razoavelmente lógica das ideias, profundidade mediana dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.
- 4- Argumentação concisa, clara e lógica das ideias, profundidade aceitável dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.
- 5- Argumentação concisa, clara e lógica das ideias, profundidade dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.

APÊNDICE C – Organização estrutural do júri simulado

GRUPO DE DEFESA (5 alunas):

Composto por 3 advogadas e 2 testemunhas.

GRUPO DE ACUSAÇÃO (5 alunas):

Composto por 3 advogadas e 2 testemunhas.

ARGUMENTO DO CASO:

Registra-se uma solicitação de recurso a uma decisão judicial relativa a um caso de homicídio duplamente qualificado de uma criança de 5 anos. O pai da criança acusa o padrasto e a mãe de tortura e homicídio de seu filho. Contudo, após uma primeira avaliação do caso, a juíza responsável mantém ambas as acusações em relação ao padrasto, mas opta por acusar a mãe apenas como cúmplice do homicídio, retirando, ainda, a acusação de tortura. O pai, no entanto, não concorda com a decisão judicial e recorre, solicitando que ambos sejam acusados como autores do crime de tortura e homicídio da criança. O caso vai, então, a júri popular.

Membros do júri (alunos externos ao grupo): Ana Clara Vizeu, Gabriel Soares, Letícia Miranda, Luiza Diniz Araújo.

Os membros do júri devem eleger 1 juiz presidente para proferir a leitura e a justificativa da sentença.

Preparação para o Tribunal do Júri (103 minutos)	
Juiz abre a sessão.	5 minutos
Advogadas de acusação (promotoras) acusam a ré.	15 minutos (5 minutos para cada)
Advogados de defesa defendem o réu ou a ré.	15 minutos (5 minutos para cada)
Advogadas de acusação tomam a palavra e continuam a acusação.	9 minutos (3 minutos para cada)
Intervenção de testemunhas de acusação.	15 minutos (7,5 minutos para cada)
Advogado de defesa retoma a defesa.	9 minutos (3 minutos para cada)
Intervenção das testemunhas de defesa.	15 minutos (7,5 minutos para cada)
Jurados se reúnem fora do plenário e decidem a sentença, junto com o juiz.	10 minutos
Leitura e justificativa da sentença pelo juiz presidente.	5 minutos
Declaração de finalização da sessão.	5 minutos

APÊNDICE D – Tabela de *feedback* do júri simulado

Acusação:

Advogada 1:	3- Argumentação concisa, pouco clara e razoavelmente lógica das ideias, profundidade mediana dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.
Advogada 2:	3- Argumentação concisa, pouco clara e razoavelmente lógica das ideias, profundidade mediana dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.
Advogada 3:	3- Argumentação concisa, pouco clara e razoavelmente lógica das ideias, profundidade mediana dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.
Testemunha 1:	5- Argumentação concisa, clara e lógica das ideias, profundidade dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.
Testemunha 2:	5- Argumentação concisa, clara e lógica das ideias, profundidade dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.
Balço geral:	<ul style="list-style-type: none"> ● Boa compreensão do tema e dos papéis desempenhados; ● Usaram a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e o Adolescente; ● Excelentes testemunhas; ● Abertura da apresentação muito curta; ● Nervosismo mais aparente; ● Perguntou à testemunha se considerava a ré culpada; ● Faltou demonstrar maior profundidade em relacionar as leis e o caso; ● Faltou centrar o caso em uma tese, ou seja, faltou guiar os jurados convidados pelo ponto de vista que defendiam.

Defesa:

Advogada 1:	5- Argumentação concisa, clara e lógica das ideias, profundidade dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.
Advogada 2:	4- Argumentação concisa, clara e lógica das ideias, profundidade aceitável dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.
Advogada 3:	5- Argumentação concisa, clara e lógica das ideias, profundidade dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.
Testemunha 1:	5- Argumentação concisa, clara e lógica das ideias, profundidade dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.
Testemunha 2:	5- Argumentação concisa, clara e lógica das ideias, profundidade dos conhecimentos e argumentação alinhada com o papel desempenhado.
Balanco geral:	<ul style="list-style-type: none"> ● Demonstraram bom embasamento e profundidade no debate do caso; ● Guiaram os jurados por uma tese centrada na questão da violência doméstica e da Lei Maria da Penha; ● Retomaram o histórico da ré e do marido; ● Excelente escolha de testemunha (Abgail); ● Uso de <i>sententiae</i> e apelo ao público; ● Equívoco: apresentar a ré como testemunha; ● O discurso da segunda advogada focou muito na questão da “omissão” por parte da mãe, o que poderia atrapalhar o caso.

APÊNDICE E – Textos de abertura, organização e finalização de sessão do júri simulado lidos pelo juiz presidente com rubricas⁵⁹

JUIZ ABRE A SESSÃO – 5 minutos

Boa tarde! Saúdo a todas e todos presentes: à audiência de estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora, aos membros do júri, às testemunhas, à escritã e às advogadas de acusação e defesa.

Como juíza designada para esta função, declaro aberta a sessão, dando continuidade às sustentações orais relativas ao julgamento da solicitação de recurso à decisão judicial de [INSERIR AQUI DATA FICTÍCIA] da juíza [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO], do 2º Tribunal do Júri, que pronunciou os réus [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO] e [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO] por homicídio. De acordo com a pronúncia – procedimento empregado quando a Justiça entende que houve um crime contra a vida e determina que os réus vão a julgamento –, o [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO], [INSERIR AQUI VÍNCULO/PARENTESCO FICTÍCIO] seria julgado por homicídio triplamente qualificado com emprego de tortura, motivo torpe e impossibilidade de defesa da vítima. Já a [INSERIR AQUI VÍNCULO/PARENTESCO FICTÍCIO], [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO], responderia apenas por homicídio e omissão. [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO], pai da criança, impetra o presente recurso para que ambos sejam acusados como autores do crime de tortura e homicídio da criança. Estamos aqui reunidos hoje, portanto, com os réus *in absentia*, para julgar a procedência da solicitação de [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO] com o apoio do júri popular.

Recupero brevemente, para informação dos jurados, os antecedentes do caso: a vítima, [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO], morreu no dia [INSERIR AQUI DATA FICTÍCIA], aos [INSERIR AQUI IDADE FICTÍCIA], no apartamento onde morava com a mãe e o padrasto, na [INSERIR AQUI ENDEREÇO FICTÍCIO]. Segundo laudo do IML, deu-se o óbito em decorrência de uma hemorragia interna por laceração hepática por ação contundente. O mesmo laudo apontou ainda 23 outras lesões no corpo da criança.

Para que todos estejam cientes das etapas do processo, retomo aqui a estrutura da nossa condução: primeiramente, a promotoria procederá à acusação por até 15 minutos; em seguida, a defensoria terá o mesmo tempo para a réplica; somente após as trélicas e oitivas

⁵⁹ Os nomes, datas, endereços e informações específicas utilizados no júri simulado foram retirados com o objetivo de não dar visibilidade, fama ou notoriedade a autores de crimes nem aos seus feitos também não se pretende incentivar, mesmo que de maneira indireta, novos delitos como esses.

das testemunhas de cada parte, os jurados reunir-se-ão para decidir a sentença sob minha supervisão. Todos se consideram suficientemente esclarecidos? Convido, então, as promotoras do caso a ocuparem a tribuna.

Advogadas de acusação (promotoras) acusam a ré. 15 minutos (5 minutos para cada)

Advogados de defesa defendem o réu ou a ré. 15 minutos (5 minutos para cada)

Advogadas de acusação tomam a palavra e continuam a acusação. 9 minutos (3 minutos para cada)

Intervenção de testemunhas de acusação. 15 minutos (7,5 minutos para cada)

Declaro, portanto, o fim dos argumentos da acusação.

Advogado de defesa retoma a defesa. 9 minutos (3 minutos para cada)

Intervenção das testemunhas de defesa. 15 minutos (7,5 minutos para cada)

Declaro, portanto, o fim dos argumentos da defesa. Peço vênias da plenária para um à parte de 10 minutos com os jurados aqui presentes antes do veredito.

Jurados se reúnem fora do plenário e decidem a sentença, junto com o juiz. 10 minutos

Leitura e justificativa da sentença pelo juiz presidente. 5 minutos

A votação do Júri popular concluiu, por unanimidade, que a solicitação de recurso de [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO] deve ser julgada improcedente, em favor da defesa, portanto. Considerando os argumentos apresentados por ambas as partes nesta sessão, bem como o veredito final do corpo de jurados aqui reunidos, julgo improcedente o recurso impetrado por [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO] à decisão judicial de [INSERIR AQUI DATA FICTÍCIA] da juíza [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO], do 2º Tribunal do Júri, que pronunciou os réus [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO] e [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO] por homicídio. Disso resulta, portanto, que a tipificação do crime imputado ao réu, qual seja, homicídio triplamente qualificado, isto é, com emprego de tortura, motivo torpe e impossibilidade de defesa da vítima não se estende à ré. A decisão judicial de [INSERIR AQUI DATA FICTÍCIA], da juíza [INSERIR AQUI NOME FICTÍCIO], do 2º Tribunal do Júri, deve ser ratificada com base nas evidências e informações trazidas à luz neste processo. Esta decisão tem efeito jurídico imediato.

Declaração de finalização da sessão. 5 minutos

Tendo sido ouvidas todas as partes do processo, encerro esta sessão solene pelo poder a mim constituído e de acordo com as leis da constituição brasileira.

ANEXO A – Cronograma da disciplina Tópicos de Literatura Latina: Retórica (LEC152 – Departamento de Letras) da Universidade Federal de Juiz de Fora em 2023.1

CRONOGRAMA DE AULAS – 1º SEMESTRE 2023

MARÇO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

ABRIL						
D	S	T	Q	Q	S	S
			5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

MAIO						
D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

JUNHO						
D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

JULHO						
D	S	T	Q	Q	S	S
			5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22

23	24	25	26	27	28	29
30	31					

Data Atividades de MARÇO

15	Apresentação do curso: programa, bibliografia e avaliação;
22	CÍCERO, <i>Dos deveres</i> , 1.37-8; DINTER, 2023; CÍCERO, <i>Tópicos</i> , p. 9-41
29	CÍCERO, <i>Tópicos</i> , p. 43-81

Data Atividades de ABRIL

05	BARTHES, p. 3-45
12	BARTHES, p. 45-102
19	BUGALHO, até p. 62 (parte 1)
26	BUGALHO, p. 63-152 (partes 2 e 3)

Data Atividades de MAIO

03	PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 211-295 (terceira parte: as técnicas argumentativas, capítulo 1: os argumentos quase-lógicos)
10	Entrega do trabalho de meio-termo; discussão sobre a tarefa em sala de aula
17	QUINTILIANO, tomo IV, livro 11, p. 175-265 (até III- <i>pronuntiatio</i>)
24	QUINTILIANO, tomo IV, livro 11, p. 265-380
31	A ficção oratória das declamações: LOPES & MIOTTI, 2019; 2020

Data Atividades de JUNHO

07	PINTÓN & MIOTTI, 2022
14	Preparação para o júri simulado
21	Júri simulado: atividade formativa (com apoio da mestrandia Bárbara Gonçalves da Silva)
28	TÁCITO, <i>Diálogo dos oradores</i> (102 EC), p. 9-65

Data Atividades de JULHO

05/07	TÁCITO, <i>Diálogo dos oradores</i> , p. 65-121
16/07	Entrega do trabalho final
21/07	Último dia para lançamento de notas no SIGA